



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**EDUARDO NZINGA VIEGA**

**O discipulado como fundamento da evangelização  
limiar da radicalidade do Evangelho na Igreja**

**Dissertação final**

**Sob orientação de:**

**Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues**

**Lisboa**

**2025**

*Aos meus pais e irmãos.*

*A todos os meus familiares e amigos*

*Com carinho e gratidão dedico o meu eterno agradecimento.*

*Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos que transformação sofrerá o universo. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reina a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens. Então, vencida a morte, os filhos de Deus ressuscitarão em Cristo e aquilo que foi semeado na fraqueza e corrupção, revestir-se-á de incorruptibilidade; permanecendo a caridade e as suas obras. (GS 39)*

# Índice

Resumo/ Abstract.....	6
Siglas e abreviaturas .....	8
Introdução.....	9
<b>I - Fundamentos bíblico-teológicos: discipulado e evangelização .....</b>	<b>12</b>
1.1. Definição de Discipulado .....	17
1.2. Definição de Evangelização .....	20
1.3. O discipulado nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos .....	23
1.3.1. Discipulado de Jesus: uma visão a partir dos Evangelhos.....	25
1.3.1.1. Evangelho de Marcos .....	27
1.3.1.2. Evangelho de Mateus.....	29
1.3.1.3. Evangelho de Lucas.....	31
1.3.1.4. Evangelho de João .....	33
1.3.2. Atos dos Apóstolos .....	35
1.4. Gratuidade, Origem do Seguimento de Jesus.....	37
1.4.1. Natureza do Chamamento .....	37
1.4.2. O Chamamento ao Discipulado.....	40
1.4.3. Chamando os que Ele quis .....	42
1.4.3.1. Os Escolhidos de Jesus .....	44
1.4.3.2. Propósitos do Chamamento .....	46
1.4.3.3. Chamamento para Evangelizar .....	48
1.5. O ideal do Seguimento .....	50
1.5.1. A missão da Igreja à luz do reino de Deus .....	52
1.5.2. A presença do Reino .....	54
1.5.3. Missão e Boas Obras .....	55
1.5.4. O Reino de Deus e o mundo.....	57
<b>2. Práticas e desafios do discipulado .....</b>	<b>60</b>
2.1. O Discipulado com processo contínuo de Formação e Acompanhamento .....	63
2.1.1. Acompanhamento Espiritual .....	69
2.1.2. Acompanhamento Pessoal.....	72
2.1.3. O perfil do Acompanhador .....	74
2.2. Os Desafios no mundo Contemporâneos do Discipulado e da Evangelização ..	76

2.2.1.	Dificuldade na Formação de Discípulos.....	79
2.2.2.	Impacto da Secularização e do Individualismo no Seguimento de Cristo .....	81
2.2.3.	Respostas da Igreja aos desafios do Chamamento ao Discipulado .....	83
2.3.	Evangelização como Anúncio do Querigma .....	85
2.3.1.	Missão Integral .....	87
2.3.2.	Desafios do Discipulado em Contexto de diversidade social e cultural.....	88
2.3.3.	O Desafio da Unidade.....	90
3.	<b>Formação e acompanhamento na perspetiva da pastoral juvenil salesiana ...</b>	<b>92</b>
3.1.	A Pastoral ao Serviço do Evangelho .....	94
3.2.	Identidade da Pastoral Juvenil .....	98
3.3.	Pastoral Juvenil Salesiana.....	100
3.3.1.	Enviados aos Jovens .....	103
3.3.2.	Os Destinatários da Missão .....	105
3.3.3.	Protagonismo Juvenil .....	108
3.4.	O nosso Serviço Educativo-Pastoral .....	111
3.5.	Critério da Ação Salesiana.....	115
3.5.1.	Pastoral Juvenil sinodal .....	117
3.5.2.	Pastoral Juvenil popular .....	120
3.5.3.	Pastoral Juvenil Vocacional .....	122
	Conclusão .....	124
	Bibliografia.....	126

## **Resumo/ Abstract**

### Resumo

Esta dissertação aborda o tema do discipulado como fundamento da evangelização e o limiar da radicalidade do evangelho na Igreja. Visa, compreender como é que o discipulado se manifesta através da evangelização, principalmente no contexto da pastoral juvenil salesiana, onde a formação e o acompanhamento dos jovens se revelam como essenciais.

Este estudo explora o discipulado à luz da Sagrada Escritura, do magistério da Igreja e da tradição, ressaltando que a relação pessoal com Cristo qualifica o discípulo que pretende ser testemunha viva do Evangelho. A formação do discípulo envolve a vontade e a liberdade do jovem; só assim, ele poderá dar uma resposta consciente à vocação cristã, possibilitando-lhe tornar-se um agente de transformação e inspiração no seu meio.

O presente trabalho ao refletir a dimensão missionária e comunitária do discipulado, realça a importância da pertença à Igreja como lugar de serviço e de crescimento espiritual. Assim, o discipulado identifica-se não só como caminho de santidade pessoal, mas também como fundamento para a construção de uma cultura de comunhão e encontro essencial para a edificação dos valores do evangelho no mundo atual

Palavras-chave: discipulado, evangelização, Evangelho, pastoral juvenil salesiana, formação, missão, acompanhamento, testemunho e Igreja.

## Abstract

This dissertation explores the theme of discipleship as the foundation of evangelisation and the radical nature of the Gospel in the Church. It aims to understand how discipleship manifests itself through evangelisation, especially in the context of Salesian youth ministry, where the formation and accompaniment of young people is essential.

This study explores discipleship in the light of Sacred Scripture, the Church's magisterium and tradition, emphasising that a personal relationship with Christ qualifies the disciple who wants to be a living witness to the Gospel. The formation of a disciple involves the will and freedom of the young person; only in this way will they be able to give a conscious response to their Christian vocation, enabling them to become agents of transformation and inspiration in their environment.

In reflecting on the missionary and community dimension of discipleship, this work emphasises the importance of belonging to the Church as a place of service and spiritual growth. In this way, discipleship is identified not only as a path to personal holiness, but also as the foundation for building a culture of communion, and an essential encounter for building the values of the Gospel in today's world

Keywords: discipleship, evangelisation, Gospel, Salesian youth ministry, formation, mission, accompaniment, witness; Church.

## Siglas e abreviaturas

AA – *Apostolicam actuositatem*. Decreto sobre o apostolado dos Leigos

CCE – Catecismo da Igreja Católica

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribe

ChV – *Christus Vivit*, Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Francisco dirigida aos jovens

CL – *Christifideles laici*. Exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II, sobre os leigos

CNBB Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil

CT– *Catechesi tradendae*. Exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II, sobre a catequese

DAP – Documento Aparecida

DCE – *Deus Caritas Est*. Encíclica do Papa Bento XVI sobre o amor cristão.

CDSI – Doutrina social da Igreja

EG– *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual

EN– *Evangelii nuntiandi*. Exortação apostólica de Paulo VI sobre a Evangelização

EV – *Evangelium Vitae*. Carta encíclica João Paulo II, Valor e a Inviolabilidade da Vida Humana

GS – *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo contemporâneo.

LG – *Lumen Gentium*. Constituição dogmática sobre a santa Igreja

RM – *Redemptoris missio*. Encíclica missionária de João Paulo II.

SRS – *Sollicitudo rei socialis*. Encíclica social de João Paulo II.

## Introdução

A Sagrada Escritura é, em toda a sua amplitude, uma fonte riquíssima de textos que descrevem como o anúncio do amor de Deus pela humanidade foi sempre grandioso e insubstituível. Deus não só acompanhou a história humana, como fez dela a Sua própria história, já que se dignou participar nela, de maneira única, através do Seu Filho Unigênito. Ao fazer-se homem, Jesus assumiu tudo o que é próprio da condição humana, exceto no pecado, a fim de elevar a humanidade à sua verdadeira vocação de participar na intimidade com Deus. De facto, a novidade de Cristo e a alegria da Boa Nova não podem ficar armazenadas, acomodadas e nem privatizadas, uma vez que são elemento essencial para a realização plena da salvação da humanidade. Este anúncio é de tal forma contagiante e transformador que se torna impossível não o partilhar.

O encontro autêntico com Cristo fundamenta a nossa relação insondável com Deus e torna-nos responsáveis pelos outros. A Igreja, ciente da sua exigência de dar a conhecer Cristo e a Sua palavra, assumiu desde o início o compromisso de anunciar Jesus. Tal compromisso permite que a Sua mensagem possa chegar a todos, de modo a transformar a vida daqueles que a acolhem.

A relação da Igreja com Jesus é uma relação de intimidade itinerante, uma vez que se transforma em comunhão que encerra, como essencial, a dimensão missionária. Por isso, a Igreja, «fiel ao Seu Mestre, anuncia o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (EG 23). Este dinamismo missionário confere à Igreja o dever de anunciar sempre e em toda a parte Jesus Cristo «sacramento universal da salvação oferecida por Deus» (EG 112). Isso faz da Igreja, mais do que uma instituição hierárquica e orgânica, o Povo de Deus «que peregrina para Deus» (EG 111).

Neste âmbito, a evangelização torna-se a tarefa constitutiva da Igreja, mediante o *discipulado* — o cerne da experiência cristã e fundamento da missão que Cristo lhe confiou. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ressalta: «Não pode haver verdadeira evangelização sem o *anúncio explícito* de Jesus como Senhor» (EG 110).

O presente trabalho situa-se dentro deste imenso desafio do anúncio do Evangelho a todas as criaturas. Esta tarefa exige, contudo, um amplo testemunho autêntico de vida. A dissertação *O Discipulado como Fundamento da Evangelização, Limiar da radicali-*

*dade do Evangelho na Igreja* propõe-se estudar o *discipulado* enquanto vivência do seguimento radical, individual e comunitário de Jesus Cristo. Tal seguimento supõe a profunda compreensão da Boa Nova e a consciência de ter sido chamado a difundi-la. Neste trabalho, apresentam-se alguns dados fundamentais de caráter bíblico, teológico e pastoral, a fim de fazer compreender o modo como se deve realizar o *discipulado* de modo que este se torne a base estrutural da vida cristã, tendo como o ponto de partida a missão evangelizadora da Igreja.

A dissertação está estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentar-se-ão algumas noções importantes para a compreensão do *discipulado* e da *evangelização* desde a sua compreensão bíblico-teológica, mostrando como as Escrituras e a Tradição Cristã compreendem o seguimento de Cristo. A partir desta base, procuraremos identificar os dados fundamentais da evangelização e do chamamento cristão. Iremos, por isso, mostrar que o *discipulado* não é apenas um convite para conhecer Cristo, mas um compromisso de viver e testemunhar a Sua mensagem em todas as dimensões da existência.

No segundo capítulo, procuramos expor as exigências do *discipulado*, pondo em realce, primeiramente, o processo da formação espiritual e do acompanhamento pessoal, como resposta à radicalidade do seguimento de Cristo e, depois, aprofundando os desafios que o mundo contemporâneo impõe ao *discipulado* e à evangelização.

Por fim, no terceiro e último capítulo, damos uma particular atenção à pastoral juvenil salesiana — um campo extraordinário para a aplicação dos princípios acima apontados sobre o *discipulado* e a evangelização, como forma de colocar, dentro do processo educativo, toda a riqueza que promana do *discipulado* de Cristo.

A pastoral salesiana concebe um modelo eficaz para formar discípulos de Cristo capazes de testemunhar a fé em ordem à transformação da sociedade; de facto, ela quer ser um modelo paradigmático de evangelização do mundo juvenil, enquanto considera como essencial, neste assunto, o protagonismo dos próprios jovens.

Desse modo, a presente dissertação não se propõe chegar a uma conclusão final ou gerar consensos, mas abordar um desafio incontornável. As reflexões que se seguem não devem ser interpretadas sob uma perspectiva dogmática ou sacramental, mas como

um contributo à ação pastoral, oferecendo uma sinergia para a compreensão e para a vivência do discipulado e da evangelização.

## I - Fundamentos bíblico-teológicos: discipulado e evangelização

Neste primeiro ponto da dissertação, analisaremos os princípios bíblico-teológicos do discipulado e da evangelização, explorando tanto as bases bíblicas quanto os preceitos e diretrizes propiciados pelos documentos da Igreja. Este diagnóstico proporciona-nos uma base sólida acerca da construção do discipulado e da evangelização na fé cristã. Jesus, ao iniciar o seu ministério público na Galileia, quis contar com discípulos que o acompanhassem e seguissem no seu ministério, proclamando o reino de Deus. Instruiu os discípulos sobre como anunciar a Boa Nova a todos as nações, manifestando o seu plano salvífico: «Que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4).

Durante seu ministério público, desde a Galileia, Jesus constitui um movimento heterogêneo de discípulos entusiasmados com os seus ensinamentos sobre o reino de Deus, a fim de concluir o plano salvífico de Deus para toda humanidade. Consequentemente, este; «movimento diversificado de seguidores entusiasmados com Jesus, proclamam a proximidade do reino de Deus, seguindo a uma ligação a Ele, e com diversos níveis de envolvimento pessoal (cf. Mc 4,12-1.10)». <sup>1</sup> Assim, este nível de envolvimento, constitui-se em si, uma experiência no mistério de Deus, que suscita nos discípulos um agir que não será mais dele, mas um agir ligado no mesmo movimento do agir de Deus. Por outro lado, esse movimento do agir de Deus, vincula a mensagem radical do chamado ao discipulado.

Entretanto, o propósito de Jesus é estabelecer um convite, uma missão e um destino, de transformação. Uma transformação que converte todos em «discípulos missionário do Senhor; que compartilham corajosamente o seu caminho, indo atrás dele e de sua cruz, no seguimento pessoal». <sup>2</sup> Isso se efetiva na participação completa no reino de Deus, exigindo renúncia e decisão radical. Renúncia de si mesmo para viver uma vida em Deus: «renunciar a tudo o que está para trás para entrar no Reino. As parábolas do Tesouro no Campo e da Pérola Preciosa ilustram essa atitude e a alegria que brota, no anúncio do Reino (cf Mt 13, 44-46)». <sup>3</sup> Se acreditarem em Jesus e reconhecerem como a consumação

---

<sup>1</sup> Juan José Bartolomé, *Vinde após Mim: Traço específicos do seguimento de Jesus* (Madrid: CCS, 2020), 8.

<sup>2</sup> George Augustin, *Por uma Igreja em saída: Impulso da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, trad. António Maia Rocha (Petrópolis: Vozes, 2019), 8.

<sup>3</sup> Augustin, 17.

do reino de Deus, os discípulos tornam-se testemunhas fiéis e portadores e meios credíveis da experiência de Deus.

Vale ressaltar que a confissão de fé em Jesus é o distintivo de todos os que acreditam na sua mensagem. Assim os discípulos têm o dever de seguir Jesus mais de perto, ensinar e aprender, testemunhar a fé, servir, evangelizar, viver em comunidade e cultivar uma vida de oração:

O discípulo é alguém que tomou uma decisão de seguir a Cristo e assumiu o compromisso de O servir, de se submeter a ele com fé e obediência. Desde que, se faça deste distintivo seu objeto e um caminho de transformação. É, justamente desta transformação que acontece a participação no mistério do discipulado de Jesus Cristo.<sup>4</sup>

É importante notar que o ser do discípulo tem a sua origem no âmago do chamado de Jesus, onde o discípulo se torna testemunho da mensagem do Evangelho, em harmonia com o mandato de Jesus: «Ide, fazei discípulos todos os povos, batizando-os no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). Ser cristão é ser discípulo e mensageiro da Palavra. O nome pelo qual são chamados, aponta para o Mestre, aquele que desejam seguir e anunciar: assim, são cristãos, discípulos e seguidores de Cristo.

Os seus objetivos tornam-se os mesmos objetivos do mestre: a transmissão do Reino de Deus e o conhecimento do projeto salvífico, segundo o desígnio de Deus. Esta missão que implica sacrifício e uma mudança radical, uma vez que; «a missão tem a sua origem numa experiência que muda nossa vida e aponta para um rumo definitivo: o encontro com Cristo».<sup>5</sup> Esse encontro faz-se presente, por meio da experiência real e profunda com Jesus Cristo, tornando-se assim parte constitutiva da vida da Igreja e da identidade cristã.

Alem disso, a missão enviada por Deus e dada por Jesus aos seus discípulos é intrínseca à missão da Igreja: a missão é «o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu fundador» (EN 51). Isto é; «a Igreja reanima-se constantemente com a sua inspiração mais profunda, aquela que lhe provém diretamente do Senhor: ide por todo o mundo! A toda a criatura! E até às extremidades da terra» (EN 50).

---

<sup>4</sup> Gildásio J. B. dos Reis, *Elementos essenciais para o educador cristão fundamentos Bíblico, Teológicos e Pedagógicos para o ensino e o discipulado* (Rio de Janeiro: God Books, 2024), 34.

<sup>5</sup> Benedito Beni Santos, *Evangelizar com Papa Francisco Comentário à Evangelii Gaudium* (São Paulo: Paulus, 2014), 14.

Isto significa que ser discípulo de Jesus é muito mais que tomar a decisão de fazer parte de uma Igreja, ou decidir aceitar Jesus e abraçar todas as suas crenças. Podemos dizer «que o discípulo é alguém que, arrependido de seus pecados, tomou a decisão de receber Jesus como seu Senhor e Salvador, renunciando à sua própria vida e, em plena submissão a Jesus, de assumir o compromisso radical de continuar a crescer na sua vida cristã»,<sup>6</sup> não por obrigação, mas por decisão livre e pessoal.

Sem dúvida, esta afirmação está plenamente em harmonia com o que nos transmite a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* que ressalta: «a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele, que nos impele a amá-lo cada vez mais» (EG 264). Assim, evangelizar não se restringe a ensinar uma doutrina, mas consiste em anunciar Jesus Cristo com palavras e ações, tornando-se, deste modo, um instrumento da sua presença e ação no mundo.

A esta finalidade a *Evangelii Gaudium* acrescenta ainda:

Anunciar Cristo significa mostrar que crer n'Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Nesta perspectiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma, sendo algo que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus (EG 167).

Por outro lado, George Augustin, em uma abordagem declarativa sobre a urgência do anúncio da Boa Nova como tarefa indispensável da Igreja, descreve:

A Boa Nova que temos de anunciar é o amor de Deus que se tornou visível de modo insuperável, e de uma vez por todas, em Jesus Cristo. Como Igreja, a nossa tarefa não é anunciarmo-nos a nós próprios, mas anunciar Jesus Cristo. Só Cristo pode mostrar o caminho comum em direção ao futuro.<sup>7</sup>

É natural que a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* nos diga: «Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor e sem existir uma primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização» (EG 110). Isto demonstra que «a evangelização é a resposta a um anseio, a uma busca»<sup>8</sup>, e é em função desta busca e desses anseios, que brota, em cada discípulo, a vontade de responder à missão profética de Jesus Cristo.

---

<sup>6</sup> J. B. dos Reis, *Elementos essenciais para o educador cristão fundamentos Bíblico, Teológicos e Pedagógicos para o ensino e o discipulado*, 37.

<sup>7</sup> Augustin, *Por uma Igreja em saída: Impulso da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 65.

<sup>8</sup> Santos, *Evangelizar com Papa Francisco Comentário à Evangelii Gaudium*, 25.

É evidente que «o entusiasmo posto no anúncio de Cristo deriva da convicção de responder a esta ânsia» (EG 265). Esse entusiasmo nasce de uma experiência de encontro com Cristo, que se expressa numa imensa gratidão. E na vontade urgente de partilhar com os outros o que se alcançou de forma tão abundante. Evangelizar, desta forma, não é apenas uma tarefa, mas uma missão alavancada pela paixão de levar a Boa Nova a todos.

Além disso, os anseios respondem à missão de Jesus Cristo, respondendo à singularidade do chamamento e à centralidade da sua missão no mundo, agindo sempre em total concordância com o centro da sua identidade e da sua missão.

A fim de, estabelecer o testemunho do ministério e da ordem de Jesus: «Ide, fazei discípulos todos os povos, batizando-os no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. Eu estou convosco todos os dias, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 19-20).

Em Atos 1, 8, além disso, Jesus renova a promessa de Deus de capacitar todos os seus discípulos por meio do envio do Espírito Santo. «Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até os confins do mundo» (At 1,8).

Desse modo, a adesão a Jesus Cristo, a Verdade e a Vida, deve realizar-se também no seguimento que se manifesta no comportamento do discípulo. Este chamamento implica um compromisso diário de viver de acordo com os ensinamentos de Cristo, sendo testemunha do seu amor e da sua mensagem, e irradiando-a com a mesma força que o Espírito Santo nos presenteia. O discípulo, desta forma, não é apenas alguém que escuta, mas alguém que testemunha e vive a verdade que recebeu, estendendo-a até aos confins da terra.

Observamos muitas evidências de que a evangelização é força que reaviva e renova a fé, perante os novos desafios e abordagens das sociedades. Neste mesmo contexto, e perante os seus desafios também encontramos provas claras de que o discipulado tem origem na vida de Jesus Cristo. Por isso, uma vida identificada com Jesus Cristo é uma vida chamada a servir à luz da Palavra de Deus.

Deste modo, a missão de Cristo torna-se tanto a génese quanto a finalidade do discipulado e do chamado universal, que abrange todos os fiéis na participação ativa da missão. Este chamamento, leva a: «seguir, anunciar, com convicção e coragem, a morte e a ressurreição de Cristo pela Salvação».<sup>9</sup>

Este compromisso representa em si mesmo o desafio da mensagem de Cristo, requer dos discípulos não apenas a adesão, como também o testemunho constante e vivo da fé. É, portanto, sinónimo da evangelização e do discipulado, ambos estão inteiramente ligados como manifestação da verdade e do amor que todos são chamados a partilhar e a viver com o mundo.

Em conclusão, antes de aprofundarmos propriamente os fundamentos bíblico-teológicos sobre o discipulado e a evangelização, é útil compreendermos o conceito e o significado destes termos. Isso nos ajudará a compreendermos melhor as temáticas que se seguem.

---

<sup>9</sup> Santos, 16.

## 1.1. Definição de Discipulado

O discipulado, no âmbito do seguimento de Cristo, é um tema que supõe possuir uma profunda autoridade na fé cristã, é uma missão integral no compromisso de seguir os exemplos e os ensinamentos de Jesus. Nesta alínea, vamos explorar a relevância e o significado do discipulado. Inicialmente, é imprescindível entender de maneira clara o sentido do termo discípulo, a fim de, *a posteriori*, se alcançar uma percepção cabal da prática do discipulado.

Iniciando com a proposta de David Fardouly e Bod Gordon, a palavra discipulado tem a sua raiz na palavra “discípulo”, que significa:

O que aprende a instrução de outro originalmente utilizada no mundo secular grego para exprimir a aprendizagem dum artesão; um discípulo não era simplesmente um aluno, mas um seguidor comprometido e imitador do seu mestre. No contexto cristão, ser discípulo de Jesus implica segui-lo, aprender com Ele e viver de acordo com seu exemplo.<sup>10</sup>

Neste mesmo paradigma, o comentário bíblico «Vida Nova» de Lothar Coenen e Colin Brown afirma que a expressão *discipulado cristão* pode entender-se de duas maneiras: «a primeira como o ato de seguir Jesus e a segunda como o ato de ajudar alguém a seguir Jesus».<sup>11</sup>

O relato de Mateus (28.19) transmite a ação do discipulado na seguinte orientação: «fazei discípulos». Trata-se de uma questão que aparece tanto no Evangelho como nos Atos, vinculada ao ministério de Jesus. Ademais, o termo discípulo é antigo, e assume frequentemente a relação entre o mestre e o aprendiz. Como já se disse, a ideia de discipulado tem raízes em várias tradições religiosas e culturais.

Os homens dependem uns dos outros, e suas vidas, de muitas maneiras, se moldam umas pelas outras. Às vezes, o discipulado surge a partir de um relacionamento casual, de um companheiro ou de um dependente que se mostra interessado... Outras vezes pode originar-se, porém, dum relacionamento mais duradouro, como o de um aluno ou discípulo para com o seu mestre ou professor.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Bob Gordon e David Fardouly, *Os Fundamentos da Vida Cristã: Um Guia Prático para o Crescimento Cristão* (españa: Carisma, 1994), 9.

<sup>11</sup> Christian Blendinger, «Discípulo, Seguir, Imitar, Após», em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), 579.

<sup>12</sup> Blendinger, 578.

Contudo, é fundamental destacar que o conceito de discipulado no cristianismo tem a sua origem no ato de seguir Jesus.

No chamamento ao discipulado feito por Jesus; não se trata, porém, dum relacionamento de aprendizagem do qual o discípulo posteriormente pode separar-se como mestre (cf Mt 23,8). Seguir a Jesus como discípulo exige sacrificar de modo incondicional a vida inteira (Mt 10,37; Lc 14, 26-27; cf. Mc 3,31-35; Lc 9, 59-62); É seguir Jesus “para a totalidade de sua vida (Mt 10,24-25; Jo 11,16);” ser um discípulo significa, estar vinculado a Jesus e cumprir a vontade de Deus.<sup>13</sup>

De facto, para se compreender o conceito e a finalidade do discipulado quatro termos são importantes: discípulo, seguir, imitar e após. Essas palavras estão, justamente vinculadas ao discipulado, e aplicam-se mormente aos seguidores de Jesus e descrevem a vida da sua fé nos ensinamentos do Mestre.

Seguir indica a ação de um homem que responde ao chamamento de Jesus, e cuja vida recebe novas diretrizes em obediência ao seu Mestre. Discípulo é alguém que ouviu o chamamento de Jesus e se torna Seu seguidor. Imitar enfatiza principalmente a natureza de um tipo específico de comportamento, modelado por outra pessoa. A preposição após exprime a característica do discípulo que, após o chamamento, se dispôs a andar com Jesus.<sup>14</sup>

Contudo, é necessário referir que a transmissão de Jesus está profundamente caracterizada pelo chamamento à evangelização.

Não se pode negar que o discipulado foi uma instituição típica: foi, na verdade, a primeira a surgir da atuação evangelizadora de Jesus de Nazaré, foi uma das poucas iniciativas verdadeiramente queridas por Ele, e foi o primeiro resultado tangível de sua atuação pública, embora não tenha sobrevivido. A tradição evangélica lembra que, logo a seguir à prisão do Mestre, todos os seus discípulos o abandonaram e fugiram (Mc 14, 50; Mt 26,56). O trágico fim da vida de Jesus causou o final nada exemplar do discipulado histórico.<sup>15</sup>

Reforçam esta ideia Desmond e Brian, ao abordar este acontecimento: «Os discípulos são retratados a fugir de atitudes ousadas, como mostra o relato da negação de Jesus por Pedro. A exortação à firmeza no discipulado revela uma face da origem do evangelho».<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Dietrich Muller, «Aprendiz, aluno, discípulo, aprender», em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), 586.

<sup>14</sup> Blendinger, «Discípulo, Seguir, Imitar, Após», 578.

<sup>15</sup> Bartolomé, *Vinde após Mim: Traço específicos do seguimento de Jesus*, 11.

<sup>16</sup> Darrell. L Bock, «Lucas», em *Novo dicionário de teologia bíblica* (São Paulo: Vida, 2009), 407.

Jesus adverte que o seguimento não seria seguimento fácil indicando que «os empecilhos ao discipulado incluem não apenas a confiança em recursos, como também o temor da opinião de outrem (12,1-12) e os cuidados da vida (8.14)». <sup>17</sup> Deste modo, entender o discipulado de Jesus requer reconhecer que o chamamento a ser discípulo está a todo o momento associado ao chamamento ao serviço. «Este serviço leva o discípulo aos mesmos perigos a que o Mestre se expôs». <sup>18</sup> Jesus, ao chamar seus discípulos, não lhes ofereceu apenas promessas de segurança ou tranquilidade, revelou-lhes igualmente os perigos e as dificuldades inerentes a essa missão

Neste ponto de vista, Samuel Whitefield escreve: «O discipulado deve começar com o conhecimento de Deus e da revelação da Sua beleza na pessoa de Jesus». <sup>19</sup> O discipulado, por conseguinte, deve ser movido por esses princípios que busquem a essência do seguimento de Jesus Cristo e que residem no dever testemunhar o Senhor ao longo de toda a vida.

Viver continuamente segundo a palavra de Jesus, confiar sem quaisquer reservas a sua vida ao Senhor, viver uma relação frutífera com Jesus (Jo 15,4-5), estar comprometido por um amor incondicional ao Mestre, dispondo-se como ele ao sacrifício pelos outros (Jo 13,34-35) e dedicar-se ao cumprimento da missão do próprio Cristo (Mt 28, 18-20). <sup>20</sup>

Em suma, a palavra *discipulado* tem origem na palavra discípulo que significa seguidor comprometido a imitar o seu mestre. Um discípulo é um aprendiz, um aluno. Em contexto cristão, a palavra designa alguém que segue Jesus, priorizando os seus ensinamentos, vivendo segundo o seu exemplo. Trata-se de um chamamento que transforma drasticamente a vida da pessoa

Assim, o chamamento ao discipulado só se cumpre na medida em que um homem se deixa assenhorear por Cristo de modo a deixar-se passar pela transformação que uma existência sob o Senhorio de Cristo implica. «O significado do discipulado é este: é Jesus quem vai à frente, a indicar o caminho». <sup>21</sup> Orientando-nos para o serviço de Deus e dos outros.

---

<sup>17</sup> Bock, 408.

<sup>18</sup> Muller, «Aprendiz, aluno, discípulo, aprender», 586.

<sup>19</sup> Samuel Whitefield, «Discipleship begins with Beholding» (One King, 2020), 9.

<sup>20</sup> Gordon e Fardouly, *Os Fundamentos da Vida Cristã: Um Guia Prático para o Crescimento Cristão*, 10.

<sup>21</sup> Wolfgang Bauder, «Atrás, depois, de trás», em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), 590.

## 1.2. Definição de Evangelização

A evangelização, que constitui uma temática essencial para a fé, inclui o chamado, a proclamação do Evangelho e o convite. Neste âmbito, iremos analisar a definição de evangelização à luz da perspectiva bíblica e dos documentos da Igreja, salientando a sua importância para quem foi chamado ao discipulado.

No Antigo Testamento, ao lado dos verbos *ensinar* e *proclamar*, surge também frequentemente a palavra “evangelizar”; neste caso, significa o anúncio da mensagem de júbilo, comparável à vitória numa batalha ou ao nascimento de um filho. O termo começa a adquirir conotações religiosas com as profecias de Isaías: «Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que proclama boas novas e anuncia a salvação» (Is 52,7).

Isaías manifesta o anúncio e a evangelização, assumindo o discipulado de Deus, quando transmite a sua vocação de profeta: «O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e a proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos» (Is 61, 1). Podemos afirmar que a experiência de Isaías representa uma das experiências embrionárias da evangelização.

Sobre o mesmo fundamento, o *Dicionário Bíblico Vida Nova* comenta: «Partindo de uma visão milenar, a vinda do Senhor será seguida pela evangelização do mundo, pelo retorno total de Israel e pelo estabelecimento de Jerusalém como capital do mundo e centro da peregrinação».<sup>22</sup> A palavra evangelização emergiu do ambiente original em que a palavra foi usada:

O verbo grego «euangelizesthai» significa “anunciar boas-novas”; o termo encontra-se 52 vezes, no Novo Testamento. O substantivo “euangelion,” portanto significa “boas-novas”. Ocorre 72 vezes, no Novo Testamento, e especialmente em Paulo. O substantivo evangelistas, aparece somente três vezes (At 21,8; Ef 4.11; 2Tm 4.5). Assim sendo, Evangelização significa, deste modo, “compartilhar ou anunciar boas-novas”. Como tal, o termo não pode ser definido em termos de métodos em particular; os métodos podem variar amplamente, desde que, que o seu significado seja adequado à mensagem (boa) a ser proclamada (2Co 2.17;4.2,5). Tampouco o Evangelho deve ser definido em termos de bom resultado.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Derek Kidner, «Os Profetas», em *Comentário Bíblico Vida Nova* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 819.

<sup>23</sup> J. D Douglas, J. I Packer, e J. R. W Stott, «Novo Dicionário de Teologia», em *Novo dicionário de teologia* (São Paulo: Hagnos, 2011), 1043.

O termo *evangelização* vem justamente da palavra Evangelho na qual se configura dentro do âmbito da ação de difundir o evangelho; assim; evangelização é o ato ou efeito de evangelizar, de pregar e difundir o evangelho; como se vê, o termo está muito presente na noção do discipulado, enquanto configura a ação do discipulado: pregar e difundir. Por isso; «a verdadeira missão do povo de Deus é sair, disseminar a Palavra, testemunhar, evangelizar, falar de Jesus às pessoas e apresentar o que é preciso fazer para ser salvo».<sup>24</sup>

Vale ainda ressaltar que a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* traz um referencial importante da dimensão e do processo da evangelização dentro da comunidade, refere justamente que: «Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo» (EG 176), é colocar «no próprio coração do Evangelho a vida comunitária e o compromisso com os outros» (EG 177).

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. Lc 10, 17). E glorificam-na a cada sinal ao pregá-la; vive-a o próprio Jesus que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (EG 21).

Todavia, «não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus Cristo» (EG110). Nesta mesma abordagem a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* transmite a noção de evangelização dentro do paradigma do anúncio de Jesus frente a mudanças e a manifestações temporais do mundo contemporâneo. Paulo VI reitera que «Pode-se, assim, definir a evangelização em termos do anúncio de Cristo àqueles que o desconhecem, em forma de pregação, de catequese, de batismo e de outros sacramentos que hão de ser conferidos» (EN 17).

Entretanto, é necessário também salientar que a evangelização tem um referencial muito importante perante o domínio inerente do anúncio frente as mudanças sociais e perante o domínio da teologia contemporânea. Sobre este domínio da evangelização em contextos contemporâneos, o teólogo protestante John Stott salienta:

O mandato para a evangelização do mundo está disseminado por toda a Bíblia, a começar pela própria criação de Deus, já que é por causa da criação que todos os seres humanos são responsáveis perante Ele; no modo de ser Deus (sociável, amoroso, compassivo, desejoso de que ninguém se perca, mas que todos cheguem ao arrependimento. Tal mandato está também presente nas promessas de Deus a Abraão de que todas as nações serão abençoadas a partir dos seus descendentes que se tornarão herança do Messias, e do Cristo de Deus (exaltado com autoridade universal e aclamado

---

<sup>24</sup> Christopher J. H. Wright, *A missão do povo de Deus uma teologia bíblica da missão da Igreja* (São Paulo: Vida Nova, 2012), 189.

por todos os povos, e do Espírito de Deus (que convence do pecado, que dá testemunho de Cristo e impele a igreja a evangelizar) e da Igreja de Deus (que é uma comunidade missionária multinacional, incumbida de evangelizar até que Cristo volte).<sup>25</sup>

Enfim, a evangelização, conforme é definida pela perspectiva bíblica e pelos documentos da Igreja, tem de se encarar como o compromisso essencial da comunidade eclesial, que implica o anúncio do Evangelho e o convite à conversão. É uma missão para testemunhar o amor de Deus.

---

<sup>25</sup> Wright, 56.

### 1.3. O discipulado nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos

O discipulado nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos oferece uma perspectiva integral e dinâmica quanto ao discipulado como anúncio do reino de Deus. Nos quatro Evangelhos encontramos a experiência embrionária do chamamento de Jesus. E os Atos, dos Apóstolos são justamente, a continuidade da primeira experiência embrionária do discipulado de Jesus. Depois da ressurreição e da ascensão, Jesus enviou-lhes o Espírito Santo para os capacitar na espantosa obra da Evangelização.

A palavra “discípulo” aparece nos quatro Evangelhos e no Livro dos Atos dos Apóstolos. É usada aproximadamente 250 vezes. Todavia, examinar o modo como cada livro usou esta palavra ajudar-nos-á a entender melhor o conceito do discipulado. O carácter do discipulado de Jesus nos evangelhos assume a renúncia como uma identidade própria: «Jesus disse aos seus discípulos: se alguém quiser vir comigo renuncie-se a si mesmo, tome sua Cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la, mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, irá recobrá-la» (Mt 16,24-25). É neste âmbito que o evangelista Lucas apresenta o desafio e o custo do discipulado, dizendo:

Seguiam com ele grandes multidões; e Jesus, voltando-se para elas, disse-lhes: «Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até mesmo à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo» (Lc 14,25-35).

É necessário pensar que o discipulado e a evangelização são paradigmas dos quatro Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos. Todas as abordagens dos quatro Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos concorrem para o arrependimento, o ensino e a adesão total no mistério de Deus. Atentemos no que nos diz o *Comentário Bíblico Vida Nova* de Garson.

Uma leitura sensível de cada um dos quatro Evangelhos dá-nos uma visão valiosa sobre a fé e o pensamento de cada um dos escritores e sobre as questões que lhes dizem respeito, em especial, para as igrejas a quem o evangelista se dirige. No entanto, o principal objetivo destes homens não foi o de escrever para si mesmos. Eles escreveram para ajudar as pessoas a conhecer melhor Jesus. Seus livros não se destinavam a promover a sua compreensão teológica em si mesma, mas para incentivar a fé e o discipulado.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> R. T. França, «Os quatro Evangelho», em *Comentário Bíblico Vida Nova* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 1101.

Enfim, é preciso compreender que o discipulado tanto nos evangelhos quanto nos Atos dos Apóstolos, está ligado diretamente ao aprendizado, e apresenta-se como caminho radical. Os Evangelhos apresentam um discipulado caracterizado pelo chamado pessoal de Jesus e pela formação dos discípulos. Enquanto que nos Atos dos Apóstolos, vemos o discipulado num paradigma missionário e comunitário partindo do princípio da responsabilidade contínua na obra salvífica.

### 1.3.1. Discipulado de Jesus: uma visão a partir dos Evangelhos

O discipulado de Jesus, de acordo com o conteúdo dos Evangelhos, é um caminho de crescimento e transformação. É, portanto, um chamamento que os discípulos assumem com compromisso e mudança radical. A «mudança radical acompanha a fé e a Boa-Nova. Uma mudança que exige que se dispa a roupa imunda do velho homem e se vistam as roupas que trazem o aroma da semelhança com Cristo».<sup>27</sup>

Vale ressaltar que os Evangelhos giram em torno do acontecimento e da experiência do chamamento de Deus; são livros escritos por pessoas, sob inspiração divina, que acreditaram, e que fizeram experiência de Deus como discípulos anunciadores da Palavra. Os Evangelhos não são biografias, não procuram apresentar um desenvolvimento psicológico. O seu objetivo é o de incentivar e orientar em direção a um discipulado. É o que Christopher transmite:

A própria natureza do Evangelho é o facto de ele ser uma boa-nova que simplesmente tem de ser anunciada, conforme vimos, por intermédio de suas raízes bíblicas em Isaías 52,7. O Evangelho, portanto, deve ser ouvido como a “palavra da verdade” (Ef 1, 13; Cl 1.5-23) e, ao ser ouvido, precisa de ser recebido e acolhido pelo que ele é (1Ts 2, 13).<sup>28</sup>

Por conseguinte, os quatro Evangelhos podem considerar-se como quatro testemunhos do processo do discipulado e da evangelização; cada um deles põe em realce alguns aspetos da vida de Jesus e do seu ministério que permite aos discípulos e a todos os que não conhecem a mensagem de Jesus de forma experiencial, que possam a entrar dentro da Sua história e da Sua vida.

A leitura pessoal de cada um dos quatro Evangelhos proporciona uma visão que enriquece a fé pessoal, enquanto permite conhecer a riqueza da mensagem do Mestre. Isto constitui um pecúlio precioso para os leitores individualmente ou em grupo e de modo especial para a Igreja, para a qual os Evangelhos foram escritos.

Na verdade, os evangelistas escreveram para ajudar as pessoas a conhecer melhor Jesus. Seus livros promovem uma compreensão teológica, num paradigma do incentivo da fé e do discipulado. João escreveu: «Estas coisas são escritas para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e para que, crendo, tenhais vida em seu nome» (20, 31). De

---

<sup>27</sup> Wright, *A missão do povo de Deus uma teologia bíblica da missão da Igreja*, 232.

<sup>28</sup> Wright, 231.

facto, quanto se olha para os Evangelhos nota-se exatamente que o objetivo dos quatro evangelistas foi o mesmo.

Eles tiveram como alvo principalmente os leitores não-cristãos, a fim de também eles virem a ser conquistados para a fé; os evangelistas pensavam também, com certeza, nas comunidades cristãs que sentiam a falta de instrução e incentivo para porem em prática a sua profissão de fé.<sup>29</sup>

Sem dúvida que uma boa abordagem dos Evangelhos reflete-se sempre na vivência mais profunda e proveitosa da mensagem de Deus com o discipulado e com a evangelização. Por exemplo:

A teologia de Lucas aparece na força criadora da palavra de Deus, na proeminência do Espírito Santo como guia da Palavra de Deus, na humanidade de Jesus muito voltada para os outros, e na ênfase que imprime a certos temas, tais como: a compaixão e a misericórdia, a oração, o discipulado, o universalismo, a liderança feminina nas comunidades cristãs, a inculturação e a solidariedade gratuita e libertadora.<sup>30</sup>

Também é evidente que os Evangelhos diferem entre si, quanto à transmissão da noção de evangelização e do discipulado. Por exemplo:

O relato joanino sobre o chamamento dos primeiros discípulos é bem diferente do relato que se verifica nos evangelhos sinópticos. A harmonização padrão é a de que Jesus, primeiramente chamou os discípulos, mas que, logo a seguir, eles voltaram à sua vida normal na Galileia, até que Jesus foi lá chamá-los de novo, para os lançar no ministério, como narram os sinópticos.<sup>31</sup>

Em suma, estes relatos estão, envolvidos num mesmo ideal, a concretização do reino de Deus, por intermédio da missão específica de Jesus. Tornar discípulos todos os filhos de Deus.

---

<sup>29</sup> França, «Os quatro Evangelho», 1101.

<sup>30</sup> Gilvander Luís Moreira, *Lucas e Atos: uma teologia da história* (Brasil: Paulinas, 2004), 5.

<sup>31</sup> Raymond Brown, *Comentário ao Evangelho segundo João*, trad. Valter Graciano Martins (Santo André-SP: Paulus e Academia Cristã, 2020), 264.

### 1.3.1.1. Evangelho de Marcos

O Evangelho de Marcos apresenta um ponto de vista envolvente sobre o discipulado, mostrando-o como um itinerário de seguimento de Jesus, de ensino e de testemunho do seu ministério. O Evangelho começa com o chamamento dos primeiros discípulos, tal como nos outros sinópticos, convidando-os a comprometerem-se com a missão (1, 16-20).

No excerto de Marcos 8,34-38, Jesus ressalta as suas exigências para o discipulado: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me». A este respeito, Jesus exorta os seus discípulos a renunciarem a si mesmos e a carregarem as suas cruzes, manifestando que o discipulado exige, além de sacrifício, um compromisso total com a missão.

Boa parte do ensino de Jesus tinha como objetivo aprofundar a compreensão do povo sobre a vinda do Reino e prepará-lo para isso. Portanto, «uma das primeiras coisas a serem observadas sobre o Evangelho de Marcos é que ele transmite fielmente o conteúdo e o impulso básico do ministério do reino de Jesus».<sup>32</sup> A mensagem de Marcos dirige-se a qualquer pessoa que deseje entender o Reino: tem de olhar para Jesus, o que faz inúmeras curas, o mestre, aquele que, depois de crucificado, ressuscitou. A resposta positiva à pessoa de Jesus é o discipulado.

A apresentação dos primeiros discípulos no Evangelho de Marcos, baseava-se no paralelismo existente entre eles e os membros de sua comunidade. Eis as passagens que relatam a vocação dos primeiros discípulos: (1,16-20; 2,13-14; 3,13-19; 6, 6b-13). O ideal de discipulado de Marcos é «estar com Jesus» compartilhando a sua missão de pregar e curar (3,14-15).<sup>33</sup> Esse ideal de Marcos traduz-se na partilha do ministério de Jesus:

O Mestre constituiu os doze, para ficarem com ele, a fim de os enviar a pregar com autoridade e a expulsar os demónios. Segundo Marcos, o facto de estar com Jesus é que representa a base do discipulado. O ideário do discipulado em Marcos é que constitui a sua missão, (Mc 6,6b-13). Eis alguns traços da abordagem de Marcos acerca do discipulado: «a missão dos doze: «chamou a si os doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade». Marcos, nesta passagem, revela que a missão dos discípulos é uma parte do próprio ministério de Jesus: curar e ensinar. Mais: “recomendou-lhes que nada levassem para o caminho.” A falta de interesse pelo conforto material

<sup>32</sup> Donald Senior e Carroll Stuhlmueller, *os fundamentos bíblicos da missão* (São Paulo: Paulinas, 1987), 288.

<sup>33</sup> Daniel. J Harrington, «O Evangelho Segundo Marcos», em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (São Paulo: Paulus, 2011), 67–68.

na viagem reflete a urgência da tarefa dos discípulos e a confiança em Deus que ela exige.<sup>34</sup>

O discipulado em Marcos, tal como vem manifestado na pregação de Jesus e no mandato de Cristo aos discípulos, faz lembrar-nos que o discípulo compartilha da mesma missão do mestre. O Evangelho de Marcos expressa o discipulado como uma vocação radical para seguir o ministério de Jesus Cristo. «Para Marcos, a verdadeira identidade de Jesus é dada a conhecer na sua morte doadora de vida».<sup>35</sup>

Enfim, o Evangelho de Marcos salienta a natureza desafiadora e ousada do discipulado, num chamamento contínuo de Jesus que necessita dedicação e coragem, e faz ver que a ação do discípulo longe de ser um caminho fácil, é um percurso de fé, de confiança e compromisso.

---

<sup>34</sup> Harrington, 90.

<sup>35</sup> Senior e Stuhlmueller, *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 309.

### 1.3.1.2. Evangelho de Mateus

O Evangelho de Mateus expõe uma perspectiva profunda do discipulado: «o problema da missão universal da Igreja»,<sup>36</sup> assumido como compromisso radical de seguir Jesus Cristo e de viver com radicalidade os seus ensinamentos. Num encargo audaz de “fazei que todas as nações se tornem discípulos”. A propósito desta radicalidade Felicísimo Martínez exprime com fidelidade esta orientação: «a prática do seguimento de Jesus é impossível sem algumas renúncias».<sup>37</sup>

Neste Evangelho, vemos exatamente a prática do chamamento de Jesus, onde Ele ordena, aos discípulos que abandonarem a via do pecado e que sigam e tomem parte na sua missão. Em Mateus 4, 18-22, Jesus chama alguns pescadores para fazerem parte da sua missão; e eles, tendo-o escutado, deixaram as redes e seguiram-no. Querendo torná-los «pescadores de homens», Jesus fazia-lhes ver a sua missão de aproximar o reino de Deus de todos os homens, pois «a finalidade do discipulado é a missão».<sup>38</sup>

Entretanto, considerando o tema do chamamento, no evangelho de Mateus, encontram-se analogias que se concretizam na abordagem do discipulado. Por exemplo:

Na passagem de Mateus 5, 13-16, Jesus apresenta a analogia do sal e da Luz dizendo: «Vós sois o sal da terra, Vos sois a Luz do mundo». Nada é mais útil do que o sal ou o brilho do sol! Mateus enfatiza a interpelação pessoal, através dos pronomes “vós” e “vossa”. Jesus quer fazer compreender aos discípulos: embora perseguidos, que eles têm uma vocação para o mundo. Portanto, o discípulo vive não somente para si, mas para os outros. Todavia, A vida do discipulado não deve conduzir à arrogância, mas à conversão de muitos para “a seu Pai que está nos céus”.<sup>39</sup>

O Evangelho de Mateus apresenta um radical caráter escatológico e carismático do discipulado de Jesus, que excede em muito as exigências do discipulado de um mestre farisaico. O evangelho apresenta também a verdadeira vocação do discípulo: «o discípulo não está acima do mestre»: este versículo é importante para se compreender o discipulado nos Evangelhos. Um discípulo é um aprendiz ou aluno. Assim, o seguidor de Jesus deve ser um aluno de Jesus por toda a vida, porque ele ensina a sabedoria sobre a própria vida.

---

<sup>36</sup> Senior e Stuhmueller, 315.

<sup>37</sup> Felicísimo Martínez, *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*, trad. Margarida Maria Osório Gonçalves (Navarra, Espanha: Verbo Divino e Estella, 2007), 648.

<sup>38</sup> Santos, *Evangelizar com Papa Francisco Comentário à Evangelii Gaudium*, 16.

<sup>39</sup> Benedict. T Viviano, «O Evangelho Segundo Mateus», em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (São Paulo: Paulus, 2011), 150–51.

Vale ainda ressaltar que em Mateus encontramos alguns ditos de Jesus dirigido aos discípulos. Mateus fala sobre o custo do discipulado. Isso compreende-se como um mandamento que solicita ao amor a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. Quando lhes diz: «Toma a tua cruz» (não é uma alusão à crucificação de Jesus) é como se lhes dissesse: “salva a tua vida, contribuindo para salvar o mundo inteiro”.<sup>40</sup>

Em suma, este Evangelho ressalta a natureza árdua e radical do discipulado, chamando os discípulos de Jesus a dedicarem-se totalmente aos seus valores e ensinamentos. O Evangelho inspira os discípulos a seguirem radicalmente o chamamento de Jesus.

---

<sup>40</sup> Viviano, 150–89.

### 1.3.1.3. Evangelho de Lucas

O evangelho de Lucas notabiliza-se por evidenciar um ponto de vista único sobre o discipulado, ao apresentá-lo como parte imprescindível da missão de Jesus. No decorrer do Evangelho de Lucas, testemunhamos Jesus a catequizar frequentemente os seus discípulos para a missão da evangelização. Exatamente, em Lucas 9,1-6, apresenta esta dimensão do testemunho catequético; Jesus envia os doze discípulos a fim de anunciar o Reino de Deus dizendo: «deu-lhes poder e autoridade e enviou-os a proclamar o Reino de Deus». Tal envio pode considerar-se um momento essencial na formação dos discípulos para a missão.

Lucas dirige-se a um público formado principalmente por gentios, entre os quais há membros prósperos que estão a repensar, seriamente, se lhes convém lançar-se a iniciativas missionárias num ambiente hostil. Além disso, as controvérsias internas e externas contribuem para a hostilidade do ambiente. Entretanto, Lucas demonstra que Deus, através de Jesus, foi fiel às promessas feitas a Israel, mas de uma maneira tão imprevisível que se tornou possível a inclusão de gentios, considerados impuros, fossem eles quem fossem: «pobres, mulheres, samaritanos, publicanos ricos e de outros tipos de rejeitados, como também de membros do povo eleito (Israel) arrependidos de terem rejeitado a Jesus, como Profeta e Messias de Deus».<sup>41</sup>

A teologia lucana sobre o discipulado vai muito além, em relação aos outros evangelhos. No seu Evangelho há vários capítulos referentes ao discipulado, desde o chamado até ao envio dos seus discípulos por Jesus.

Eis algumas passagens de Lucas que podemos considerar como uma abordagem sobre o caminho do discipulado.

Jesus cumpre as promessas de Deus a favor de todos»(4,16-30), “O reino de Deus restabelece a integralidade de homens e mulheres” (4, 31-44); o Evangelho fala ainda sobre “O ministério de Jesus para os marginalizados, rompendo fronteiras” (5, 12-16); “a missão de Jesus entre os pecadores” (5,27-32); “as mulheres discípulas de Jesus” (8,1-3); “os Doze dão continuidade à missão real de Jesus” (9, 1-6), “a continuidade dos doze na missão de Jesus” (9,1-6); “o destino do precursor de Jesus é também o seu destino dele e do de seus discípulos” (9,7-9); “a cruz na vida do Messias e de seus discípulos” (9,18-27).<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Robert J Karris, «O Evangelho Segundo Lucas», em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (São Paulo: Paulus, 2011), 219.

<sup>42</sup> Karris, 245–65.

Lucas refere-se também à não compreensão do discipulado, pois nem sempre a missão da transmissão é entendida pelos discípulos.

Estes nem sempre entendem o significado do seguimento de Jesus (9, 46-50) e «por isso, Jesus faz da sua primeira jornada um caminho de ensinamento cristão» (9, 51-13,21). Lucas aborda também o tema das exigências que discipulado implica (9, 57-62); afirma claramente que o discipulado é para homens e mulheres (10,38-42); não admira, portanto, que “Lucas termine com o retorno ao caminho do discipulado o Emaús” (24,13-35).<sup>43</sup>

Tais capítulos salientam a notoriedade do discipulado como uma parte essencial da missão e da evangelização.

Em suma, o Evangelho de Lucas impele-nos a seguir o exemplo dos discípulos, atendendo ao chamamento de Jesus para que, seguindo-o, colaboremos no mistério do Reino de Deus.

---

<sup>43</sup> Karris, 221–23.

#### 1.3.1.4. Evangelho de João

O Evangelho de João evidencia um ponto de vista singular do discipulado e da evangelização, salientando a importância do relacionamento pessoal com Jesus e com a missão.

O enredo do Evangelho está concentrado na «hora» da glorificação de Jesus, isto é, no seu retorno para o Pai por ocasião de crucificação. Resumimos lembrando que, para João, Jesus foi enviado pelo Pai para cumprir a missão redentora da humanidade.<sup>44</sup>

Quanto ao discipulado, o Evangelho de João surge-nos centrado em três temas: primeiro, a experiência do acontecimento de Jesus; depois, a adesão à fé por parte dos discípulos; e, por fim o testemunho.

Há, neste Evangelho, algumas passagens que transmitem a sua importância, quanto ao discipulado, especialmente na: «escolha dos discípulos» (1,19-4,54), “o recuo de muitos discípulos” (6,60-66), “a parábola do Bom Pastor” (10, 1-42), “Jesus diz ser a porta e o Bom Pastor” (10,1-42); a analogia das “ovelhas que conhecem a sua voz”(10,22-30), transmite um discipulado de proximidade. Jesus declara-se como o caminho de retorno ao Pai (13,31-14,21). O lava-pés dos discípulos transmite a ideia de um discipulado na humildade.

Ao apresentar-se como a videira verdadeira, João aponta para um discipulado de confiança e amizade: “os discípulos são amigos de Jesus” (15, 18-25). Entretanto, João também escreve desenvolvidamente sobre os obstáculos para se ser um bom discípulo: «o mundo odiará os discípulos» (15,18-25); os discípulos sofrerão perseguições (16, 1-4).

Perante as dificuldades do discipulado, João não deixa de falar sobre as consolações dos verdadeiros discípulos. João ressaltar que Jesus reza explicitamente pelos seus discípulos, evidenciando este momento impressionante particularmente no capítulo 17, onde se encontra a grande oração conclusiva de Jesus pelos seus discípulos e pelo seu envio ao mundo (17,6-19).

---

<sup>44</sup> Pheme Perkins, «Evangelho Segundo João», em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos* (São Paulo: Paulus, 2011), 741.

Resumidamente, o Evangelho de João evidencia o discipulado como uma experiência íntima com Jesus, sinalizada por desafios, mas também por um enorme sentido de missão, comunhão e confiança.

### 1.3.2. Atos dos Apóstolos

Os Atos dos Apóstolos expõem um relato fascinante sobre os inícios da missão da Igreja testemunhando a natureza dinâmica do discipulado e da evangelização. Neste contexto a *Redemptoris Missio* afirma:

A urgência da atividade missionária deriva da radical novidade da vida, trazida por Cristo e vivida pelos Seus discípulos. Esta nova vida é dom de Deus; ao homem, é-lhe pedido que a acolha e desenvolva, se quiser realizar integralmente a sua vocação, conformando-se a Cristo (RM 7).

Este excerto reforça que a missão não é somente um dever, mas uma resposta fundamental à vida nova que Cristo oferece, assim como é exemplificado nos primeiros passos da Igreja narrados nos Atos dos Apóstolos.

Nesse âmbito, analisaremos como é que o Livro dos Atos dos Apóstolos mostra a natureza do discipulado e da evangelização, assim como os preceitos e orientações fundamentais que se podem tirar dessas narrativas, acerca do assunto que trazemos entre mãos.

O discipulado, nos Atos dos Apóstolos, retrata a dinâmica de um chamamento em ação, mostrando-nos como é que os discípulos de Jesus seguem os seus ensinamentos e o seu exemplo. Neste âmbito da ação do discipulado é notável a experiência de Pedro e Paulo, quanto às suas participações no ministério de Jesus, tornando-se modelo, caminho e meio de um discipulado em ação concreta da vocação e do chamado de Jesus, isto fá-los ser os «sinais visíveis do amor do Pai».

Os Atos dos Apóstolos expõem também a evangelização como elemento central da missão da Igreja: «Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (At 1,8).

Isto acontece precisamente com Paulo e Barnabé. Eles são enviados para uma missão evangelizadora: «enviados, pois, pelo Espírito Santo» (At 13, 4) para anunciar o Reino de Deus, oferecendo assim uma nova esperança e promessa de vida eterna. Assim, temos como exemplo a missão de Pedro, enviado à casa de Cornélio. Isto representa a resposta à missão do Senhor de pregar e testemunhar o Evangelho de Deus (At 10, 1-48).

O Livro dos Atos dos Apóstolos também descreve a conversão de Paulo, ressaltando o seu testemunho e a sua entrega ao discipulado de Cristo. O novo apóstolo, torna-se, assim, um testemunho missionário do Evangelho; ele dá testemunho dos milagres que Deus realizou e relata as conversões entre os gentios, convencendo-os a abandonar os ídolos e a mostrar a mensagem da Igreja por todo o mundo.

Enfim, os Atos dos Apóstolos, no seu todo, apresentam-se como um modelo de discipulado, ainda pertinente para a Igreja de hoje.

## 1.4. Gratuidade, Origem do Seguimento de Jesus

A temática da gratuidade e da origem do seguimento de Jesus é essencial para uma melhor conceção acerca do discipulado e da evangelização. No íntimo desse chamamento está a convicção de que o convite para seguir a Cristo é gratuito, já que não assenta sobre méritos próprios, mas somente na graça de Deus. Ao compreendermos o propósito desse chamamento, somos chamados a pensar sobre o objetivo e o sentido de se ser discípulos de Jesus, e de que forma o discipulado se correlaciona com a missão de evangelização.

### 1.4.1. Natureza do Chamamento

O relato de Marcos (16,15) sublinha o cerne da mensagem de Jesus Cristo aos seus discípulos, salientando a natureza sublime do seu ensino e o mandato que lhes confia. O evangelista realça o primeiro anúncio catequético de Cristo a todos aqueles que receberam o *querigma*<sup>45</sup> da sua missão, ao afirmar: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura».

Dentro deste propósito, a narração do evangelho de Mateus (28,19-20) desenvolve e complementa a mensagem apresentada em Marcos, propiciando uma continuidade clara à missão de Jesus. O Evangelho de Mateus salienta um aprofundamento significativo da vocação e da natureza do discípulo que responde ao primeiro anúncio catequético de Cristo. Deste modo, evidencia o chamamento à missão universal: «fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19-20).

Esta mensagem reflete de forma visível o amor de Cristo e, ao mesmo tempo, o seu convite para que todos participem do seu *querigma*. Neste paradigma, o convide «ide em missão e pela missão», torna-se um dom e um sinal da Palavra, destacando o compromisso do discípulo com o anúncio e a partilha da fé.

O documento *Redemptoris Missio* refere-se à participação no *querigma*, e ao serviço da graça, deste modo:

---

<sup>45</sup> Por Kerigma designa-se a pregação do núcleo da Fé Cristã, o anúncio primordial do Evangelho: Deus salva o homem através do mistério pascal de Jesus Cristo e comunica-lhe uma vida nova pela ação do Espírito Santo (Orientações diocesanas de Pastoral, porto 1991, 44).

o anúncio da Palavra de Deus visa a conversão cristã, isto é, a adesão plena e sincera a Cristo e ao seu Evangelho, mediante a Fé. A conversão é dom de Deus, obra da Trindade: é o Espírito que abre as portas dos corações, para que os homens possam acreditar no Senhor e «confessá-lo» (1 Cor 12, 3). Jesus referindo-se a quem se aproxima d'Ele pela fé, diz: «ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que me enviou, o não atrair (Jo 6, 44), (RM 46).

Portanto, Jesus transmite a sua missão a todos, como fez, por exemplo, com Pedro. O mandato de Jesus exprime a Pedro o que há de essencial na missão universal do discípulo: «Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno nada poderão contra ela» (Mt 16,18). É precisamente nestas palavras que se fundamenta a mensagem do documento *Redemptoris Missio*; o chamamento de Jesus é de facto um chamamento e um convite à conversão: “os Apóstolos movidos pelo Espírito Santo, convidaram todos a mudarem de vida, a converterem-se e a receberem o batismo” (RM 47).

Vale ainda salientar que Jesus deixa e dá aos seus aos discípulos, mediante a sua instrução querigmática, a graça e o dom da palavra em ordem ao cumprimento do seu mandato. Eis o que afirma a *Evangelii Gaudium*:

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez libertada a pessoa, radica-se e desenvolve-se nela a graça. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam surpreender frases de São Paulo como estas: «O amor de Cristo absorve-nos completamente» (2 Cor 5, 14); ou «aí de mim, se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). (EG 9)

Na mesma ordem de ideias, o monge Columba Marmion, no seu livro *Cristo O Ideal do Monge* escreve:

Da mesma forma que Cristo Jesus, descendo do Céu, só terminou a sua carreira gloriosa quando alcançou a altura do Céu, não devemos cansar-nos em segui-lo na busca de Deus, na busca unicamente d'Ele, até chegarmos ao que S. Bento, no final da sua Regra, chama de “alto cume da Virtude” e “as alturas da perfeição”. A alma que chega a este ponto, vive habitualmente unida ao Deus que procura. Ela goza antecipadamente das delícias da união inefável.<sup>46</sup>

Por outro lado, na mesma linha de Columba Marmion, vale ressaltar a ideia de Bento XVI: «O Amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós» (DCE 2). Deste modo, a Palavra do Senhor permanece eternamente no coração de cada homem e mulher, que ele chamou, por meio do seu ministério, para o anúncio do Reino.

---

<sup>46</sup> Columba Marmion, *Christ the Ideal of the Monk; Spiritual conferences on the monastic and religious life* (Estado Unidos da America: Paraclete Press, 2014), 21.

Desta mesma abordagem podemos acentuar a visão que a *Redemptoris Missio* apresenta, referente à natureza do chamamento acentuando «a missão de anunciar e estabelecer em todos os povos» (RM 18). Esta mensagem reproduz, aquilo que o evangelista Lucas diz sobre a mensagem de Cristo como parte de um discipulado e de uma evangelização: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia e siga-me» (Lc 9-23). Tal mensagem revela o cerne do preceito do discipulado: o convite ao discípulo para “se negar a si mesmo”, a fim de ser todo de Deus. Portanto, o discípulo chamado a evangelizar é uma pessoa despojada de tudo. Seguir Jesus requer abandono, exige renúncia, propósito firme e uma vida identificada com o Mestre.

O livro dos Atos dos Apóstolos é precisamente um livro que descreve a práxis do discipulado e a missão de Cristo, apresentando nela a essência da identidade de Jesus dada aos discípulos. «Eu fiz de ti a luz para os gentios, para que tu levas a salvação até aos confins da terra» (At 13, 47), e, portanto, “Ide, fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos” (Mt 28,19). Ao conceder a sua missão, Jesus assegura também a sua conclusão. A sua missão e a sua mensagem expressam a transmissão do primeiro anúncio: “fazei discípulos”; é uma mensagem querigmática do mandato de Cristo à Igreja que se resume em: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” (1 Jo 1,3) a salvação.

Entretanto, a evangelização envolve e abrange todas as componentes da natureza da criação e da cultura. É, pois:

Um anúncio renovado que proporciona aos crentes, mesmo tímidos ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado.<sup>47</sup>

Em suma, a natureza do chamamento transmite a «alegria de quem vive o evangelho»; resume de facto a ação e a missão da Igreja, e toda a sua intervenção que consiste em realizar a “*traditio Evangelii*” que significa, justamente, a transmissão fiel da mensagem e dos ensinamentos de Jesus Cristo.

---

<sup>47</sup> francisco, 11.

### 1.4.2. O Chamamento ao Discipulado

Os relatos evangélicos referem-se várias vezes ao tema da vocação. Jesus chama os discípulos e as discípulas ao seguimento. Nos evangelhos, os relatos de vocação são numerosos. É, pois, necessário regressar a esses relatos para averiguar a natureza e as implicações do chamamento, para conhecer a natureza específica do discipulado cristão.

A primeira peculiaridade do discipulado cristão, ou do seguimento de Jesus, consiste no facto de a iniciativa partir de quem chama e não dos que são chamados. Esta característica vocacional já está presente nas cenas de vocação: Deus adianta-Se a chamar o discípulo, por Si próprio ou por intermédio dos profetas.<sup>48</sup>

A propósito do que foi mencionado, Jesus começa o seu ministério público chamando os discípulos, para O ajudarem na sua missão (Mt 10.2), mostrando-lhes, ao enviá-los, como devem atuar: «Não sigais pelo caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Ide, primeiramente, às ovelhas perdidas da casa de Israel. Pelo caminho, proclamai que o Reino do Céu está perto» (Mt 10,7-8). Contudo tendo Ele, a finalidade de concluir a sua missão, diz aos seus discípulos: “Eu vos envio; assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21). Assim diante deste paradigma da anunciação e do envio o chamamento ao discipulado obedece às seguintes características: em primeiro lugar, a iniciativa do chamamento para o seguirem é do próprio Jesus: «Vinde comigo!» Além disso, o chamamento tem frequentemente carácter imperativo: «Tu, segue-me» (Lc 9, 59; Mc 2,14: cf. Lc 5, 27; Mt 19, 21; Lc 18, 22; Jo 1, 43; 21,19).<sup>49</sup>

Importa ainda ressaltar, dentro destes parâmetros que quando Jesus chama um discípulo, o designa pelo nome, assim como aconteceu com Simão – Pedro, Jesus tem em mente orientá-lo para a sua futura e grande missão.

A propósito disso, quando aconteceu a pesca milagrosa, Jesus pede aos discípulos que façam como Ele pede, por exemplo, «lançai a rede para o lado direito do barco e haveis de encontrar peixe» (Jo 21-6), e eles lhe obedecem. Esta abordagem mostra aos discípulos que o mestre formula sempre um caminho que futuramente faz com que os discípulos alcancem bons resultados (trazer muitos para o reino). Indubitavelmente Jesus quer ensinar-lhes a obediência total à sua vontade! E fazê-los compreender que esta é a característica fundante do chamamento à missão.

<sup>48</sup> Díez, *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*, 640.

<sup>49</sup> Díez, 641.

Nisto consiste a vocação de todos os discípulos de Cristo, é, portanto, um compromisso de agir em sinergia para o anúncio da obra do Pai: «A obra que o Pai confiou ao Filho para Ele a cumprir na terra» (Jo 17,4); sem dúvida, desde a sua encarnação, o seu plano é a realização da obra salvífica na missão redentora. Convém sublinhar que este modo de entender se transmite na mensagem de Jesus aos discípulos: «o meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra» (Jo 4-35).

Outro ponto a considerar é que o chamamento se orienta também para o mistério da Santa Igreja que se manifesta em Cristo seu fundador. O Senhor Jesus deu início à Sua Igreja, pregando a Boa Nova do advento do reino de Deus prometido, desde há séculos, nas Escrituras: «cumpriu-se o tempo, o reino de Deus está próximo» (Mc 1,15; Mt 4,17).

Assim, o mistério da Santa Igreja manifesta-se no mistério do Espírito Santo transmitido por Jesus Cristo. A palavra de Jesus compara-se à semente lançada ao campo (Mc. 4,14). São Paulo reforça: «A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e as intenções do coração» (Hebreus 4,12).

A Igreja mediante esta palavra de Jesus, torna-se sociedade visível e espiritual, e a assembleia reunida de Cristo mediador da palavra.

### 1.4.3. Chamando os que Ele quis

O chamamento dos discípulos por Jesus é uma temática fulcral nos Evangelhos, nos quais e incessantemente ecoa na vida da Igreja até aos nossos dias. O chamamento de Jesus não foi somente uma instância para segui-lo, é um chamamento para compartilhar a sua missão. O apelo de Jesus ressoa como um mistério envolto de poder e relevância, sobrevivendo ao longo dos séculos e impactando os corações de quem busca resposta para o mistério da vida.

Não admira que, no Evangelho de Marcos, se ponha em evidência o mistério do chamamento de Jesus, sublinhando alguns aspetos importantes, como atrás já se salientou: «a iniciativa do chamamento é de Jesus»; a prontidão de André e Simão em deixarem tudo para seguirem Jesus representa o compromisso de que a iniciativa é sempre do mestre no chamamento para missão (Mc 1,16-20), justamente existe o destaque e a determinação de Jesus na escolha dos discípulos.

Felicísimo Martínez Díez, ao refletir sobre o chamamento, ressalta que a vocação é uma iniciativa divina, e que a relação entre Deus e os discípulos inicia com um chamamento de Deus, e não com a procura humana. «A iniciativa é de Deus. Deus adianta-Se a chamar o discípulo, por Si próprio ou por intermédio dos profetas».<sup>50</sup> Essa dinâmica salienta que a vocação é um ato de graça e que precisamente a iniciativa é divina. Deus se adianta-se a chamar e escolher é pessoas para Seu serviço e missão.

Quanto ao modelo de vocação do chamamento no Novo Testamento, o chamamento de Jesus tem características especiais. A iniciativa do chamamento é do próprio Jesus. Os evangelhos não a atribuem diretamente a Deus, nem sequer deixam transparecer que Jesus chama os seus discípulos em nome de Deus. Faz o chamamento em nome próprio. É Ele quem chama, e chama ao seu seguimento «Vinde comigo. E, «Tu, segue-me».<sup>51</sup>

O Catecismo da Igreja Católica recorda-nos que o chamamento dos discípulos é um convite pessoal para um encontro transformador e único. «Deus chama a cada um pelo seu nome. O nome de todo homem é sagrado. O nome é a imagem da pessoa. Exige respeito, como sinal da dignidade de quem por ele se identifica» (CIC 620). No entanto,

---

<sup>50</sup> Díez, 641.

<sup>51</sup> Díez, 641.

ser chamado por Deus é o mesmo que ser nomeado. Jesus chama segundo a força da sua autoridade. «Porque muitos são chamados, mas poucos os escolhidos» (Mt 22,14).

Além disso, vale ressaltar a insistência da Igreja em declarar o convite ao chamado e o convite à transformação pessoal, mostrando a importância da natureza do acompanhamento e da formação dos discípulos na missão. O exemplo vem de Jesus que forjou e acompanhou os que ele chamou, oferecendo-lhes uma formação sólida e fortalecimento espiritual.

No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no mistério pascal, em toda a Sua subjetividade divina, como Aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz; esta obra, sem dúvida, foi confiada aos homens: aos Apóstolos e à Igreja (RM 21).

A respeito disso, Lothar Coenen e Colin Brown evidenciam e relacionam o chamado e a eleição em ponto de vista da resposta humana, mostram que; «o círculo dos chamados e dos eleitos nem sempre pode ser considerado como a mesmíssima coisa. Resaltam a escolha livre de Deus, que não se deixa influenciar por prévias condições humanas».<sup>52</sup>

Nesta mesma visão, São João traz esta condição prévia da escolha livre por parte de Deus e não do homem transmitindo o cerne das escolhas de Jesus:

Vós sois meus amigos se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas chamo-vos amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai. Eu vo-lo dei a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que vosso fruto permaneça a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome ele vo-lo dê (Jo 15.15,16).

Esta característica vocacional é evidente dentro dos paradigmas da iniciativa divina. Primeiro, Jesus dá-Se a conhecer e faz-se amigo, só depois mostra o seu propósito, Ele chama e designa: «A proposta de Jesus inclui o anúncio do Reino de Deus e o convite ao seguimento».<sup>53</sup> É, portanto, um propósito claro e abrangente de os formar para poderem testemunhar dignamente o Evangelho.

---

<sup>52</sup> Lothar Coenen, «Chamar; chamada, convite, chamado, convidado, apelar para convocar», em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), 353.

<sup>53</sup> Díez, *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*, 621.

### 1.4.3.1. Os Escolhidos de Jesus

Neste tema, vamos analisar o panorama do discipulado e da evangelização relativamente aos escolhidos de Jesus. O encontro e o chamamento: Jesus chamou os seus discípulos de diversas profissões e origens para segui-lo. Os escolhidos admitiram a sua autoridade e obedeceram-lhe com simplicidade.

Seguir Jesus mostra-se como a primeira realização do Reino. Afirma Juan José Bartolomé: «Tendo acabado de iniciar o seu ministério público na Galileia, Jesus quis ter discípulos que o acompanhassem permanentemente (Mc 1,16-20; Jo 1, 35-51; cf. Mt 4, 18-21; Lc 5, 1-11)».<sup>54</sup>

Os discípulos não foram chamados somente para seguir Jesus, mas também para presenciar o mistério da sua mensagem e testemunhar sua missão salvadora. A escolha dos doze por Jesus, marca o início do seu mistério, como Filho e como o cordeiro escolhido pelo próprio Deus para o sacrifício - resgate da humanidade.

É importante também realçar o que Raniero Cantalamessa diz quanto ao assunto, ao referir-se à escolha dos doze:

Jesus havia escolhido os Doze para continuar a sua obra no mundo; havia-lhes dado a ordem de “ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criatura”; havia-lhes dito que, antes do fim, o Evangelho deveria chegar “aos confins da terra”, e que a sua morte inauguraria “a nova e eterna aliança”.<sup>55</sup>

Os discípulos foram escolhidos e enviados para anunciar o Evangelho, libertar os oprimidos, curar os doentes e fazer discípulos em todas as nações.

Cristo Nosso Senhor escolheu doze apóstolos, representando as doze tribos de Israel. Eles foram os escolhidos para serem testemunhas da sua pregação e dos seus milagres, e para serem depositários da sua doutrina, investidos da sua autoridade e encarregados de anunciar o Evangelho a todos os povos.<sup>56</sup>

Desse modo, cada discípulo não só os doze, são chamados a compartilhar da vida itinerante de Jesus e do seu anúncio do reino de Deus. Aqui reside, precisamente, o carisma de Jesus: «a Sua capacidade de atrair seguidores era tanto mais surpreendente

---

<sup>54</sup> Bartolomé, *Vinde após Mim: Traço específicos do seguimento de Jesus*, 7.

<sup>55</sup> Raniero Cantalamessa, *A nossa fé o credo meditado e vivido* (Vozes, 2023), 143.

<sup>56</sup> Stenio Carneiro, «A Bíblia comentada à luz da Doutrina Católica» (Joinville, 2016), 159.

quanto mais extremas eram as condições que lhes impunha: quem quisesse estar com ele deveria viver como ele».<sup>57</sup>

Em suma, a escolha de Jesus é uma escolha radical, no sentido de que tudo é compartilhado no mesmo destino com o mestre. Este modo de encarar a missão dos discípulos evidencia o carácter ativo do discipulado e da evangelização que abrange não somente palavras, mas ações reais de amor e serviço.

---

<sup>57</sup> Bartolomé, *Vinde após Mim: Traço específicos do seguimento de Jesus*, 10–11.

### 1.4.3.2. Propósitos do Chamamento

Ao chamar uma pessoa para colaborar com Ele, Jesus Cristo não estava a formar simplesmente um grupo de discípulos, estava, sim, a inaugurar um programa amplo e profundo: Jesus chama os que Ele quis, frutos da sua autoridade e dum objetivo em vista. O chamamento de Jesus compreende um objetivo bem visível para os seus discípulos. Abarca um compromisso que requer prontidão e perseverança para a missão. Certamente na mesma tonalidade que o Evangelista Marcos ressalta: «Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde, segue-me, e eu farei de vós pescadores de homens. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram» (Mc 1. 16-20).

Esta passagem mostra que o chamamento de Jesus vai além de uma mera adesão, revela-se como um chamamento para uma vida identificada e muito exigente que se desenvolve pelas fases de que já se falou: a iniciativa é de Jesus, que chama os discípulos a segui-lo. Em respostas eles, entram em um estado de prontidão, aceitando ser capacitados e formados, para, em seguida, serem enviados a missão de anunciar o Evangelho.

É importante também salientar, o comentário de Georgino Rocha, quanto a esta passagem do evangelho de Marcos:

É impressionante a prontidão dos convidados. A sua resposta fica como referência exemplar da atitude de quem é chamado. A sua disponibilidade indicia uma liberdade interior capaz das maiores ousadias. A sua confiança tem como alicerce apenas a força persuasora de quem lhes faz o convite. E, deixando tudo, imediatamente o seguiram.<sup>58</sup>

E quanto ao propósito do chamamento, o mesmo autor acrescenta que as semente do reino já estão no coração de cada homem e mulher, destaca quatro providências da decisão livre:

1-Dar a conhecer esta realidade encorajante; 2-criar condições para fazer desabrochar e embelezar o jardim de toda a humanidade; 3- apresentar a sua realização plena e sedutora em Jesus de Nazaré, o Messias de Deus e 4- servir de sinal e instrumento deste projeto de Salvação que está em curso; tudo isto constitui a missão da Igreja, a missão de todos os seus fiéis, das suas famílias e comunidades, dos seus grupos e movimentos. O convite foi feito e é apelativo. A resposta terá de ser pronta e generosa.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Georgino Rocha, *Crescer na fé e anunciar a Alegria do Evangelho* (Cascais: lucerna, 2014), 120.

<sup>59</sup> Rocha, 121.

De facto, o propósito do chamamento pressupõe a adesão fiel do reino de Deus, sendo a condição principal do anúncio do discipulado e da evangelização e a condição necessária para ser discípulo evangelizador de Jesus.

O reino de Deus, representa o princípio e o fim da missão de Jesus. «O reino de Deus, é a expressão central para a definição da identidade e da missão de Jesus Cristo. Jesus é o Evangelho, a Boa-Nova de Deus à humanidade». <sup>60</sup> Ao chamar os discípulos, Jesus chama e realiza a mensagem da Boa-Nova. dito de outra forma, o Reino de Deus é condição fundamental do chamamento de Deus, é justamente condição indispensável na preparação de todos os discípulos. O propósito do chamamento tem um objetivo claro:

Servir o reino de Deus que está em curso. Por isso, os vocacionados, os chamados devem aprender em que consiste, viver e transmitir a sua mensagem, celebrar as suas maravilhas e anunciar o seu crescimento progressivo até à plenitude no futuro em que Deus e o homem selarão a comunhão definitiva. <sup>61</sup>

Em suma, o propósito do chamamento vai muito além de um simples convite; é precisamente um chamado que pretende transformar radicalmente a vida do discípulo, preparando-o para missão. Assim, ao atender ao convite de Cristo, o discípulo entra em um estado de prontidão e formação, sendo moldado à imagem do Mestre.

---

<sup>60</sup> Díez, *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*, 553.

<sup>61</sup> Rocha, *Crescer na Fé e Anunciar a Alegria do Evangelho*, 120.

### 1.4.3.3. Chamamento para Evangelizar

O chamamento para evangelizar compreende uma missão substancial para todos os cristãos já que está assente na doutrina e na vida de Jesus. Este chamamento não se limita tão somente a uma ação externa do anúncio do Evangelho, requer também um profundo compromisso de fé, mediante o exemplo de vida e de serviço ao próximo.

Sobre este assunto, a doutrina da Igreja Católica expõe bases sólidas e orientações nítidas para se poder entender e efetuar a missão evangelizadora: «São chamamentos para o serviço do Reino de Deus e para a sua difusão na história. São chamamentos feitos de forma particular, a fim de restituir à criação todo o seu valor originário» (CDSI 14).

O chamamento de Jesus é um convite para evangelizar, para difundir o anúncio da Boa-Nova de Deus. Neste sentido, «Evangelizar significa animar as pessoas a entender o seu caminho vital como uma caminhada com Cristo e a descobrir nessa caminhada o significado de Cristo cada vez mais e sempre de modo novo».<sup>62</sup> É também uma resposta aos anseios de Jesus; que todas nações se tornem seus discípulos (Mt 28,19). Jesus lança também um ideário de vida, que todos os humanos conheçam e atuem como mensageiro da Boa Nova, ponto para Jesus, isso não é uma responsabilidade apenas de uns tantos, mas é um compromisso de todos que compartilham a fé Nele.

Assim, a evangelização tem de ser encarada como um ideal natural de quem segue a Cristo, uma demonstração objetiva do amor a Deus e ao próximo. A doutrina da Igreja Católica, exposta em documentos como a *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* e a *Evangelii Nuntiandi*, apontam para o valor e a urgência da Evangelização no mundo contemporâneo. Tais documentos salientam a urgência de uma evangelização que vá muito além dos órgãos institucionais da Igreja; é preciso que chegue todas as «periferias existenciais».

Por exemplo, a *Evangelii Gaudium* põe em evidência que «Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo» (EG 176). Esta definição de “evangelizar” é enriquecida pelo mesmo documento, quando refere a razão de evangelizar:

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresen-

---

<sup>62</sup> Augustin, *Por uma Igreja em saída: Impulso da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 63.

tar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos (EG 264).

Alem disso, o chamamento a evangelizar, vai para além dos limites da comunidade cristã, alcança também aqueles que ainda não fizeram experiência da Boa Nova anunciada e realizada por Cristo. Para alcançar este fim, o testemunho dos discípulos é importante, visto que é por meio deles que muitos poderão ser atraídos para a fé. E, assim, a evangelização não se tornará tão somente um dever, torna-se também o contexto para participar da obra de Deus no mundo.

Uma vez que se entende que a missão do chamamento de Deus é a prioridade das prioridades, chega-se à mesma conclusão a que chegou Paulo: «Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes, necessidade que se me impõe. Aí de mim, se eu não anunciar o Evangelho» (1Cor 9,16). E mais ainda compreender que a «A missão de evangelizar tem de se compreender como tarefa essencial de todos os seguidores de Jesus em cada tempo e lugar, como uma missão e um processo de busca da Verdade e da vida plena do Reino, e como o núcleo básico que agrega todas as diferenças».<sup>63</sup>

A este respeito, Georgino Rocha apresenta um ponto de abordagem relacionando a manifestação de Deus na escolha de cada discípulo e que a iniciativa é justamente de Deus:

Ele, que sonhava com a constituição de um grupo de discípulos, manifestava a preocupação de lhes proporcionar uma formação adequada a fim de virem a ser os que, em seu nome, haviam de ser luz para o povo que ainda vivia nas trevas. Escolheu-os «para estarem com Ele e para os enviar a pregar». «Vinde comigo». Assim nasce a vocação. Assim se prepara a missão. A iniciativa é de Deus. A resposta é da pessoa.<sup>64</sup>

Em suma, o que acima se refere evidencia que a existência do Evangelho se torna «força salvadora de Deus para todo aquele que crê» (Rm 1,16). É o primeiro motivo do chamamento de Deus. Porque evangelizar é o mesmo que Evangelho; é justamente a transmissão da palavra de Deus.

<sup>63</sup> Restori Memore, *A Missão no Vaticano II* (São Paulo: Paulus, 2015), 13–14.

<sup>64</sup> Rocha, *Crescer na Fé e Anunciar a Alegria do Evangelho*, 34.

### 1.5. O ideal do Seguimento

Sob o ponto de vista do discipulado e da evangelização, a questão do seguimento apresenta-se como um percurso contínuo e dinâmico na trilha do ser cristão completo. É crucial admitir que seguir a Cristo não é simplesmente um ato singular, mas um compromisso que atravessa todos os âmbitos da vida do discípulo.

Entretanto, a temática sobre o ideal do seguimento de Jesus, é um tema central da teologia do Novo Testamento, e este ideal centra-se na vivência cristã. Portanto, a vida dos discípulos ou discípulas de Jesus define-se essencialmente como seguimento de Jesus Cristo. O seguimento é a «dimensão constitutiva da existência cristã, «tem sobretudo como finalidade tornar-nos semelhante a Ele, aceitando o dom de sua graça e chegando à união com o próprio Deus».<sup>65</sup> Mediante isso algumas perguntas são necessário para formar um ideal mais concreto do discipulado, tais como: qual é o lugar desta linguagem, deste ideal, no comum da vida cristã, na sua espiritualidade, na sua moral, na sua experiência de fé? Ocupa um lugar importante? Significa alguma coisa?

Vários destes questionamentos são importantes para responder às implicações do ideal do seguimento, para que um verdadeiro seguimento aconteça. É importante ainda ressaltar que, é necessário que se façam algumas indagações para responder, ao carácter da ideia do seguimento, isso implica algumas exigências:

Ter-se-á esquecido o ideal do seguimento e das exigências que ele implica? Se se fizesse uma indagação de carácter popular, perguntando em que consiste a vida cristã, é provável que o tema do seguimento aparecesse muito escassamente nas respostas. Ao nível popular, a definição da vida cristã como seguimento de Jesus não é frequente. Infelizmente, com o tempo, essa definição foi ficando associada, quase exclusivamente, à vida religiosa. Os cristãos comuns definem normalmente a vida cristã a partir de outras categorias. Para eles, ser cristão significa ter determinadas crenças religiosas, praticar determinados rituais e atos religiosos como: cumprir os mandamentos da lei de Deus e da Santa Madre Igreja, permanecer no seio da Igreja.<sup>66</sup>

Acerca desta ideia de seguimento, Martinez Díez reforça-a, atribuindo o esquecimento do seguimento ao ideário massivo do monaquismo cristão:

Reconhece-lhe o mérito de ter resgatado o ideal do seguimento e as exigências radicais do seguimento de Jesus, quando a Igreja estava a mundanizar-se, quando o cristianismo estava a converter-se num fenómeno sociológico, perdendo a radicalidade evangélica e tornando «barata» a vida cristã. Justifica a salvaguarda do seguimento

<sup>65</sup> Augustin, *Por uma Igreja em saída: Impulso da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 64.

<sup>66</sup> Díez, *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*, 630.

radical pela vida religiosa, mais também afirma; o monopólio do seguimento radical por parte da vida religiosa.<sup>67</sup>

Sob o ponto de vista mais universal, a ideia do seguimento ficou diretamente ligada ao ideário de um chamamento específico, dando assim primazia à vida religiosa e ao sacerdócio ministerial. Diante deste modo de olhar e idealizar o seguimento é necessário incluir na ideia do seguimento a essência do chamado ao discipulado, que todos são chamados a ser discípulos de Cristo, chamados a imitá-lo nos seus valores, nos seus ensinamentos e no seu exemplo de amor e serviço. É evidente que isto exige uma entrega total e contínua, uma promessa que transcenda ocasiões de felicidade e enfrente as barreiras com perseverança e fé.

Do mesmo modo, na evangelização, o ideal do seguimento manifesta-se no exercício de guiar outros a seguirem a Cristo. Para os leigos não bastam só palavras; é preciso sobretudo um testemunho coerente e autêntico que fascine e estimule os outros a dispor-se a percorrer a trilha da fé. É precisamente isto o que a doutrina da Igreja nos transmite:

O anúncio do Evangelho e o testemunho cristão da vida no sofrimento e no martírio são o ápice do apostolado dos discípulos de Cristo, do mesmo modo que o amor ao Senhor Jesus, até ao dom da própria vida, constitui uma fonte de fecundidade extraordinária para a edificação da Igreja (CDSI 39).

Enfim, o ideal do seguimento em ordem a um conceito autêntico do discipulado e da evangelização é um caminho exigente, mas gratificante, que leva os cristãos a uma maior identificação com a pessoa de Cristo e os prepara para se tornarem verdadeiras testemunhas do Evangelho, uma vez que participam «na missão de anunciar e testemunhar o Evangelho de Cristo» (CDSI 35).

---

<sup>67</sup> Díez, 631.

### 1.5.1. A missão da Igreja à luz do reino de Deus

Neste capítulo, apresentar-se-á o despontar do convite de Deus para se viver a essência do discipulado e da evangelização no contexto da fé cristã. Ao iniciarmos o estudo acerca da missão da Igreja à luz do reino de Deus, esforçamo-nos por fazer realçar, como essencial, a interdependência destes dois temas. No presente capítulo, iremos analisar a práxis da missão eclesial enquanto busca os propósitos (objetivos) subjacentes que orientam a sua existência.

Traçaremos a ligação inerente ao reino de Deus, procurando fazer ver como esta conceção (do reino de Deus) influi diretamente nas práticas do discipulado e da evangelização. Nesta abordagem, procuramos mostrar não apenas as nuances doutrinárias, mas também incitar a uma perceção mais enraizada desta sincronia na vivência cristã.

A Igreja concebe o Evangelho como fonte do anúncio da alegria e da salvação. Recebeu-o como dom da graça do Pai «para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4,18). Com os mesmos propósitos, Jesus Cristo representa na Igreja a norma da «Boa Nova de valor eterno» (Ap 14,6). De igual modo, ao expor o seu mandato, a Igreja configura-se como garante e representante do credo, símbolo da ação do Espírito na obra salvífica, a qual brota da ação missionária do Espírito Santo. Isto significa “pôr a Igreja em estado de missão permanente”.<sup>68</sup> E “edificar a Igreja mediante a confissão da fé em Jesus é o convite a sermos discípulos missionários do Senhor e a compartilhar corajosamente a sua caminhada, indo atrás dele e de sua cruz, no seguimento de sua pessoa”.<sup>69</sup>

Sobre a mesma norma da missão da Igreja à luz do reino de Deus, George Augustin está convencido de que:

A Igreja sabe que não vive para si, já que está vinculada estreitamente à família humana e que lhe foi entregue uma tarefa em relação ao mundo; “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, também são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo.”<sup>70</sup>

É necessário também destacar que a dimensão da missão da Igreja se configura na mesma dimensão de Jesus, justificada no seu mandato: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra

<sup>68</sup> Augustin, *Por uma Igreja em saída: Impulso da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 9.

<sup>69</sup> Augustin, 8.

<sup>70</sup> Augustin, 126.

edificarei a minha Igreja, e as Portas do Inferno não prevalecerão contra ela\_não poderão vencê-la» (Mt 16, 13-19). Com isso, declara-se aquilo que Paulo VI escreveu: “Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja: é a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN 14).

Em suma, a vocação da Igreja constitui-se a partir da ação e da vocação de Cristo, fazendo que a sua essência se identifique com a essência de Cristo. Deste modo, a Igreja torna-se a portadora da mensagem da Boa Nova com a sua missão de iluminar e revelar Deus a todos.

### 1.5.2. A presença do Reino

Como nos transmite a doutrina social da Igreja «A missão da Igreja é a de anunciar e comunicar a salvação realizada em Jesus Cristo, que Ele chama «Reino de Deus» (Mc 1, 15), ou seja, a comunhão com Deus e entre os homens» (CDSI 49).

A Igreja representa o modelo de doação comunicada por Jesus por meio do seus Evangelhos. Representa também a presença do reino, num binómio em que «a Igreja enriquece o mundo e o mundo enriquece a Igreja». Assim:

A Igreja, perscrutando assiduamente o mistério da Redenção, descobre com assombro incessante este valor, e sente o chamamento para anunciar aos homens de todos os tempos este Evangelho, fonte de esperança invencível e de alegria verdadeira para cada época da história (EV 9).

Assim, a Igreja «põe-se concretamente ao serviço do reino de Deus, antes de mais nada, anunciando e comunicando o Evangelho da salvação e constituindo novas comunidades cristãs» (CDSI 50). Representando esse lugar de serviço ao Reino, a Igreja torna-se o lugar do discipulado e da evangelização pela missão recebida por parte de Jesus:

Vós, como pedras vivas, entraís na construção de um edifício espiritual em função de um sacerdócio santo cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1 Pd 2,5). A Igreja não é uma espécie de agência de serviços sociais e de caridade; enquanto Corpo de Cristo, a Igreja é sacramento permanente e eficaz da presença de Cristo no mundo e, como consequência, é sacramento da misericórdia.<sup>71</sup>

É por isso, que a evangelização é uma ação global que envolve a ação e dinâmica da Igreja pela sua vocação e participação. Demonstrando assim que não é uma realidade voltada sobre si mesma, mas aberta permanentemente à dinâmica missionária e ecuménica.

Enfim, a Igreja é enviada ao mundo para testemunhar e anunciar, expandir e atualizar o mistério de comunhão que a constitui a fim de reunir a todos e tudo em Cristo; ser para todas as pessoas sacramento inseparável de unidade.

---

<sup>71</sup> Walter Kasper, *A misericórdia - condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã* (Cascais: lucerna, 2015), 191.

### 1.5.3. Missão e Boas Obras

Somos todos chamados a participar da missão da Igreja, como verdadeiros discípulos da Igreja em saída. Portanto, uma Igreja «em saída», proclama e anuncia a Boa Nova. E, conseqüentemente sai: «em direção aos afastados, aos excluídos; sai em direção às periferias humanas» (EG 46). Sai, a exemplo da mulher do dracma perdido, (Lc 15, 8-10), do pastor que vai à procura da ovelha tresmalhada (Mt 18, 12-14) e do Pai misericordioso que recebe o filho de braços abertos. (Lc 15, 1-3, 11-32). Nesse mesmo contexto, o compêndio da doutrina da Igreja destaca a Igreja como a comunidade dos chamados:

A Igreja é comunidade daqueles que são convocados pelo Cristo Ressuscitado e se põem no seu seguimento, ela é o sinal e a salvaguarda da dignidade da pessoa humana. Ela é em Cristo como que sacramento ou sinal, e também instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano (CDSI 49).

Assim a Igreja torna-se, entretanto, a salvaguarda do Evangelho, enchendo a vida comunitária de alegria missionária, uma vez que a vida da Igreja se conclui na vida comunitária e na alegria do anúncio de Jesus. Precisamente por ela ser a transmissora e a anunciadora da natureza e do dom de Deus. Mediante isso, a Igreja «como comunidade de discípulos missionários permeia, envolve, acompanha, frutifica e festeja». (EG 24).

Nesta circunstância; «a evangelização é o primeiro e mais importante serviço que a Igreja presta à pessoa e à humanidade. É a resposta a um anseio, a uma busca».<sup>72</sup> Visto que, desde os primórdios, Deus chama homens e mulheres para a missão em saída.

Além do mais, o Evangelho é o anúncio da vida, da comunhão e do esplendor da verdade. Os seus agentes são chamados a tornar-se verdadeiros discípulos e missionários da Palavra a exemplo de Jesus que «reuniu discípulos não tanto para servirem, mas para prepará-los para a missão. Assim, se pode concluir que o discipulado e a missão são duas faces da mesma moeda. Não é uma atividade simplesmente humana. É, uma atividade divino-humana».<sup>73</sup> É, justamente uma atividade divino-humana que nasce do coração evangelizador de Cristo.

---

<sup>72</sup> Santos, *Evangelizar com Papa Francisco Comentário à Evangelii Gaudium*, 25.

<sup>73</sup> Santos, 25.

Vale ressaltar ainda que o discipulado nasce da essência do Evangelho, uma vez que Cristo é o fundamento e a essência do Evangelho; e toda a manifestação da Palavra de Deus concorre para a plena realização da gratuidade de Deus, por intermédio do dom de Deus oferecido a cada homem e mulher.

É a evangelização, em sentido amplo, que precisamente resume a missão da Igreja; o seu carácter é o seu ser. Evangelizar é propor e, se possível, propagar a mensagem de Jesus Cristo a todos. A Igreja desempenha esta missão de Cristo que se tornou «*traditio Evangelii*». De facto, é precisamente a tradição que faz com que a Igreja anuncie, transmita e ensine. É assim que ela faz novos discípulos, tornando-se a «força salvadora de Deus para todos aqueles que acreditam» (Rm 1, 16).

Por isso, a Igreja transmite que Jesus é a essência do Evangelho. Esta transmissão faz com que a Igreja se manifeste de um modo *querigmático* na missão, representando o ministério que convoca a todos os destinatários para a missão da Igreja. Com base nisso, a Igreja responde à missão evangelizadora de Cristo no binómio: *Cristo evangelizador*, e *Igreja evangelizadora*. Desta forma, ela é justamente a testemunha de Cristo para a humanidade.

Além do mais, o espírito da evangelização é um seguimento contínuo, é um testemunhar e uma transformação ininterrupta da vida e da missão do discípulo com o mestre. Visto que a vida da Igreja se realiza numa sequência com os cânones da missão universal da Igreja. Este percurso do discipulado concretiza-se na busca real dos dons do Evangelho e da sua doutrina.

A vocação da Igreja consiste em seguir estes ditames: ser discípula evangelizadora, tendo o compromisso de anunciar, sempre e em toda a parte, o Evangelho (Jesus) e de o interpretar. E, assim, se justifica que a vida da Igreja se configura pelo serviço do Reino de Deus.

#### 1.5.4. O Reino de Deus e o mundo

O Compêndio da doutrina social da Igreja ensina que «À identidade e à missão da Igreja no mundo, segundo o projeto de Deus realizado em Cristo, corresponde «uma finalidade salvífica e escatológica, que só pode ser plenamente alcançada no século futuro» (CDSI 51).

O desafio da Igreja atual reside nos novos estímulos sociais da cultura moderna engolfada num processo de emancipação da ideia de Deus, perante uma suposta morte de Deus, visando a procriação duma cultura ateia. A parábola do semeador faz-nos lembrar a situação da Igreja perante as modernas tendências sociais e, ao mesmo tempo, suscita as estratégias que o autêntico discípulo deve assumir em prol da evangelização, perante estas negativas abordagens sociais. «Se a semente for boa, vamos colher bons frutos, mas se o que semeamos é discórdia, maldade ou outras coisas que não edificam a vida, não podemos esperar colher coisas boas». <sup>74</sup> A Palavra é lançada em diferentes solos, a fim de dar frutos. “A semente” é o Evangelho e “o semeador” são os discípulos, com Cristo, que anunciam a mensagem da Boa Nova de Jesus Cristo; “o solo” representa todos os que se confrontam com a Palavra.

A Palavra de Deus, proferida pelos profetas, provoca grandes transformações, porém, é preciso que o coração das pessoas que a recebem seja preparado como o agricultor prepara o solo para receber as sementes e aguardar as chuvas para que elas possam germinar.<sup>75</sup>

Quando Jesus compara o reino de Deus a uma semente, ele quer ensinar aos seus discípulos e a nós que este reino é algo que precisa ser semeado, cultivado, e construído, abarcando a nossa participação ativa. A parábola é uma evidente experiência comunitária do chamamento de Cristo, é a comunidade a caminho perante os “sinais dos tempos”. Os diferentes solos são lugares onde a graça é lançada para despontar e dar fruto, a fim de fazer acontecer a “metanoia”, a transformação das pessoas, caso a semente do Semeador seja acolhida. «É cultivando o solo onde pisamos e da árvore da nossa vida que conseguimos produzir bons frutos». <sup>76</sup> A parábola exprime em sentido geral a experiência comunitária da Igreja frente aos novos desafios antropológicos e ético-sociais.

---

<sup>74</sup> José Pereira Carlos, *Liturgia da Palavra II Reflexões para os domingos, solenidade, festas e memórias* (São Paulo: Paulus, 2014), 382.

<sup>75</sup> Pereira Carlos, 159.

<sup>76</sup> Pereira Carlos, 644.

Saiu o semeador a semear. E enquanto ele semeava, uma parte caiu à beira do caminho: vieram as aves e comeram-na. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e imediatamente germinou, por a terra não ser profunda; mas quando despontou o sol, queimou-se e secou, por não ter raiz. Outra parte caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na. Outra parte, porém, caiu em boa terra e deu fruto: ora cem, ora sessenta, ora trinta (Mt 13, 3-8).

Portanto a doutrina da Igreja indica-nos a exigência do reino de Deus para responder as realidades sociais do seguinte modo:

A transformação social que responde às exigências do reino de Deus, não está estabelecida nas suas determinações concretas, de uma vez por todas. Trata-se antes de uma tarefa confiada à comunidade cristã que a deve elaborar e realizar através da reflexão e da praxis inspiradas no Evangelho (CDSI 53).

Assim, o desafio da ação evangelizadora não recusa enfrentar os novos obstáculos sociais, mas cria meios e abordagem a fim de os transformar. Nisto, exige melhorar e aprofundar as orientações e opções preferenciais, à luz da Boa Nova do Evangelho e de modo mais operacional da missão, de modo a poder contrapor-se às ideologias e ao carácter intencional das vias capitalista-liberal e coletivista marxista, ambas dispostas a interpretar a realidade, em desconformidade com a mensagem do Evangelho. «Para entender a missão da Igreja é preciso entender a missão que Cristo confiou aos seus Apóstolos e seus discípulos».<sup>77</sup> e que «entrar no barco de Jesus significa assumir a missão com ele».<sup>78</sup>

Todavia, a missão da Igreja é a de evangelizar, de fundir e conduzir as pessoas à boa conduta, empenhando-as no sentido da justiça e da ética. «A Igreja em razão da sua missão é competência, de modo algum se confunde com a sociedade nem está ligada a qualquer sistema político determinado, é ao mesmo tempo o sinal e salvaguarda da transcendência da pessoa humana» (Gs 76). De facto, «O exercício do mistério da evangelização no campo social, torna-se um aspeto do múnus profético da Igreja que Compreende assim, também a denúncia dos males e das injustiças». (SRS 63).

O labor do Evangelho numa sociedade descristianizada requer conhecimentos adequados, para se não cair na armadilha das próprias palavras; o anúncio do Evangelho é mais importante do que a simples denúncia dos efeitos maléficis de tais ideologias. Assim, a ação de evangelizar traz novas formas e novos métodos e impulsiona a reflexão e o plano do autêntico desenvolvimento humano. Até chegar áquilo que Pedro diz: «Vós

---

<sup>77</sup> Pereira Carlos, 811.

<sup>78</sup> Pereira Carlos, 385.

sois o povo adquirido por Deus, para proclamardes as suas obras maravilhosas» (1 Ped 2,9).

Contudo, a evangelização requer do discípulo tenacidade e ousadia perante a cultura do medo, da fuga à realidade, da insegurança, da oposição à liberdade, da ausência de valores, da descrença e da cultura do ídolo. «O seguimento de Jesus não deve estar fundamentado em interesses, na procura de privilégios ou lugares de destaque, mas no serviço gratuito». <sup>79</sup> A formação duma sã mentalidade é o critério para vencer todo o indiferentismo e todas as desconfianças sobre o mistério de Cristo.

Por fim, para que o Evangelho chegue a todos, exige-se, além duma sólida experiência pastoral e duma vivência espiritual que nos aproxima do Bom Pastor, que ele seja comunicado, com entusiasmo e convicção, às gerações jovens. A estas, que serão o futuro de amanhã, só a mensagem do Bom Pastor as pode transformar, de modo que elas, por sua vez, se tornem mensageiras da Palavra da Boa Nova, a única que ilumina e salva a Humanidade de quaisquer épocas.

---

<sup>79</sup> Pereira Carlos, 833.

## 2. Práticas e desafios do discipulado

O discipulado é um caminho que todo os fiéis são chamados a trilhar, a fim de se unificarem e conformarem à imagem de Cristo. Na primeira parte, percorremos os fundamentos bíblico-teológicos do discipulado e da evangelização, ancorando-nos no chamamento de Jesus «Segue-me» (Mt 4, 19) que exige de nós uma resposta concreta de adesão radical ao projeto de Deus. Neste capítulo, iremos direcionar o nosso estudo para os debates sobre o modo como realizar o seguimento de Jesus com radicalidade, mediante o testemunho, o diálogo e a nossa transformação.

O discipulado, de um modo geral, por sua natureza, não está livre de desafios, perseguições e rejeições. Do mesmo modo que Jesus foi perseguido e rejeitado, também os seus discípulos estão sujeitos a situações semelhantes. Em várias partes do mundo, o seguimento de Cristo significa a perda de status; na verdade, o discipulado desafia os valores que imperam em grande parte das sociedades contemporâneas, tais como o materialismo, o individualismo e o relativismo moral.

Além disso, a passividade, o conformismo e a resignação são desafios que podem enfraquecer a radicalidade do seguimento. O discípulo é chamado a tornar-se «sal da terra e luz do mundo» (Mt 5, 13-14).

Ao apresentar-se aos seus discípulos, Jesus não indica apenas a identidade do cristão, descreve também a missão daqueles que O seguem. A radicalidade dessa chamada, revela-se na maneira como o seguimento de Jesus é realizado. Este seguimento requer a transformação radical de quem O segue. Tal transformação não acontece de forma automática: ela é resultado de um processo de escuta e amadurecimento dos ensinamentos de Jesus.

Como observa Juan José Bartolomé: «Nenhum dos seguidores de Jesus teve algo de especial para fazer, ou fez, antes de ser convidado para O seguir. Jesus chamou quem Ele quis e quando ele quis».<sup>80</sup> Seguir Jesus é uma prática que não está isenta de desafios; o primeiro dos quais é a renúncia a si mesmo: «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16, 24).

---

<sup>80</sup> Bartolomé, *Vinde após Mim: Traço específicos do seguimento de Jesus*, 73.

A missão exige de nós uma entrega generosa; por isso, seria um erro considerá-la como uma tarefa pessoal heroica, dado que ela é, primariamente, acima de tudo, o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. Jesus é o primeiro e o maior evangelizador. De qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus que quis chamar-nos para cooperar com Ele, impelindo-nos com a força do seu Espírito (EG 12).

Esta maneira de pensar confere, a todos os escolhidos, a identidade do primado de Deus. Só Ele concede o ministério do discipulado. O primado do chamamento de Deus, na relação entre Deus e os homens, leva os discípulos a comprometerem-se com a realização do mistério querigmático, numa lógica de caridade e serviço ao próximo, que desperta para os sinais do primeiro anúncio do mistério de Deus. Isto implica um certo «compromisso que chega ao entendimento entre Deus e aquele ou aquela que Ele inspira, que Ele convoca, que Ele orienta e acompanha» (EG 12).

Em virtude disso, cada discípulo e cada comunidade têm de fazer discernimento sobre o caminho que o Senhor lhes pede, e de reconhecer que «todos somos convidados a aceitar o chamamento» (EG 20), desde que nos disponhamos a sair “da própria comodidade e tenhamos a coragem de enfrentar todas as periferias que precisam da Luz do Evangelho” (EG 20). É um convite desafiante e profundo, já que convida a ir sempre além, a fim de se poderem encontrar os mais pobres e marginalizados. É o que nos ensina o encontro de Jesus com a mulher Samaritana (Jo 4: 1-42), Ele teve de ultrapassar barreiras sociais e culturais, para falar com esta mulher; o mesmo ocorreu com a parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10: 25-37). Jesus, além de nos querer convencer de que a salvação é oferecida a todos, convence quem o segue a aproximar-se do outro, seja ele quem for, com amor e compaixão, sempre em espírito de serviço.

Nesta perspetiva é importante destacar o Papa Francisco que acentua a necessidade de uma missão em saída, numa «Igreja em saída». A necessidade duma Igreja em saída deve ser inculcada na vida de todos os cristãos que se sentem chamados a deixar as suas zonas de conforto para irem ao encontro dos mais necessitados; assim se alcançará uma evangelização voltada também para os pobres e os excluídos.

Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados, enquanto o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas ações (EG 120).

O evangelho de Mateus exprime, com justeza, a essência do convite à missão nas periferias. Jesus diz: «Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25, 40). Como se vê, Jesus inspira os seus seguidores a saírem do

seu comodismo, para irem em busca daqueles que estão fora. O que caracteriza com precisão a evangelização ou um verdadeiro discipulado é, na verdade, a sua solidariedade ativa com os mais necessitados. A missão evangelizadora da Igreja, em todas as circunstâncias, devia evidenciar isto mesmo.

## 2.1. O Discipulado com processo contínuo de Formação e Acompanhamento

O discipulado é o cerne da missão da Igreja. Por isso, a formação e o acompanhamento dos discípulos são essenciais para o florescimento espiritual, dado que «o compromisso de acompanhamento espiritual envolve a oportunidade de se criar uma amizade espiritual e de oferecer o tempo, a estrutura, a sabedoria e a disciplina necessárias para gerar um espaço sagrado na vida, no qual Deus pode agir».<sup>81</sup> Este processo não se reduz, portanto, apenas a uma prática pessoal ou individual, mas comunitária e relacional, onde Deus intervém, por meio das interações, vivências e ensinamentos que ocorrem da relação pessoal de Deus com os indivíduos e a comunidade. Deste modo se irá entendendo que a essência do discipulado se concretiza na renúncia a si mesmo que permite carregar a própria cruz e seguir o Mestre. Como nos transmite o Documento Aparecida:

Neste momento, com incertezas no coração, perguntamo-nos com Tomé: «Como vamos saber o caminho? (Jo 14, 4). Jesus nos responde com uma proposta provocadora: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Ele é o verdadeiro caminho para o Pai, que tanto amou ao mundo que deu a seu Filho único, para que todo aquele que nele creia tenha a vida eterna (cf. Jo 3, 16) (DAp 101).

Este caminho não se faz de forma isolada. O discipulado é, sobretudo, um caminho trilhado em comunidade, ao longo do qual os discípulos aprendem e se apoiam mutuamente, vivendo e caminhando com outros que estão dotados dum «endereço que permite ser contactado por Deus».<sup>82</sup> Este discipulado é fortemente apaixonado por Cristo «a quem reconhece como o mestre que conduz e o acompanha» (DAp 277).

Como discípulos de Jesus reconhecemos que Ele é o primeiro e maior evangelizador enviado por Deus (cf. Lc 4, 44) e, ao mesmo tempo, o Evangelho de Deus (cf. Rm 1, 3). cremos e anunciamos “a boa nova de Jesus, Messias, Filho de Deus” (Mc 1, 1). Como filhos obedientes à voz do Pai queremos escutar a Jesus (cf. Lc 9, 35) porque Ele é o único Mestre (cf. Mt 23, 8). Como seus discípulos sabemos que suas palavras são Espírito e Vida (cf. Jo 6, 63.68). Com a alegria da fé somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, n’Ele, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, de ciência e da solidariedade com a criação. (DAp103)

Assim, no caminho comunitária do discipulado, compartilhamos lado a lado com o Mestre, aprendendo a ser testemunhas vivas da Sua Palavra, mantendo-nos atentos à Sua presença, pois Ele é o caminho, a verdade e a vida. Por outro lado, é importante ressaltar um elemento fundamental no processo do discipulado: o acompanhamento. «Cada setor do Povo de Deus requer que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo

<sup>81</sup> Henri Nouwem, *Acompanhamento Espiritual sabedoria para percorrer o longo caminho da fé* (Braga: editorial A. O., 2016), 13.

<sup>82</sup> Nouwem, 13.

com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada». (DAP 282). Esse acompanhamento, concretizado em comunidade, é importante para que o discípulo para que o discípulo cresça e se fortaleça na sua caminhada, guiado pela presença constante do Mestre e pelo auxílio e cooperação dos irmãos na fé.

É preciso que o formador saiba compreender, encorajar, orientar, ajudar, caminhar com o discípulo e ensiná-lo a enfrentar os desafios que aparecem ao longo da jornada. «Tende a acompanhar processos de formação que levam a pessoas a assumir a própria história e a curá-la, com o objetivo de se tornar capaz de viver como cristão em um mundo plural, com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade interior» (DAP 280). O acompanhamento é uma manifestação concreta do amor de Cristo: por ele, um membro experiente na fé coloca-se à disposição do formando, como o Mestre fez com os seus discípulos.

A missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo. Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, que compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Na base destas dimensões está a força do anúncio kerymático. (DAP 279).

O acompanhamento é também o meio pelo qual Deus ordinariamente atua: «o objetivo do acompanhamento é a formação espiritual dum discípulo»,<sup>83</sup> através da conversação, do exemplo e dos conselhos por parte dos que o acompanham.; no fundo, é o modo de direcionar a “capacidade consciente de alguém para que, sempre com maior energia, possa viver uma vida espiritual a partir do coração.”<sup>84</sup>

A Igreja, nos seus documentos, destaca a necessidade de acompanhar e ensinar os agentes da missão. Por exemplo: a *Evangelii Gaudium* (EG 174) aponta: «toda a evangelização está fundada sobre a Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada». Estas dimensões, além de moldarem a vida dos discípulos, tornam-se também meios indispensáveis para a missão. A escuta da palavra é o primeiro passo em ordem à missão.

No contexto da Sagrada Escritura, a fé vem pela escuta: «a fé provém da pregação e a pregação exerce-se em razão da palavra de Cristo» (Rm 10,17). A escuta da palavra

---

<sup>83</sup> Nouwem, 13.

<sup>84</sup> Nouwem, 13.

vai além do simples ato de ouvir: trata-se, portanto, de uma atitude de receptividade e abertura ao que Deus quer comunicar.

A escuta atenta da Palavra de Deus representa um processo de conversão; na verdade, a necessidade da proclamação da Palavra é um ato que desperta a fé nos corações dos ouvintes. «A escuta comum da palavra de Deus chama à conversão aqueles que se declaram discípulos e missionários de Jesus Cristo» (DAp 232).

Após a escuta, é essencial meditar a Palavra. É fundamental que os discípulos façam a *lectio divina*; esta é muito importante no processo que visa o encontro pessoal com Deus. Mediante a *lectio divina*, os discípulos buscam compreender a voz de Deus em cada situação da vida.

Este elemento é essencial para o discipulado e para a formação do acompanhamento, na medida em que, através da *lectio*, o discípulo encontra orientações para os desafios do discipulado, de modo que este se torne um caminho fiel em Cristo. Assim, a palavra, escutada e meditada, deve ser vivida, para vir a ser, realmente, fonte do acompanhamento e da missão.

É assim que a evangelização e o discipulado se tornam lugar da manifestação e da realização da economia da salvação: os fiéis são impulsionados pela Palavra de Deus, a converterem as suas vidas conforme os ensinamentos de Cristo, a viverem a Palavra de Deus, a imprimirem e a encarnarem os valores do Evangelho. Por isso, o discipulado autêntico forma-se mediante a escuta da Palavra, até porque o seu primeiro encargo é a realização do Primeiro Anúncio.

O primeiro anúncio é essencialmente querigmático; tal como foi realizado por Jesus Cristo, apresenta-se como ponto de partida para todos:

crístãos que fazem a experiência do encontro com o Senhor e se tornam discípulos missionários. Não são pessoas prontas ou perfeitas no discipulado, mas são membros da comunidade e desejam que outros participem da alegria de seguir o mesmo Caminho» (documento CNBB 107: 169).

Logo, a evangelização é o fruto natural do discipulado. Quando alguém se torna discípulo de Cristo, sente-se impelido a partilhar a Boa Nova com outros: «todo o discípulo é missionário, na medida em que encontrou o amor de Deus em Cristo Jesus» (DA 29). A evangelização, todavia, não é uma tarefa opcional, é uma consequência inevitável

da vida cristã. Ela, além de ser uma etapa inicial, é também uma mensagem que precisa constantemente de se renovar e de ser proclamada.

Por isso, o verdadeiro acompanhamento ocorre quando ambos, o acompanhado e o acompanhante fazem a experiência do primeiro anúncio. Assim, «a plena eficácia do apostolado só se alcança, mediante uma formação multiforme e integral» (AA 28) das três dimensões, acima apontadas, escuta e meditação e vivência da Palavra. São estas dimensões que formam a base sólida para uma autêntica formação e um eficaz acompanhamento.

A formação deve ser considerada como fundamento e condição de todo e qualquer apostolado fecundo; além da formação espiritual, requer-se uma sólida preparação doutrinal, teológica, ética e filosófica, de harmonia com a idade, a condição e a capacidade de cada candidato. (AA 29).

A formação é fundamental tanto para a evangelização como para a santificação dos homens; exige que todos «os leigos recebam uma formação especial, a fim de estabelecerem o diálogo com os demais, crentes ou não crentes, poderem comunicar a todos a mensagem de Cristo» (AA 31). Por outras palavras, «uma vida espiritual não pode forjar-se sem disciplina, sem prática e sem responsabilidade». <sup>85</sup>

A Igreja, pela sua finalidade missionária e santificadora, «tem levado em consideração novas circunstâncias e necessidades, para promover, de facto, o encontro pessoal entre Jesus Cristo e o acompanhamento formativo dos seus discípulos missionários» (DAp 107-48). A Igreja propõe um ciclo contínuo como caminho para que os discípulos se tornem verdadeiros discípulos: “a Igreja sabe que não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar. É indispensável que a palavra de Deus se torne cada vez mais o coração de toda atividade eclesial” (EG 174).

Acerca disto, a Conferência Episcopal Latino-Americana, salienta que o primeiro lugar para empreender a formação e o valor do acompanhamento e da missão evangelizadora é «a família, primeira escola da fé. A família é uma pequena Igreja» (DA 302). A Igreja reconhece que o processo do acompanhamento envolve uma contínua construção da família e da comunidade. Portanto, ela tem consciência de que as paróquias são “células vivas da Igreja e lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da sua Igreja (cf. DA 304). As Paróquias são lugares de “experiência

---

<sup>85</sup> Nouwem, 14.

eclesial e de seguimento”. A Igreja é sem sombra de dúvida o Corpo de Cristo, onde cada discípulo contribui para o bem comum.

Darío Mollá Llácer ressalta que «o seguimento de Jesus é para ser vivido na Igreja e. que, quem ajuda outros no seguimento de Jesus, tem a obrigação de os ajudar na vivência eclesial». <sup>86</sup> Assim, «Sentir com a Igreja é um capítulo obrigatório na espiritualidade do acompanhante espiritual». <sup>87</sup> O acompanhamento na Igreja é uma prática indispensável para se chegar à construção de comunidades vivas e para se descobrir a vocação dos discípulos de Cristo.

Por isso, «a formação dos fiéis leigos tem como objetivo fundamental descobrir de forma cada vez mais clara, a própria vocação e a disponibilidade para a viver no cumprimento da própria missão» (CL 58). É, pois, necessário que os leigos integrem e mergulhem no mistério de Cristo e que «os acompanhantes e os acompanhados vivam a fé e sigam Jesus. Só quem ama a Igreja pode transmitir amor à Igreja». <sup>88</sup> Com base nisto, o acompanhamento deve ser realizado em constante diálogo fraterno e na escuta atenta da Palavra, propiciando assim um desenvolvimento eficaz do discípulo.

A exortação apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II, recorda-nos que «todos os batizados, pelo próprio facto do seu Batismo, têm direito a receber da Igreja um ensino e uma formação que lhes permita levar verdadeira vida Cristã» (CT 14). A formação ao acompanhamento deve ser realizada conforme o decreto *Apostolicam Actuositatem*. Segundo este documento, para a formação e para o acompanhamento do discípulo, é necessário promover:

Sessões, congressos, recolções, exercícios espirituais, reuniões frequentes, conferências, livros, revistas – tudo o que permita um cada vez mais perfeito conhecimento da Sagrada Escritura e da Doutrina Católica, a fim de se alimentar a vida espiritual (AA 34).

Assim, não há dúvida de que «o acompanhamento espiritual autêntico começa sempre no âmbito do serviço à missão evangelizadora. O relacionamento de Paulo com Timóteo e Tito é um exemplo de como se deve desempenhar esta formação» (EG 173), porque incontestavelmente:

---

<sup>86</sup> Darío Mollá Llácer, *O acompanhamento espiritual: uma espiritualidade para o encontro*, trad. Joana Ferreira Silva (Braga: Editorial A.O., 2023), 105.

<sup>87</sup> Llácer, 106.

<sup>88</sup> Llácer, 106.

Aquele que foi evangelizado, evangeliza por sua vez. É nisto que consiste o teste de verdade, a pedra-de-toque da evangelização: não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino, sem se tornar alguém que, por seu turno, testemunha e anuncia essa Palavra (EN 24).

É neste contexto que se move e que se insere o mistério do envio da Igreja. Todos, na Igreja, são chamados à santidade, conforme a palavra do Apóstolo: «Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (1 Tess. 4,3; cfr. Ef 1,4) (LG 39). Assim, “o desafio da Igreja é estabelecer o *querigma*”,<sup>89</sup> ela é enviada ao mundo para que todos encontrem o caminho da vida eterna, isto é, para que «todos se salvem e cheguem ao conhecimento da Verdade» (1 Tm 2,4).

O envio não é apenas uma tarefa realizada pela força humana; o envio está fundamentado na ação contínua do Espírito Santo que capacita, guia e inspira os discípulos a testemunharem Jesus Cristo. O mistério do envio é, na verdade, o mistério da Igreja em movimento, já que é guiada e impulsionada pelo Espírito Santo que a mantém fiel à missão recebida. Por isso, «o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento» (EG 160).

A centralidade do *querigma* requer que o anúncio, hoje, mantenha necessariamente e em toda a parte, algumas características: transmita o amor salvífico de Deus e a obrigação moral e religiosa; não imponha a verdade, mas apele à liberdade; seja pautado pela alegria e vitalidade, pelo estímulo e por uma integralidade harmoniosa de modo a não reduzir a pregação a umas tantas doutrinas, às vezes mais de caráter filosófico do que evangélico. Isto exige do evangelizador algumas atitudes que ajudam os destinatários a acolher melhor o anúncio, tais como: «a proximidade, a abertura ao diálogo, a paciência, o acolhimento cordial que não condena» (EG 165).

Estas atitudes fortalecerão a dimensão da formação e do acompanhamento, de modo a dar maior consistência ao fundamento da mensagem e do anúncio cristão. Assim se irá formando um discipulado fiel e uma evangelização autêntica.

---

<sup>89</sup> Diocese do Porto, «Orientações Diocesanas de Pastoral» (Porto, 1991), 44.

### 2.1.1. Acompanhamento Espiritual

O acompanhamento espiritual é um recurso essencial para ajudar os fiéis a crescerem na santidade e a atenderem fielmente o chamamento de Deus. A Igreja tem recuperado esta dimensão; afirma-o Juan María Uriarte: «O acompanhamento volta a emergir com força na Igreja. A recuperação do acompanhamento espiritual é indispensável, hoje, não somente para os fiéis que buscam a espiritualidade, mas também para toda a Igreja».<sup>90</sup>

O acompanhamento espiritual é um auxílio e um instrumento que um irmão, idóneo na fé e no discipulado, dá a um irmão mais novo e inexperiente, compartilhando com ele uma parte do caminho, para que ele possa verdadeiramente discernir a ação de Deus na sua vida, e chegar a decidir e a corresponder ao chamamento de forma livre e responsável. A Igreja insiste na arte de acompanhar e exige que os seus membros se formem nesta prática simbolizada no ato exigido a Moisés para descalçar as sandálias quando ele se preparava para entrar numa terra sagrada. (cf. Ex 3,5).

Ao falarmos sobre o acompanhamento espiritual é importante destacar a importância desta ação formativa que se oferece àqueles que, tendo uma disposição evangélica e eclesial ainda frágeis, por razões variadas, precisam de alcançar um nível de certa profundidade que lhes permita uma compreensão global do cristianismo, da Escritura, da oração, do comportamento moral, do compromisso eclesial, do serviço à comunidade humana. A intervenção dum ação formativa, para estes possíveis formadores, é absolutamente indispensável.

O segundo ponto a salientar sobre a disponibilidade do serviço do acompanhamento espiritual é o seguinte: o acompanhamento de iniciação espiritual, é oferecido a uma pessoa que já possui uma experiência pessoal de vida com Deus e dispõe de um nível aceitável de formação cristã. Neste caso, a Igreja precisa de apoiar, pondo-a em contacto frequente com «pessoas já formadas e iniciadas na experiência de Deus e habituadas ao discernimento».<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Juan María Uriarte, *A missão do presbítero servir como pastor*, trad. João Batista Kreuch (Petrópolis: Vozes, sem data), 91.

<sup>91</sup> Uriarte, 95.

O acompanhamento espiritual está essencialmente ancorado na figura e no mistério de Jesus Cristo, guia e exemplo supremo para todos os que buscam uma vida de comunhão. É desta maneira que se materializa a ideia defendida por Georgino Rocha:

A atitude dos discípulos espelha o modo como o Senhor Jesus procede conosco: pensa em nós, faz-Se próximo, provoca o encontro, identifica as pessoas que conhece pelo nome, perscruta o seu coração, a sua consciência e acredita na sua bondade, lançando-lhes o apelo: «Vinde comigo». É assim que nasce a vocação. E é assim que se prepara a missão.<sup>92</sup>

É através de Suas palavras e ações que a vontade de Deus se realiza. Tenhamos, como exemplo, a formação dos discípulos que iam a caminho de Emaús (Lc 24, 13-35). Jesus revela-se a eles como «alguém que os acompanha, guia e consola em todas as circunstâncias por que passaram».<sup>93</sup> É refletindo bem no que ocorreu com os discípulos de Emaús que o acompanhamento espiritual se deve realizar. Há que acompanhar, orientando com paciência e respeito, todos aqueles que são chamados a servir a Deus, até eles reconhecerem a luz e entenderem a verdade.

O acompanhamento espiritual, tendo Jesus como guia e caminho, é uma jornada compartilhada, durante a qual Jesus se manifesta no Seu modo de acompanhar e ajudar os discípulos até eles descobrirem o chamamento de Deus e a ele responderem com convicção e alegria.

Jesus, sendo o Bom Pastor, chama a todos pelo nome (cf. Jo 10, 1-10).

Jesus estabelece conosco uma relação humana muito rica que, biblicamente, se expressa na imagem do bom pastor que se dedica totalmente às ovelhas do seu rebanho. Visualiza-o no seu agir sempre solícito pelos que estão em maior necessidade, nunca deixando de os enriquecer com o seu ensinamento acessível.<sup>94</sup>

Jesus representa para a humanidade a mediação entre Deus e os homens; Ele é o mediador que leva as pessoas a um relacionamento pessoal com Deus. «Ele, que sonhava com a constituição de um grupo de discípulos, manifestava a preocupação de lhes proporcionar uma formação adequada; escolheu-os «para estarem com Ele e para os enviar a pregar».<sup>95</sup>

<sup>92</sup> Rocha, *Crescer na fé e anunciar a Alegria do Evangelho*, 34.

<sup>93</sup> Gianni Valente, *Sem Ele nada podemos fazer, ser missionário no mundo atual*, trad. Leonardo A.R.T. Santos (Petrópolis: Vozes, 2021), 14.

<sup>94</sup> Rocha, *Crescer na fé e anunciar a Alegria do Evangelho*, 56.

<sup>95</sup> Rocha, 34.

Em suma, o acompanhamento espiritual nasce do paradigma «Vinde comigo» - um apelo que tem como finalidade levar-nos a compreender como se deve encarar o caminho de fé que se pode sintetizar assim: ajudar os discípulos a serem reanimados pelo Espírito, de modo que eles partam, com alegria e convicção, em missão. Foi deste modo que se deu «origem à mais bela história de amor que faz da autoridade um serviço à verdade que liberta, e da debilidade humana a força especial da ação de Deus na História». <sup>96</sup> Como Jesus, também nós somos chamados a construir a nossa história com a sabedoria daquele que nos chamou a caminhar com Ele.

---

<sup>96</sup> Rocha, 60.

### 2.1.2. Acompanhamento Pessoal

O acompanhamento pessoal é uma práxis importante para a compreensão da essência do discipulado. É fundamental destacar que o acompanhamento espiritual pessoal é uma tarefa delicada, já que é através dela que se entra «no terreno sagrado, no terreno onde, num ambiente de total intimidade, a pessoa acompanhada revela os seus desejos mais profundos e toma decisões acerca dos seus projetos mais vitais».<sup>97</sup> O acompanhamento pessoal é mais do que proporcionar apenas uma conversa ou um aconselhamento: é, nada mais, nada menos, todo um processo de orientação e de discernimento, na presença e na ação de Deus.

A todas as realidades do acompanhamento pessoal chama Henri Nouwen de «caminho do coração»,<sup>98</sup> “o caminho que nos leva a descer da mente para o coração, a fim de que, bem dentro de nós, sejamos moldados pelo Espírito do Senhor.”<sup>99</sup> Este processo é deveras essencial, pois tem como objetivo ajudar alguém a pôr em “prática a disciplina do coração que um diretor espiritual deve propor a um seu discípulo”<sup>100</sup>

«Para vivermos espiritualmente, precisamos de respirar ao ritmo do Espírito e de nos movermos em direção a Deus, no longo caminho de fé».<sup>101</sup> É este processo espiritual que leva os discípulos a se tornarem autênticos agentes da missão evangelizadora, proporcionando-lhes bons alicerces da formação e da orientação na trajetória de fé. Em contrapartida; neste processo, é preciso prestar atenção para se poderem “identificar e seguir os movimentos subtis do Espírito no nosso coração e na nossa vida.”<sup>102</sup>

A Igreja reconhece a relevância do acompanhamento pessoal como parte complementar do processo de formação e crescimento espiritual dos fiéis. Com base nisso, o Papa João Paulo, na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, ressalta a necessidade de um acompanhamento pessoal constante, no intuito de fortalecer a vocação batismal, de modo a viver autenticamente a fé no mundo; tudo «para a promoção de bens fundamentais como a vida e a paz» (CL 58).

---

<sup>97</sup> Llácer, *O acompanhamento espiritual: uma espiritualidade para o encontro*, 6.

<sup>98</sup> Nouwen utilizou a Palavra «coração» de forma consistente, para significar o nosso ponto de acesso a Deus através da oração contemplativa, da escuta orante e da obediência ativa

<sup>99</sup> Henri Nouwen, *Formação Espiritual seguindo os movimentos do Espírito* (Braga: editorial A. O., 2017), 8.

<sup>100</sup> Nouwen, *Acompanhamento Espiritual: sabedoria para percorrer o longo caminho da fé*, 14.

<sup>101</sup> Nouwen, *Formação Espiritual seguindo os movimentos do Espírito*, 9.

<sup>102</sup> Nouwen, 9.

Este objetivo supõe que se faça um bom exercício de discernimento e que todos os discípulos «vivam plenamente a sua vocação de discípulos missionários e sintam a necessidade de uma “sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e dum adequado acompanhamento».<sup>103</sup>

O acompanhamento pessoal é uma oportunidade de crescimento que liga todos os discípulos, uma vez que não está ligado necessariamente ao ministério ordenado ou à vida religiosa. É, antes de mais, um itinerário e um encargo comunitário de «cuidar do nosso amor por Jesus Cristo, para nos aproximarmos das pessoas. Aproximamo-nos delas a partir do amor de Cristo. Isso confere ao nosso acompanhamento um cunho de radicalidade evangélica».<sup>104</sup>

Por outro lado, o acompanhamento espiritual tem como objetivo, sobretudo, fomentar um diálogo profundo entre as pessoas e Deus, a partir da reflexão do Evangelho e de toda a Sagrada Escritura, a fim de as ajudar a encontrar a resposta pessoal e genuína ao chamamento de Deus. Por outro lado, não se pode ignorar:

O escasso acompanhamento dado aos fiéis leigos, em suas tarefas de serviço à sociedade, particularmente quando assumem responsabilidades nas diversas estruturas de ordem temporal. Isto pode resultar “numa evangelização, com pouco ardor e sem novos métodos e novas expressões, que leva facilmente a dar ênfase ao ritualismo desinteressado do caminho de formação, e que acaba por se descuidar das tarefas pastorais.”<sup>105</sup>

Em suma, a Igreja realça o acompanhamento pessoal (vocacional e formativo) como uma práxis indispensável, para se chegar a compreender a urgência da formação espiritual e da «leitura dos sinais dos tempos». Tal práxis proporciona uma base sólida para o crescimento na fé, na medida em que empenha e desenvolve os valores evangélicos autênticos.

---

<sup>103</sup> Maria Clara Bingemer, *Ser cristão hoje* (São Paulo: Editora Avé-Maria, 2013), 43.

<sup>104</sup> Llácer, *O acompanhamento espiritual: uma espiritualidade para o encontro*, 14.

<sup>105</sup> Bingemer, *Ser cristão hoje*, 43.

### 2.1.3. O perfil do Acompanhador

O perfil do acompanhador espiritual é importante para a eficácia do processo do acompanhamento espiritual. O guia espiritual não é apenas um conselheiro, mas um irmão entre irmãos que ajuda o outro a discernir a presença de Deus na sua vida. A Igreja sublinha que:

A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, consegue exprimir, com plena sinceridade, a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar, neles, a confiança, a abertura e a vontade de crescer: (EG 172).

O acompanhador deve consolidar a capacidade profunda de escuta, mas sem julgar, e deve saber entrar em empatia: «quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente, a partir do exterior» (EG 172).

Tal como ainda nos orienta a *Evangelii Gaudium*, é preciso buscar um ambiente seguro onde o acompanhado se sinta à vontade.

Hoje, mais do que nunca, precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para, no meio de todos os demais, defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho (EG 171).

Por isso, «é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo, dia após dia» (EG 44). A misericórdia é um elemento central no acompanhamento espiritual, pois espelha o amor e a compaixão de Deus pelas nossas falhas e imperfeições; a misericórdia procura envolver nela um processo de compreensão que oferece a todos os discípulos um espaço seguro onde podem expressar as suas dúvidas e desafios, sem medo de ser julgado. A misericórdia oferece também ao discípulo um espaço de perdão e reconciliação, através do qual todos os discípulos possam unir-se sempre a Deus, num processo de construção diária que se manifesta nas práticas diárias, de revisão, de reflexão, de ajuste e adaptação. O acompanhamento espiritual guiado pela paciência e misericórdia é um processo que enriquece e transforma o discipulado e a evangelização.

Para realizar este processo de acompanhamento guiado pela misericórdia e paciência, são essenciais a arte e a prática da escuta. A escuta é mais do que um ato passivo, trata-se de uma capacidade que nasce do coração.

Ela torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Só a partir da escuta respeitosa e compassiva é que o cristão pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, para despertar nele o desejo da santidade e de corresponder plenamente ao amor de Deus e ao anelo de desenvolver o melhor de tudo aquilo que Deus semeou na nossa própria vida (EG 171).

É precisamente, diante desse processo, que podemos repetir a frase de Juan María Uriarte: «O acompanhante não nasce, mas torna-se».<sup>106</sup> Por isso, a integração deste princípio no acompanhamento espiritual torna-se um caminho de constante crescimento, e “uma experiência cristã profunda e sólida, uma sabedoria para discernir, acolher, conhecer e controlar as tentações”<sup>107</sup>. Outro grande princípio, neste caminho de quem é chamado a formar: “o acompanhante deve deixar-se acompanhar”.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> Uriarte, *A missão do presbítero servir como pastor*, 106.

<sup>107</sup> Uriarte, 106–8.

<sup>108</sup> Uriarte, 109.

## 2.2. Os Desafios no mundo Contemporâneos do Discipulado e da Evangelização

O discipulado e a evangelização enfrentam desafios significativos num contexto cada vez mais individualista e secularizado. Nos dias de hoje, a formação de discípulos enfrenta obstáculos que vão desde a falta de compromisso até à influência da cultura do eu. Perante disto, Felicísimo Martínez observa:

A universalidade do chamamento ao seguimento é, hoje, de uma maneira geral, uma verdade comumente aceite. Mas nem sempre assim foi. Nem sequer podemos ter absoluta certeza de que todos os cristãos se sentem hoje, de facto, chamados ao seguimento de Jesus.<sup>109</sup>

Esta realidade levanta obstáculos que requerem compromisso e reflexão diante do chamamento radical e sacrificial em ordem a uma renovação do anúncio do Evangelho. Para se alcançar este objetivo, é importante contar com o acompanhamento espiritual, para que cada pessoa chegue a definir o rumo de sua vida, buscando identificar-se com a verdade do discipulado, renunciando ao mal e descobrindo os tesouros escondidos em seu coração.

As renúncias radicais que são apontadas como condições do seguimento só se têm sentido, a partir da descoberta do Reino. A parábola do Evangelho esclarece precisamente esta afirmação: «O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo que um homem encontra e volta a escondê-lo. Cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo».<sup>110</sup>

Esta parábola do Evangelho descreve com grande intuição a notoriedade do Reino de Deus como fonte de alegria e realização do mistério salvífico e inculca a necessidade de redescobrir o modo autêntico de comunicar a fé, numa cultura em que os métodos de evangelização se devem adaptar para responder aos anseios da nossa época, oferecendo, assim, a grande esperança e a alegria do Evangelho.

O Reino de Deus reflete a radicalidade do encontro com Jesus que resulta num compromisso. A parábola mostra-nos que todos somos chamados a renunciar a tudo aquilo que nos impede de seguir e descobrir o Reino de Deus.

Desta maneira, chegamos à convicção com que Paulo exclama na Carta aos romanos: «Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada? Em tudo isto somos vencedores, graças Àquele que nos amou». (Rm 8, 35-37). «O encontro com Cristo não é apenas o ponto de

<sup>109</sup> Díez, *Creer En Jesus Cristo vivir en Cristiano, cristologia e seguimento*, 655.

<sup>110</sup> Díez, 651.

partida, ou um momento preciso no início do seguimento. É ponto de partida e de chegada. É a meta e o projeto de vida para os seguidores de Jesus». <sup>111</sup> No discipulado, a descoberta do Reino é o ponto de partida de todos os discípulos.

O reino de Deus já está presente no mundo, e vai-se desenvolvendo, aqui e além, de várias maneiras: É como a pequena semente que pode chegar a transformar-se numa grande árvore (cf. Mt 13, 31-32), como o punhado de fermento que leveda uma grande massa (cf. Mt 13,33), e como a boa semente que cresce no meio do joio (cf. Mt 13, 24-30) e que sempre nos pode surpreender positivamente: ei-la que aparece e luta para florescer de novo (EG 278).

A parábola do trigo e do joio (cf. Mt 13, 24-30) descreve exatamente um dos aspectos da evangelização: “o que consiste em mostrar como «o inimigo pode ocupar o espaço do Reino e causar dano ao joio, mas que é vencido pela bondade do trigo que se manifesta com o tempo» (EG 225).

Nisto consiste a sabedoria de Deus para a transformação do mundo e para a realização da justiça do Reino. É nisto que consiste precisamente o desafio do discipulado na Igreja: manifestar Jesus e formar a identidade dos discípulos, a fim de serem capazes de manifestar e enfrentar, com verdade e bondade, as diversidades do mundo. Por isso, evangelizar não é o simples ato de anunciar a Boa Nova, mas sim o ato de «tornar o Reino de Deus presente no mundo» (EG 176).

Todavia, a parábola do trigo e do joio é também uma poderosa metáfora sobre a realidade do Reino de Deus, na medida em que é uma parábola que nos mostra o desafio do Reino frente à cultura do eu, na qual o ser humano é considerado, «em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora -- a cultura do descartável» (EG 53). Uma cultura que se caracteriza no «eu sou de Pedro e eu sou de Apolo».

Perante esta descaracterização das relações pessoais, da vivência da fé e dos compromissos sociais, é necessário que se aprofunde a promoção da formação integral acerca da dimensão do discipulado e da evangelização como resposta a este desafio da fragmentação e do descartável.

Para se promover o compromisso de seguimento contínuo, de modo a alcançar todos os fiéis, é necessário chegar a um autêntico discipulado que proponha um caminho de diálogo e escuta, cujo foco está centrado na comunhão que transforma todos discípulos em «servos de Deus» e “profeta da paz”. A comunhão é a resposta de Deus que faz crescer

---

<sup>111</sup> Díez, 680.

e florescer para a fé e para o conhecimento da verdade e do amor. Neste sentido, “somos apenas colaboradores de Deus e servos” no campo de Deus, na edificação do Reino de Deus. Como se vê, a formação constitui um desafio na jornada do discipulado e da evangelização (cf 1 Cor 3, 1-9).

Se todos somos chamados a crescer como evangelizadores, todos devemos procurar simultaneamente uma melhor formação, um aprofundamento do nosso amor e dar um testemunho mais claro do Evangelho. Todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor. (EG 121).

No contexto do discipulado e da evangelização, a formação é essencial para enfrentar os presentes desafios da realidade contemporânea. Tenha-se em conta que o distanciamento entre a beleza do anúncio e a imperfeição humana não deve ser pretexto para não se exercer a missão de formar o discípulo:

A missão é um estímulo constante para não nos deixarmos acomodar na mediocridade, para continuarmos a crescer, no nosso testemunho de fé; todo o cristão é chamado ao ideal de oferecer os seus dons à missão de levar o Evangelho, aonde e a quem quer que seja. Devemos poder afirmar como S. Paulo: «Não é que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito; mas corro para ver se o alcanço, lançando-me para o que vem à frente» (Fl 3, 12-13), (EG 121).

Acerca deste tema, a *Evangelii Gaudium* lembra-nos que todos somos chamados a ser o sujeito coletivo e ativo da missão evangelizadora, o agente que foi formado pela formação integral para melhor servir. «Os diferentes povos, nos quais foi inculturado o Evangelho, são sujeitos coletivos ativos agentes da evangelização. Tem de ser assim porque cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história» (EG 122).

Enfim, perante esta abordagem podemos salientar que o ser humano «é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido». Quando o Evangelho se incultura num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização se entender como inculturação. Cada porção do povo de Deus, segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. Pode dizer-se que «o povo se evangeliza continuamente a si mesmo». (EG 122).

### 2.2.1. Dificuldade na Formação de Discípulos

A formação de discípulos é um dos pilares centrais do discipulado e da evangelização. Nos dias de hoje, é dificultada por uma sequência de obstáculos. No entanto, ao longo desta caminhada, a omissão de compromisso e de responsabilidade por parte dos fiéis, torna-se um dos principais entraves que as comunidades cristãs enfrentam. A falta de clareza, de objetivos, de identidade e resistência à mudança interior são dificuldades muito presentes na formação de verdadeiros discípulos para missão. A falta de tempo e de prioridades, a pressão social e o medo da rejeição, a falta dum verdadeiro acompanhamento espiritual e duma autêntica experiência de evangelização, são circunstâncias que dificultam o crescimento e a adesão ao discipulado. Em contrapartida, Franco Pierini ressalta:

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa.<sup>112</sup>

A história da humanidade é marcada por estas mudanças; isto faz com que a missão do discipulado fique propensa a um grande risco:

O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais próprias da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem, (EG 2).

Essa falta de compromisso pode ser imputada a uma sequência de fatores, envolvendo a secularização da sociedade e a influência do individualismo. Isso traduz-se, exatamente, no que Papa Bento XVI descreve na Encíclica *Caritas in Veritate*:

Por vezes o homem moderno convence-se, erroneamente, de que é o único autor de si mesmo da sua vida e da sociedade. trata-se de uma presunção, resultante do encerramento egoísta em si mesmo, que provém se queremos exprimi-lo em termos de fé do pecado das origens (CV 34).

Por outro lado, a superficialidade espiritual também é uma das dificuldades que a formação de discípulos enfrenta. Muitos fiéis têm uma percepção limitada da sua fé: a falta de apoio pode levar ao abandono da prática religiosa e a uma vida espiritual superficial.

---

<sup>112</sup> Franco Pierini, *Catecismo do Concílio Vaticano II* (São Paulo: Edições Paulinas, 1967), 17.

Como salienta o documento *Catechesi Tradendae*, de S. João Paulo II, «Ninguém pode alcançar a verdade integral mediante uma simples experiência privada, quer dizer, sem uma explicação adequada da mensagem de Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida» (CT 22).

Portanto, a formação para o discipulado é um processo que enfrenta vários obstáculos e dificuldades ao longo do caminho, desde a falta de identidade e propósito até à falta de um compromisso verdadeiro com a evangelização. Por isso, para se ultrapassarem os obstáculos, é essencial intensificar: uma formação integral, um acompanhamento espiritual, e uma prática contínua, para que os discípulos possam chegar a descobrir a identidade de Deus em si.

### 2.2.2. Impacto da Secularização e do Individualismo no Seguimento de Cristo

Acabamos de realçar que a formação, o discipulado e a evangelização enfrentam vários desafios significativos, resultantes de vários fatores que o contexto contemporâneo evidencia quanto às mudanças sociais e à vida religiosa e moral. Isso traduz-se na influência crescente do individualismo e da cultura secular. O processo de secularização tem impellido a uma visão do mundo que desvaloriza a dimensão transcendente da existência, enquanto a cultura do individualismo estimula a autonomia pessoal em desfavor do compromisso com a comunidade e com os valores sobrenaturais.

Estes fatores culturais impactaram em profundidade a formação de discípulos, criando certos obstáculos à vivência autêntica do evangelho. Como aponta o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e da juventude (EG 64).

Neste contexto, é essencial refletir sobre o impacto da cultura secular e do individualismo sobre a missão de formar e educar discípulos evangelizadores, bem como sobre o papel e a resposta da Igreja a esses desafios. A Igreja propõe-se cultivar todos os valores que a cultura secular exclui, na medida em que considera o sagrado como um espaço e uma prática religiosa que não se podem marginalizar.

Além disso, o individualismo, presente em grande parte das sociedades, promove uma cultura de autossuficiência contrária à mensagem do Evangelho que é serviço e amor ao próximo. A procura da própria identidade é um processo necessário à construção de verdadeiros discípulos, mas, neste processo, há um risco de o homem se perder em si mesmo. Isto, no caso de se exagerar, enfraquece o sentido comunitário e de solidariedade, essenciais para a construção do discipulado. A formação ao discipulado deve incluir uma crítica construtiva a esse tipo de mentalidade, a fim de se promover uma cultura de fraternidade e comunhão.

A resposta da Igreja a tais desafios abrange, por isso, a promoção da formação integral que sai em resgate do sentido humano como criatura de Deus, aberta à relação e

à comunhão. Na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, João Paulo II ressalta a necessidade de um discipulado enraizado na experiência do ser Igreja:

A comunhão com Jesus, donde promana a comunhão dos cristãos entre si, é condição absolutamente indispensável para dar fruto: «Sem Mim nada podeis fazer» (Jo 15,5). A comunhão com os outros é o fruto mais lindo que as vidas podem dar: ela é, na verdade, um dom de Cristo e do Seu Espírito. Ora, a comunhão gera comunhão e reveste essencialmente a forma de comunhão missionária (CL 32).

Isto implica uma certa redescoberta da identidade cristã e um chamamento à santidade, contrária às ideologias individualistas e seculares, a fim de promover uma cultura de fé e de fundo comunitário. O impacto da cultura secular e do individualismo no discipulado e na evangelização requer uma perspectiva que reafirme os valores e a verdade cristã, num mundo que constantemente os questiona.

### 2.2.3. Respostas da Igreja aos desafios do Chamamento ao Discipulado

Perante a cultura secular e o individualismo, a Igreja é chamada a propiciar uma resposta eficaz aos desafios do discipulado e da evangelização. Conforme se disse atrás, a secularização estimula o afastamento da essência religiosa, promovendo uma cultura secular individualista que enfraquece os laços comunitários e os laços de comunhão, o que acarreta um impacto negativo à formação de discípulos autênticos. É justamente por isso que a Igreja é chamada a responder a esses desafios mediante a renovação pastoral e espiritual, de modo a fortalecer a formação integral de quem é chamado por Deus para viver a essência dum verdadeiro discipulado.

A resposta da Igreja aos desafios do chamamento ao discipulado começa por promover uma formação integral, resgatando a centralidade de Cristo na vida dos discípulos. Reafirmamos a mensagem do Papa Bento XVI, na Encíclica *Deus Caritas Est*: «No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com uma Pessoa que dá à vida o rumo decisivo dum novo horizonte» (DCE, 1). Por isso, o “cristianismo futuro deverá ser um cristianismo missionário, na fidelidade ao seu sentido e à sua finalidade”.<sup>113</sup> A vivência cristã tem de estar impregnada pela confissão da fé e pela receção dos sacramentos:

Tal recurso aos sacramentos não tem, contudo, razão de ser em si mesma, pois todo o seu sentido é o de apontar, de forma visível, para realidades invisíveis que devem ser ultrapassadas pelas próprias realidades que assinala. O grande perigo, aqui, reside em permanecermos no sinal, de fácil acesso e controle, considerando-o meta da ação missionária da Igreja.<sup>114</sup>

A Igreja, diante deste ideário missionário e da cultura secular que tende a confinar a pessoa religiosa a um conjunto de normas ou a um simples componente cultural, é chamada a proporcionar um ambiente de redescoberta comunitária e pessoal no encontro com a pessoa de Cristo. «Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais» (EG 74). Este encontro deve ser o ponto de partida para todo o caminho do discipulado, impulsionando o discípulos a viver a sua fé com alegria e a ser verdadeiras

---

<sup>113</sup> Mario Miranda França, *Um Cristianismo sinodal em construção a fé cristã na atual sociedade* (São Paulo: Paulinas, 2022), 100.

<sup>114</sup> Miranda França, 18.

testemunha do Evangelho, «comprometido com a missão de proclamar e realizar o Reino de Deus, prosseguindo, na história, a missão de Jesus Cristo».<sup>115</sup>

A Igreja, para enfrentar o desafio do individualismo e da cultura da solidão, promove a comunhão, de modo que as pessoas ultrapassem a própria realidade para irem ao encontro dos outros. A Igreja sente a «necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para nelas inculturar o Evangelho» (EG 69) cujos valores orientam os homens para o encontro, para a comunhão entre si.

---

<sup>115</sup> Miranda França, 100.

### 2.3. Evangelização como Anúncio do Querigma

A evangelização representa o coração da missão da Igreja, e o *querigma* é a pedra angular que representa o fundamento de todo o anúncio. Nos documentos da Igreja, ouvimos o apelo incessante para o aprofundarmos e renovarmos o *querigma*.

O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento na fé, e no *querigma*, quando diz: ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado (Mt 28, 20). Por este mandato se vê, claramente, que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento (EG 160).

A Igreja, como espaço do anúncio, é chamada a descobrir novas formas de transmitir o *querigma*, recorrendo também aos meios contemporâneos, a fim de responder aos desafios da realidade. Isto, além de coragem, exige criatividade e uma compreensão das urgências espirituais das pessoas. Este modo de entender está em conformidade com o pensamento de John Oak:

O conceito de discipulado contém vários elementos que Jesus pôs em realce com o seu ensino e o seu exemplo: o compromisso pessoal, o testemunho e o serviço. Estes elementos não podem estar separados e entendidos independentemente, são elementos compostos que estão mutuamente relacionados. Sem um compromisso pessoal, o discipulado não pode existir. Sem o elemento do testemunho, o discipulado perde a sua visão final. E se o discipulado não for acompanhado pelo elemento do serviço, o discipulado perderá o seu apelo.<sup>116</sup>

Sobre este tema, a *Evangelii Gaudium*, afirma que não seria correto que o apelo ao crescimento fosse interpretado, exclusiva ou prioritariamente, como formação doutrinária. Trata-se de «cumprir» aquilo que o Senhor nos indicou como resposta ao seu amor (cf EG 161):

A evangelização procura também o crescimento; isto implica levar muito a sério, em cada pessoa, o projeto que Deus tem para ela. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deve deixar que alguém se contente com pouco, mas que possa dizer, depois de ter chegado à plena verdade tão bem expressa na frase de S. Paulo: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20), (EG 160).

A formação é essencial para melhor se compreender a missão evangelizadora; é preciso, portanto, estarmos sempre atentos aos «sinais dos tempos» para melhor difundir o *querigma*.

---

<sup>116</sup> John Han Hum Oak, *Chamado para acordar o Leigo* (Brasil: cultura cristã, 2006), 91.

Toda a formação cristã visa, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que, cada vez mais e melhor, se vai fazendo carne e que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, dado que permite que se compreenda, adequadamente, o sentido de qualquer tema a desenvolver na catequese, (EG 165).

Na verdade, o *querigma* ocupa o centro da atividade evangelizadora e da renovação eclesial. «O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai» (EG 164).

Numa evangelização profundamente querigmática, é necessário compreender o sentido novo que vem na *Evangelii Gaudium*:

A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como base para a obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa, que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (EG 165).

Enfim, uma evangelização consolidada pelo *querigma* insere-se na renovação da vida e da missão da Igreja. A forma de evangelização tem de se manifestar nessa identidade querigmática, que desperta, no coração de cada pessoa, a conversão que impele a comunidade para a vivência autêntica do Evangelho. Ao colocar o *querigma* como fundamento das atividades evangelizadoras, a Igreja não apenas reafirma a sua identidade missionária, como tenta responder, também, aos desafios da contemporaneidade.

### 2.3.1. Missão Integral

A evangelização que emerge da missão integral é um elemento primordial para a edificação da missão, à luz do reino de Deus. Ao percorrermos esta união entre discipulado e evangelização, penetramos na natureza do objetivo cristão, indicando não somente a transmissão de ensinamentos, mas também a construção ativa do reino de Deus na esfera terrena. Neste percurso, elucidamos a magnitude dessa integração na vivência cristã, realçando a sua construção vital para a edificação constante do reino de Deus entre os fiéis. O discipulado e a evangelização convertem-se no firme fundamento em ordem à realização da missão da Igreja. Bento XVI recorda-nos: «O Senhor Jesus, antes de subir ao Céu, confiou aos seus discípulos o mandato de anunciar o Evangelho a todo o mundo e de baptizar todas as nações».<sup>117</sup>

Assim o discípulo, assente na rocha firme da Palavra de Deus, sente-se motivado para anunciar a Boa Nova da Salvação aos seus Irmãos. Discipulado e missão são como que as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, nunca deixará de anunciar ao mundo que é Ele quem nos salva. De facto, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro.

Em suma, o discípulo, firmemente configurado com a Palavra de Deus, anuncia a Boa Nova aos seus irmãos. O discipulado e a missão são duas realidades inseparáveis. A missão integral é, de facto, a resposta ao chamamento de Cristo, e a resposta que alcança o coração e a vida de todos os fiéis.

---

<sup>117</sup> «Dominus Iesus- PO», acedido 11 de fevereiro de 2025, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html).

### 2.3.2. Desafios do Discipulado em Contexto de diversidade social e cultural

Frente aos novos desafios sociais do pluralismo, da secularização racionalista, da práxis científica, a modalidade evangelizadora requer mudanças e novas sintonias. «A ação pastoral precisa de mostrar, perante a realidade de tais desafios, que a convicção de que Deus é nosso Pai é o fundamento de uma fraternidade universal, que deve expressar-se na comunhão que cura, promove e incentiva os vínculos interpessoais».<sup>118</sup> Por isso, é necessário focar-se nos novos ambientes sociais, tornando-se uma necessidade imperiosa do agente da evangelização e do discipulado.

A *Evangelii Nuntiandi* reelabora alguns elementos importantes que envolvem a evangelização. Ei-los (cf. EN 24): a renovação da humanidade, o testemunho, o anúncio explícito de Jesus Cristo, a adesão do coração, a entrada na comunidade, o acolhimento dos sinais e a iniciativa no apostolado, que apela a que cada cristão, motivado pela caridade e pela fé, tome a dianteira na missão e no testemunho, contribuindo com entusiasmo e criatividade, para o crescimento do reino de Deus.

Perante estes elementos, a missão pastoral da Igreja deve entrar em todos os meios urbanos, nas culturas, nos meios digitais, nos meios de comunicação, entre outros. Como afirma o *Documento Aparecida*: «O nosso século tem sido influenciado pelos meios de comunicação social, por isso, o primeiro anúncio, a catequese ou o posterior aprofundamento da fé, não podem prescindir desses meios» (DAp 485).

Quando colocados a serviço do Evangelho, os meios de comunicação mostram a extraordinária possibilidade de expandir quase sem limites, o alcance da audição da Palavra de Deus, proporcionando que a Boa Nova chegue às pessoas.

A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual com uma grande cultura mediática. Isto envolve uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer uma maior humanização global. Estas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade (DAp 484).

Em suma, a Evangelização tem de ser a prioridade absoluta das comunidades cristãs. A implementação da prática do Discipulado e da Evangelização nas comunidades, deve tornar-se o critério importante para alcançar o impacto da vivência autêntica da fé

---

<sup>118</sup> Santo, *Evangelizar com Papa Francisco: Comentário à Evangelii Gaudium*, 8.

cristã em qualquer ambiente. Por isso é que a Igreja, como comunidade efetiva de crentes, deve aplicar o discipulado como parte estratégica da evangelização.

Por meio de práticas eficazes e do seu exemplo, a Igreja consolida os seus fundamentos pela ação do Espírito: «Quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura com a força transformadora do Evangelho» (EG 116), permitindo-lhe expandir-se, em todo tempo e lugar. Foi assim que Jesus Cristo chegou ao coração de todos e alcançou novos discípulos.

### 2.3.3. O Desafio da Unidade

O desafio da unidade entre o discipulado e a evangelização surge como um dos assuntos imediatos, no cenário da missão integral da Igreja. O esforço pela unidade entre o discipulado e evangelização impele a Igreja a incorporar estas duas dimensões de forma unida e autêntica de modo que resultem em ações concretas, que levem à transformação positiva das pessoas, das famílias e das comunidades. Isto pressupõe que se supere uma compreensão segmentada da missão, segundo a qual a reflexão espiritual dos indivíduos fica desligada da tarefa de engendrar a solidariedade e a justiça.

Por conseguinte, o desafio da unidade entre discipulado e evangelização consiste em incorporar essas características de modo que elas suscitem uma missão mais inclusiva e holística, onde a prática do Evangelho ultrapassa os limites do recinto eclesial e se transpõe para todos os domínios da vida humana. Tal unidade, não somente nutre a identidade e a harmonia da comunidade, mas também fortalece o impacto renovador no mundo. Eis como a Exortação Apostólica *Christifideles laici* se refere a este assunto:

Neste campo está presente e operante a Igreja, todos nós, pastores e fiéis, sacerdotes, religiosos e leigos. As situações que foram aqui recordadas atingem profundamente a Igreja: esta, em parte, é condicionada por elas, embora não esmagada nem tão pouco vencida, pois o Espírito Santo, que é a sua alma, a conforta na sua missão. A Igreja sabe que foi mandada por Ele como «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (CL 7).

Este cenário da unidade em torno do discipulado e da evangelização é um assunto que encontra respaldo em muitos documentos da Igreja. Entre outros, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, ressalta a indissociabilidade entre discipulado e evangelização: «A missão é uma Paixão por Jesus, e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo» (EG 268). Partindo deste ponto de vista, o documento sinaliza a importância de uma perspectiva integrada da missão, que conclui a relação inerente entre a fé exteriorizada e a vida ordinária dos fiéis.

A mesma *ChristiFideles Laici* destaca também que todos os batizados que trabalham na ação evangelizadora da Igreja estão ao serviço da missão de salvação, chamando a atenção para a relação entre o aspeto pessoal e comunitária da fé «a voz do Senhor ressoa, sem dúvida, no íntimo do próprio ser de cada cristão que, graças à fé e aos sacramentos da iniciação cristã, se torna imagem de Jesus Cristo e se insere na Igreja como seu membro vivo, como sujeito ativo da sua missão de salvação» (CL 3).

À medida que aprofundamos estes documentos, vamos entendendo que a missão integral, resultante da união entre o discipulado e a evangelização, não se reduz a um compromisso isolado, mas percorre todas as dimensões da vida cristã. Por outro lado, ao introduzir o presente capítulo, é essencial contemplar as diretrizes desses documentos, que fornecem uma estrutura teológica e pastoral forte para a percepção da práxis da missão, à luz do reino de Deus.

### **3. Formação e acompanhamento na perspectiva da pastoral juvenil salesiana**

Nos capítulos anteriores, percorremos detalhadamente a temática do discipulado e da evangelização, fundando-nos na rica tradição bíblico-teológica e nos desafios práticos da Igreja. No primeiro capítulo, ressaltamos a fundamentação bíblico-teológica do discipulado e da evangelização, avaliando como as Escrituras e a tradição cristã delineiam a compreensão do seguimento de Cristo. Também se lançaram as bases do mistério do chamamento como dado pessoal e comunitário.

O segundo capítulo concentrou-se nas práticas e nos desafios do discipulado, realçando a radicalidade e o modo de realização do seguimento de Cristo. Salientamos as exigências de um discipulado autêntico e as diferentes formas como os discípulos são chamados a viver os valores evangélicos. Também se analisaram os desafios contemporâneos enfrentados pelos discípulos, fazendo ressaltar de forma crítica as oportunidades e os obstáculos na prática do discipulado no mundo contemporâneo.

Neste terceiro e último capítulo, vamos centrar a nossa atenção sobre a formação e acompanhamento na perspectiva da pastoral juvenil salesiana, analisando a sua aplicação prática no conjunto das comunidades cristãs contemporâneas, e entendendo-a, portanto, como um seguimento contínuo de formação e acompanhamento dos jovens. A dimensão pastoral mostra-se como elemento essencial para a concretização plena da missão salesiana. Este capítulo procura ressaltar como a prática pastoral, entranhada no Sistema Preventivo da pedagogia juvenil salesiana, contribui para uma profunda formação integral dos jovens.

A pastoral salesiana é ao mesmo tempo evangelização e educação. É obra de transformação para toda a vida, enquanto se esforça por ouvir e conhecer de modo profundo e competente a realidade em que vivemos, de modo a poder transformá-la segundo o desígnio divino.<sup>119</sup>

O objetivo deste capítulo é propiciar uma visão abrangente da pastoral ao serviço do Evangelho, no campo da pastoral juvenil salesiana, oferecendo análises e princípios práticos que fortaleçam a missão evangelizadora da Igreja no mundo. Procurarei sintetizar

---

<sup>119</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência» (Roma: Salesianos, 2014), 28.

as abordagens teóricas e práticas, a fim de explorar como é que a pastoral juvenil salesiana responde aos apelos evangélicos num contexto em constante mudança, como é o mundo juvenil do nosso mundo atual. Refletirei também as estratégias pastorais que proporcionam um discipulado intenso, fiel e ousado, fazendo salientar a atenção com a formação para o cumprimento da missão educativa. Ansiamos que este capítulo contribua para uma compreensão mais profunda e eficaz dos princípios pastorais de modo que, na Igreja se viva e testemunhe o Evangelho com uma vitalidade renovada.

### 3.1. A Pastoral ao Serviço do Evangelho

A pastoral, entendida como um serviço ao Evangelho, exerce um papel central na missão da Igreja. Esse serviço vai além de atos meramente doutrinários, dado que exige um trabalho aturado e fiel, no desenvolvimento humano e espiritual. Por meio dela, a Igreja responde ao chamamento evangélico de servir e amar ao próximo. É importante compreender que a Igreja é chamada a responder ao apelo de Deus, tal como nos sugere Luciano Sandrin:

Hoje como ontem, a Igreja é chamada por Cristo a lançar as redes com confiança, a sair ao mar, a navegar nas profundezas, recordando com alegria o passado, vivendo com paixão o presente e abrindo-se com confiança ao futuro, atenta a decifrar aquilo que o Espírito, também hoje lhe inspira.<sup>120</sup>

Isto significa, antes de tudo, que toda ação pastoral tem de ser uma expressão do amor de Cristo, na medida em que promove um serviço integral e transformador, realizado pela Igreja e na Igreja. Ela é, na verdade, um meio pelo qual a missão evangelizadora se concretiza de forma dinâmica, já que lhe compete convidar a «todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores» (EG 33). A ação pastoral precisa de repensar e mostrar a relação com o Pai e com a Igreja, exigindo e incentivando uma «comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais» (EG 67).

Tal ação deve refletir com exatidão aquilo que Cassiano Floristán ressalta: «Por ação pastoral entende-se a totalidade da ação da Igreja e dos cristãos, a partir da práxis de Jesus, voltada para a implantação do reino de Deus na sociedade».<sup>121</sup> A ação pastoral encarna a primeira característica da missão pastoral da Igreja. Uma «ação *ad intra* voltada para a construção da comunidade cristã como *Ecclésia*».<sup>122</sup>

Trata-se duma ação que não somente reforce a identidade da Igreja, mas também desenvolva a sua faculdade de interpretar e ler os sinais dos tempos e que esteja fortemente enraizada na sua essência de missão e comunhão, de modo a fortificar os laços comunitários, impulsionando a santidade de vida entre os fiéis de modo que estes possam

---

<sup>120</sup> Luciano Sandrin, *Teologia pastoral Lo vio y no pasó de largo*, trad. M. M Leonetti e Rafael Pérez Real (Madrid: Sal Terrae, 2015), 17.

<sup>121</sup> Cassiano Floristán e João José Tamaya, *Diccionario abreviado de pastoral* (Estella España: Verbo Divino, 1988), 18.

<sup>122</sup> Floristán e Tamaya, 18.

responder, com perseverança e singularidade, às necessidades e aos desafios que a sociedade contemporânea lhes impõe, hoje.

A Igreja reflete e vive no seu ser e nas suas ações, na sua tarefa espiritual e pastoral, o mesmo movimento da encarnação que a chama a caminhar na companhia dos homens, buscando nas suas histórias, os vestígios de um Deus, que os convida a projetarem-se profeticamente no futuro.<sup>123</sup>

Na linguagem eclesial, a palavra *pastoral* tem um amplo alcance intuitivo. A ação da pastoral é normalmente reconhecida como um conjunto de gestos e iniciativas inseridas na missão evangelizadora da Igreja. Todavia, é necessário compreender que a pastoral não consta apenas de gestos, iniciativas e gestão de atividades ou da organização de estrutura. Ela pretende, acima de tudo, proporcionar o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo.

Trata-se, exatamente, de um serviço que emerge da essência da fé cristã, intimamente enraizada na missão e no mandato de Cristo: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15). Desta forma, a pastoral torna-se uma manifestação concreta da “Igreja em saída”, implicada como está com o anúncio do Evangelho e com as mudanças das realidades humanas à luz do amor de Deus.

Nesta mesma linha de pensamento vem a propósito ressaltar o documento *Orientações Pastorais da Diocese do Porto*. Há que salientar, nesta obra:

Se o Evangelho é destinado a todos deve, no entanto, atingir cada um na sua vida concreta, na sua experiência original. Não basta falar ao gênero humano em abstrato; devemos antes dirigir-nos a pessoas situadas e condicionadas por várias circunstâncias de espaço e tempo, na sua adesão à fé.<sup>124</sup>

Desta forma, a pastoral, não se restringindo apenas a aspetos meramente práticos, há que transforma-se num recurso essencial, através do qual a Igreja evangeliza e comunica os mistérios do anúncio de Cristo. Este mistério, que converte corações e transforma vidas, forma discípulos e suscita comunhão com os outros. De igual modo, o mesmo documento *Orientações Diocesanas de Pastoral* sublinha:

Não basta, portanto, atender à ortodoxia doutrinal para evangelizar. É necessário, também, ir de encontro aos interesses e às expectativas daqueles a quem nos dirigimos. Como o Apóstolo Paulo, de igual modo os evangelizadores do nosso tempo precisam de descobrir “o deus desconhecido que veneram sem saber” e detetar as “sementes do

<sup>123</sup> Sandrin, *Teologia pastoral Lo vio y no pasó de largo*, 17.

<sup>124</sup> Diocese do Porto, «Orientações Diocesanas de Pastoral» (Porto, 1991), 59.

Verbo” que podem funcionar como preparação para o acolhimento da Palavra de Deus.<sup>125</sup>

Compreendemos, deste modo, que a pastoral não sustenta apenas a vida e a missão da Igreja, mas sustém também e molda o discipulado e a evangelização. Vale ainda realçar a abordagem sobre a evangelização no documento *Orientações Pastorais da Diocese do Porto* que temos vindo a citar:

Para se ser bom evangelizador não basta, por isso, conhecer bem o conteúdo da mensagem. Não menos importante é conhecer as pessoas, estar atento à sua situação concreta, captar as suas expectativas e apresentar a forma de anúncio adequado às circunstâncias.<sup>126</sup>

Assim, a missão pastoral da Igreja é definida, como uma missão a caminho de Cristo, a qual não se pode limitar apenas a propagar o Evangelho, mas também a acompanhar e guiar os fiéis a encontrar seus propósitos.

Na verdade, é todo o povo de Deus que é chamado a participar da missão: “toda a Igreja é missionária; a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus. Não são apenas alguns que são chamados e enviados. A comunhão eclesial, em que são integrados todos os fiéis a partir do Batismo e dos outros sacramentos da iniciação cristã, é, por sua própria natureza, missionária.<sup>127</sup>

A missão da Igreja é um dever, é uma vocação de todos os batizados que se manifesta na sua identidade de sacramento universal da salvação. De facto, a Igreja é chamada à responsabilidade, de assumir o seu papel fundamental de mediadora entre Deus e a humanidade. Como nos orienta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: «A Igreja em Cristo, é como que o sacramento, o instrumento eficaz da íntima união de Deus com todo o mundo; é esta a sua natureza e é esta a sua missão universal» (LG 1). Por conseguinte, a Igreja, como sacramento universal de salvação, é uma manifestação que se compenetra com a sua missão. Esta perceção da missão da Igreja e a forma como ela se revela é também posta em realce por Felicíssimo Martínez Díez:

A pretensão não encerra apenas uma cristologia implícita; encerra também uma soteriologia e uma antropologia. Não nos indica apenas qual é a identidade e a missão de Jesus; indica-nos também o que Jesus significa para a humanidade, o que traz, o que propõe, e como a humanidade pode responder à interpelação que lhe é feita pela pessoa de Jesus.<sup>128</sup>

---

<sup>125</sup> Diocese do Porto, 60.

<sup>126</sup> Diocese do Porto, 60.

<sup>127</sup> Diocese do Porto, 69.

<sup>128</sup> Díez, *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*, 559.

Este papel universal da Igreja exige a sua presença contínua em todas as realidades humanas, uma vez que «a Igreja se manifesta ao mundo, também como seu intermédio»<sup>129</sup> a Igreja não anuncia apenas a salvação trazida por Jesus Cristo, mas também a torna presente no mundo. Por isso, a pastoral torna presentes, de modo visível, as realidades invisíveis que fazem parte da missão da Igreja.

Como Igreja, além de nos sentirmos “salvos” pela bondade de Cristo, somos também “corresponsáveis” pela salvação dos outros, especialmente dos mais jovens e desprevenidos; lançamo-nos a caminho para nos renovarmos, mas também para sermos sinais do amor de Deus aos jovens.<sup>130</sup>

Em suma, a pastoral, que é a missão universal da Igreja, tem como objetivo básico a salvação de todos. Ela, não apenas transforma a vida, mas também edifica a Igreja. Torna-se, assim, um serviço que permite à Igreja agir como sinal e instrumento da salvação.

---

<sup>129</sup> Antenor Velho, trad., *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco* (Brasília: edebê, 2016), 124.

<sup>130</sup> Velho, 124.

### 3.2. Identidade da Pastoral Juvenil

A identidade da pastoral juvenil está bastante enraizada na missão de formar discípulos evangelizadores, inspirados no ensinamento e na vida de Jesus Cristo. Neste sentido, Gustavo Cavagnari afirma:

A pastoral não pode fazer outra coisa senão a multiforme e variada realização histórica da única missão pedida pelo Senhor Ressuscitado à sua Igreja, como dom e como tarefa. Verdadeiramente a Igreja existe para evangelizar e a pastoral juvenil é antes de mais um serviço à evangelização.<sup>131</sup>

Assim, a pastoral, enquanto expressão da evangelização e do discipulado, tem por objetivo primordial acompanhar os jovens no caminho do encontro com Cristo, «numa perspectiva do discipulado e do apostolado».<sup>132</sup> Portanto, o acompanhamento realiza-se sobretudo por meio do discipulado, promovendo um seguimento gradual de iniciação cristã que se vai fortalecendo na partilha da Palavra, na vida comunitária e na vivência dos sacramentos.

Para que este processo seja eficiente, a pastoral juvenil necessita de formar um ambiente de «ação, edificação e alimento da comunidade dos batizados, para estar em condições de dialogar, a partir condição concreta dos crentes.»<sup>133</sup> Os jovens irão descobrindo, assim, a responsabilidade e a alegria de corresponderem ao chamamento de Cristo. O Papa Francisco, na sua Exortação *Christus Vivit*, recorda-nos:

Os aspetos da vida de Jesus podem servir de inspiração a todo o jovem que cresce e se prepara para cumprir a sua missão. Isso implica amadurecer na relação com o pai, na consciência de ser um dos membros da família e da aldeia e de, na sua disponibilidade ao Espírito, se deixar guiar no cumprimento da missão que Deus lhe confia, a sua vocação (ChV 30).

Assim, a Pastoral Juvenil deve preocupar-se por despertar nos jovens a vontade de percorrerem o caminho que os levará à sua realização espiritual e pessoal. Tal como, o Papa Francisco destaca:

Nada disto deveria ser ignorado na pastoral juvenil, para não se criarem projetos que isolem os jovens da família e do mundo, ou que os transformem numa minoria seleta e preservada de todo o contágio. Precisamos, sim, de projetos que os fortaleçam, envolvam e lancem com determinação ao encontro dos outros, tendo em conta o seu serviço e a sua missão (ChV 30).

---

<sup>131</sup> Gustavo Cavagnari, *Id y haced discípulos a todos los jóvenes* (Madrid: CCS, 2021), 12.

<sup>132</sup> Cavagnari, 12.

<sup>133</sup> Cavagnari, 13.

A identidade da Pastoral Juvenil manifesta-se na resposta concreta ao mandato de Jesus: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos». Neste horizonte, «a pastoral juvenil propõe um projeto de vida baseado em Cristo» (ChV 242). Trata-se de uma pastoral que promove o compromisso com os jovens, tornando-os participantes e, por que não, protagonistas da missão. Como salienta a citada exortação *Christus Vivit*: «Os próprios jovens são agentes da pastoral juvenil, devidamente acompanhados e orientados, mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia» (ChV 203).

Essa liberdade criativa promove uma pastoral viva, capaz de renovar a Igreja e a comunidade através da escuta, do compromisso e do protagonismo juvenil. É deste modo que a Pastoral Juvenil salesiana deve responder ao apelo da Igreja como sinal de esperança para os jovens.

Como Salesianos, sentimo-nos inseridos no ministério da Igreja, cooperamos na sua missão com todas as forças, oferecemos a originalidade do nosso espírito e do nosso método educativo-pastoral, como dons recebidos para serem difundidos; tornamo-nos portadores do nosso carisma no mundo todo. É este o nosso modo de viver a nossa pertença à Igreja.<sup>134</sup>

Este caminho de fazer pastoral juvenil prepara os jovens e forma-os para corresponderem à missão universal do Povo de Deus, na medida em que também eles se sentem convocados para viverem e compartilharem o amor salvífico de Deus pelo mundo. O compromisso de agir assim entre os jovens acabará por contribuir para que a Igreja possa enfrentar, na integridade da fé, os desafios que a sociedade contemporânea lhe impõe.

---

<sup>134</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 125.

### 3.3. Pastoral Juvenil Salesiana

A Pastoral Juvenil Salesiana, uma das expressões concretas do carisma e da ação educativa de São João Bosco, tem como opção primordial os jovens; ela assume, acima de tudo, uma proposta evangelizadora que procura orientar os jovens para irem ao encontro de Cristo.

Dom Bosco, sob a inspiração de Deus, viveu um estilo original de vida e de ação: o espírito salesiano. Centro e síntese desse espírito é a caridade pastoral, caracterizada pelo seu dinamismo juvenil, e por um ardor apostólico que leva a buscar as almas e a servir somente a Deus.<sup>135</sup>

O ardor apostólico e a caridade pastoral juvenil são realmente os dois fundamentos que nos permitem compreender a natureza do carisma salesiano cujo dado pedagógico – o sistema preventivo -- constitui como que o coração da pastoral juvenil salesiana. Mais do que apenas criar um ambiente acolhedor e seguro, a caridade pastoral, vai mais além; ela promove uma pedagogia integral que pretende transformar a realidade dos jovens e da sociedade. Ela estabelece uma verdadeira missão evangelizadora e educativa. Neste mesmo âmbito, o Dicastério da Pastoral Juvenil Salesiana ressalta:

A ação orgânica de uma Comunidade Educativo-Pastoral que, movida por uma missão carismática, quer habilitar os jovens a crescer até à própria maturidade, até ao ponto de acolherem o seu apelo religioso e até a aceitarem a sua integração na Igreja, após se terem apercebido de que Jesus Cristo é quem dá plenitude à vida da qual é fundamento e, ainda, até serem, graças às intervenções educativas, “honestos cidadãos e bons cristãos”.<sup>136</sup>

Esta ação ressalta a missão carismática e as práticas pedagógicas próprias do Sistema Preventivo, tendo como foco principal, a formação, o cuidado e o acompanhamento dos jovens. Proporciona-lhes, como proposta de evangelização e educação integral, o seu crescimento espiritual, humano, social e profissional. Procura, de contínuo, novas formas de acompanhar, de acolher e formar os jovens, atentos às suas realidades e necessidades.

O espírito salesiano alicerça-se nos pilares da razão, da religião e da amabilidade, que se entrelaçam para favorecer uma formação integral aos jovens. Estes elementos trabalham em harmonia. Primeiro «Razão que acolha as instâncias juvenis da vida e de desenvolvimento, para discerni-las com equilíbrio, valorizando os conhecimentos que se referem à educação».<sup>137</sup> Segundo: «Religião entendida como crença e força geradora e

---

<sup>135</sup> Velho, 150.

<sup>136</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 33.

<sup>137</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 335.

educativa do anúncio do Evangelho e do contacto com o Senhor, o cuidado pela referência à consciência e à salvação,»<sup>138</sup> incentivando um compromisso com a fé. Terceiro, a amabilidade oferece um ambiente seguro de bondade, «não basta trabalhar pelos jovens pobres, mas há que trabalhar em solidariedade e comunhão com eles».<sup>139</sup>

Este tripé reafirma o carisma salesiano vocacionado para formar jovens capazes de integrar a razão, a fé e a amabilidade. Esses elementos não apenas indicam a abordagem pedagógica de Dom Bosco, mas também definem o modo como a pastoral se deve aplicar e viver no dia a dia.

O documento que contém o *Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana*, sublinha o seguinte como prioridade fundamental da ação da evangelização entre todos os jovens:

A Pastoral Juvenil Salesiana entende a evangelização como a principal urgência da sua ação, ciente de que a sua tarefa fundamental é propor a todos os jovens viver a existência humana como Jesus a viveu para que, pouco a pouco, se encontrem com Cristo, vivam plenamente a própria humanidade e sejam protagonistas e corresponsáveis na construção do reino de Deus no mundo.<sup>140</sup>

Alem disto a pastoral juvenil salesiana criar espaços de diálogo, de escuta e formação, onde os jovens consigam discernir a sua vocação e identificar os seus dons e talentos, ajudando-os a colocarem-nos ao serviço do próximo. Por este motivo, a caridade pastoral contribui, à semelhança do Bom Pastor, para a edificação do reino de Deus no mundo, esforçando-se por envolver todos os homens como ovelhas que seguem para pastagens mais seguras. Do mesmo modo, o documento *Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana* apresenta a pastoral salesiana como um espaço privilegiado de evangelização e educação.

A pastoral salesiana é ao mesmo tempo evangelização e educação. É obra de transformação de toda a vida do jovem, e esforça-se por ouvir e conhecer de modo profundo e competente a realidade em que vivemos, a fim de poder transformá-la segundo o desígnio divino.<sup>141</sup>

Além do mais, procura educar no amor e na confiança, criando espaço e ambiente familiar e acolhedor. Assim, a missão salesiana é extensiva a todos, concretizando-se no propósito de que os destinatários venham também a tornar-se «sinais e portadores do amor

<sup>138</sup> Velho, 335.

<sup>139</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência» (Roma: Salesianos, 2014), 236.

<sup>140</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 31.

<sup>141</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 28.

de Deus aos jovens». Por isso, «toda ela, deve ser evangelizadora».<sup>142</sup> Caracteriza-se, por um estilo de mediação educativa e, simultaneamente, por uma dimensão pastoral que se objetiva através da própria experiência educativa.

Em suma, pastoral juvenil salesiana, é uma pastoral atenta aos sinais dos tempos, tendo como linhas estratégicas a cultura do encontro, onde o educador-pastoralista se encontra com os jovens em seus próprios espaços, se esforça por adequar as atividades e as práticas pastorais às realidades locais e às culturas juvenis particulares. Desta maneira, a pastoral juvenil salesiana, torna-se um modelo de evangelização e educação que se distingue pela relação de proximidade

---

<sup>142</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 31.

### 3.3.1. Enviados aos Jovens

No contexto da pastoral juvenil salesiana, a temática «*enviados aos Jovens*» reflete uma missão fortemente inspirada no carisma de Dom Bosco. Este compromisso enraíza-se no próprio exemplo de Cristo, que declarou: «Deixai vir a mim as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino do Céu» (Mt 19, 14). Esta pastoral assume como vocação fundamental a formação integral dos jovens, auxiliando-os a encontrar o sentido de vida à luz do Evangelho.

Deste modo, a Pastoral Juvenil Salesiana não é simplesmente uma ação educativa, é uma resposta concreta ao chamamento de Deus para guiar, acompanhar os jovens, na construção do Reino. Neste sentido, o documento “*Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco*” pode elucidar-nos:

A missão é, pois, uma manifestação do seguimento, da identificação, do amor preferencial a Cristo. É deixar-se plasmar e levar pela “solicitude no pregar, curar, salvar por causa da urgência do Reino que vem” e cooperar com a Igreja na construção do Reino, atuando hoje “a caridade salvífica”.<sup>143</sup>

A Igreja reconhece o potencial e o valor únicos dos jovens na edificação de uma sociedade justa e humana. O Papa Francisco, na exortação *Christus Vivit*, recorda que «o coração da Igreja está cheio também de jovens santos, que deram a sua vida por Cristo, muitos deles até ao martírio» (ChV 49). Deste modo, a Igreja inspira os jovens a serem protagonistas e capazes de transmitir a mensagem de amor e esperança:

Através da santidade dos jovens, a Igreja pode renovar o seu ardor espiritual e o seu vigor apostólico. O bálsamo da santidade gerada pela elevada vida espiritual de muitos jovens pode curar as feridas da própria Igreja e do mundo, levando-nos àquela plenitude do amor para a qual, desde sempre, estamos chamados: os jovens santos impelam-nos a voltar ao nosso primeiro amor (cf. Ap 2, 4) (ChV 50).

A santidade juvenil não é uma proposta irrealista, é uma promessa concreta, como recorda o Papa Francisco na *Christus Vivit*: «que cada jovem ouse semear o primeiro anúncio na terra fértil que é o coração dum outro jovem» (ChV 210). As biografias dos santos jovens são a garantia de que a santidade não é um ideal abstrato ou distante, mas sim uma resposta bem concreta, acessível a todos os jovens. Chegamos a esta convicção porque muitos pais, sacerdotes e educadores souberam valorizar a juventude ao aceitá-la como protagonista na edificação do reino de Deus, confiando-lhes tarefas em diversos âmbitos da missão da Igreja.

---

<sup>143</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 255.

A missão do carisma salesiano quer ser, antes de mais nada, uma resposta ao chamamento de Deus para formar e acompanhar os jovens. Este carisma manifesta-se através do prisma da evangelização e da educação. «A nossa escolha será sempre pelo Evangelho e pela educação da juventude».<sup>144</sup>

Assim, «a pastoral juvenil salesiana aprofunda as suas raízes numa espiritualidade viva que se alimenta e estimula a buscar Deus no serviço aos Jovens».<sup>145</sup> Por isso é que a pastoral juvenil salesiana se torna um verdadeiro caminho de santidade para todos: para os educadores e para os seus educandos.

O documento “*Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco*” reafirma com convicção a natureza e a identidade da missão salesiana e o seu primeiro destinatário:

Os nossos primeiros destinatários são os jovens. Estes, por si mesmos, dão à missão salesiana o seu aspeto original, embora não completo. Sem eles, todos os demais aspetos são insuficientes. Dom Bosco é principalmente “pai e mestre da juventude”.<sup>146</sup>

Assim, a missão salesiana tem como seu principal objetivo evangelizar e educar os jovens, ajudando-os a serem «bons cristãos e honestos cidadãos». É, desta maneira, que a pastoral juvenil se transforma numa experiência modelo capaz de proporcionar a experiência dum crescimento integral, isto é, sob os pontos de vista social, espiritual, humano e moral, sustentada no Sistema Preventivo o qual, por sua vez, como vimos, tem como elementos fundamentais a razão, a religião e o amor.

---

<sup>144</sup> Velho, 256.

<sup>145</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 89.

<sup>146</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 260.

### 3.3.2. Os Destinatários da Missão

A pastoral juvenil salesiana, inspirada na espiritualidade e na vocação de São João Bosco, foca a sua missão na «educação humana e cristã dos jovens»,<sup>147</sup> considerando-a como uma forma de participar na “missão da Igreja que consiste em realizar o projeto salvífico de Deus”.<sup>148</sup> Através da Igreja “Jesus chama-nos a realizar uma nova evangelização”.<sup>149</sup> É neste chamamento que a missão salesiana se vai evidenciando, mediante variadas atividades pastorais e educativas.

Os destinatários da missão salesiana são, em primeiro lugar, os jovens e, por isso, a ação da pastoral salesiana concretiza-se no lema: «Enviados aos jovens em comunidades no seguimento de Cristo»,<sup>150</sup> com o objetivo de “revelar o amor-convite de Cristo e a suscitar o amor-resposta dos jovens”.<sup>151</sup>

Assim, a pastoral juvenil salesiana procura formar os jovens, promovendo o seu crescimento e o seu compromisso com o reino de Deus, para que também eles se tornem instrumentos aptos da transmissão do Evangelho,

Esta ação pastoral é vivida com total radicalidade, «vai à procura dos seus destinatários onde eles se encontram, onde está a sua liberdade e onde, também fisicamente, estão os seus interesses»,<sup>152</sup> tornando-se, simultaneamente, testemunho vivo para os jovens.

A exemplo do Bom Pastor, a pastoral juvenil salesiana «deixa-se interpelar pelo desalento dos seus destinatários e, de forma particular, os seus adolescentes, adaptando-se a eles, pedindo ao Espírito Santo o dom da simpatia, modelada na doçura do coração de Cristo». <sup>153</sup> É, portanto, uma missão «que a comunidade salesiana assume enquanto atua o mandato apostólico recebido da Igreja». Não se trata, pois, de «um compromisso confiado a pessoas individuais responsáveis, mas a uma entidade que envolve um conjunto de pessoas corresponsáveis». <sup>154</sup>

---

<sup>147</sup> Velho, 362.

<sup>148</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 50.

<sup>149</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 70.

<sup>150</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 251.

<sup>151</sup> Velho, 94.

<sup>152</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 26.

<sup>153</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 26.

<sup>154</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 374.

É assim que «a Pastoral Juvenil Salesiana visa tudo isto, trabalhando em prol dos jovens, mas com um estilo particular: trabalhando com eles».<sup>155</sup> Os jovens estão precisamente no centro de toda a ação educativa e pastoral. Por esse motivo «a pastoral salesiana é juvenil: não só por ver nos jovens os próprios destinatários e a própria medida, mas também por os assumir como protagonistas».<sup>156</sup>

Prosseguindo, o Quadro de Referência da Pastoral Salesiana afirma:

O Senhor indicou a Dom Bosco os jovens e, entre estes, particularmente os mais pobres, como primeiros e principais destinatários da sua missão. Como pessoas chamadas a participar nesta mesma missão, tomamos consciência da sua extrema importância: os jovens vivem na idade em que têm de fazer opções fundamentais de vida para o seu futuro e para o futuro da sociedade e da Igreja.<sup>157</sup>

A missão salesiana leva o seu zelo a três tipos de destinatários: «Primeiro os jovens, especialmente aos mais pobres e abandonados,»<sup>158</sup> «os agentes pastorais e educativos»<sup>159</sup> ou seja, os colaboradores da missão e as famílias e as comunidades por onde os jovens se distribuem.

A opção preferencial pelos jovens em situação de vulnerabilidade representa o fundamento da missão salesiana. «Dom Bosco, no primeiro e fundamental momento do seu ministério, dedicou-se, mediante várias experiências concretas, aos destinatários da sua missão, “as ovelhas sem pastor”, ou seja, “a juventude pobre e abandonada, sujeita a toda a sorte de perigos».<sup>160</sup> “O Senhor mostrou a Dom Bosco os jovens, especialmente os mais pobres, como primeiros e principais destinatários da sua missão”<sup>161</sup> Dom Bosco sabia que muitos jovens enfrentavam dificuldades familiares, sociais e económicas, e que necessitavam de um espaço onde pudessem encontrar acolhimento, orientação e apoio.

Com a expressão «juventude pobre, abandonada e em perigo», compreendem-se três formas de pobreza facilmente ligadas entre si: pobre quer dizer carente de recursos materiais e de meios se para desenvolver; abandonada exprime a falta de relacionamentos de pessoas que a sustentem e apoiem tais como: pais família alargada, instituições educativas; em perigo: descreve a situação daqueles jovens expostos a perigos que os impedirão que atinjam uma humanidade amadurecida e feliz. São jovens “em situação de risco” e a viver em “condições de fraqueza” devido às quais sucumbiriam facilmente aos males que os cercam, como a droga, e a criminalidade.<sup>162</sup>

<sup>155</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 33.

<sup>156</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 33.

<sup>157</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 22.

<sup>158</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 64.

<sup>159</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 229.

<sup>160</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 259.

<sup>161</sup> Velho, 260.

<sup>162</sup> Velho, 264.

Em suma, os destinatários da missão salesiana são, sobretudo, os jovens que vivem em situações de abandono, perigo e pobreza. Estas palavras refletem dimensões interligadas de vulnerabilidade: ausência de relações de apoio, de recursos materiais, e de exposição a condições que comprometem o seu crescimento espiritual e humano.

### 3.3.3. Protagonismo Juvenil

Os jovens, mais do que simples ouvintes de propostas da pastoral juvenil, são atualmente reconhecidos pelo seu protagonismo. Não se trata só dum protagonismo compreendido como capacidade de dar orientações, mas dum protagonismo que leva os jovens a serem agentes ativos da missão. É isto o que defende o Documento Preparatório para a XV Assembleia geral Ordinária do Sínodo dos Bispos:

Os jovens apreciam a possibilidade de combinar a ação com projetos concretos, nos quais possam avaliar a própria capacidade de alcançar resultados; estamos perante o exercício de um protagonismo destinado a melhorar o contexto em que vivem e a oportunidade de adquirir e aprimorar, no campo, competências úteis para a vida e o trabalho.<sup>163</sup>

O protagonismo dos jovens, na pastoral juvenil, evidencia uma mudança importante na forma como a Igreja se familiariza com os jovens. Em vez de serem considerados apenas meros ouvintes, são vistos como agentes de transformação, chamados a tomar parte e a ter um papel ativo na evangelização.

Por tudo isto, o protagonismo juvenil exerce um lugar fundamental na pastoral juvenil salesiana, assente sobretudo nas suas três dimensões essenciais: *razão, religião, amabilidade*. A pastoral salesiana, na verdade, fornece ao jovem caráter e compromisso, qualidades que os ajudam *a alcançar maturidade e a agir* como discípulos evangelizadores.

O *caráter* requer um certo compromisso e um modo ativo de responder ao contexto juvenil, como no-lo confirma o documento que citámos: «O principal ponto de atenção de todo o dinamismo da pastoral juvenil salesiana é o facto de ela encarar o jovem na totalidade das suas dimensões, das suas relações, na dupla perspetiva da sua pessoa e do seu protagonismo na história».<sup>164</sup> O *Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana* reforça tudo isto, afirmando:

Os jovens precisam de ser protagonistas de si mesmos e de acreditar nas suas capacidades de crescimento e transformação. Querem ser tidos em conta e interpelados. É preciso arriscar neles, confiando-lhes responsabilidades, segundo a sua situação e as

<sup>163</sup> «Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” 813 de janeiro de 2017)», 3, acedido 7 de novembro de 2024, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html).

<sup>164</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 138.

suas capacidades. Não há maturidade sem responsabilização, como não há autoconfiança sem confiança. Os jovens não são objetos, são sujeitos no seu processo de vida.<sup>165</sup>

Nesse contexto, o protagonismo juvenil é incentivado pela responsabilidade e pelas iniciativas que o empenhem a promover as dimensões da vida pastoral. «Uma pastoral juvenil à altura da sua missão não pode pensar nos jovens apenas como destinatários, sujeitos passivos ou meros ajudantes.»<sup>166</sup> Tem de levar em conta que os jovens são chamados a participar plenamente na construção do reino de Deus, e a saber responder aos desafios do seu tempo com compromisso e responsabilidade.

Os documentos do Magistério da Igreja apresentam uma visão geral da realidade do protagonismo juvenil, do seguinte modo: «No âmbito eclesial, a presença dos jovens ganha espaço. Existe hoje a consciência de que toda a comunidade eclesial é responsável pela sua formação e que o jovem tem um protagonismo na vida da Igreja».<sup>167</sup>

Por exemplo, a *Evangelii Gaudium* fala da urgência em tornar os jovens protagonistas da Evangelização: “A Nova Evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada batizado” (EG 120), “Os jovens convidam-nos a despertar e a crescer em esperança, dado que, revelando em si as novas tendências da humanidade, nos ajudam a abrimo-nos ao futuro” (EG108).

A exortação apostólica *Christus Vivit* reforça esta visão:

Não deixeis para outros o protagonismo da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também eu vos peço para serdes protagonistas desta mudança. Acima de tudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, sede capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial. (ChV 174).

Neste texto, a Igreja propõe o protagonismo juvenil como elemento fundamental para a missão. Os jovens não são apenas simples ouvintes da Palavra, são protagonistas da Palavra.

Perante disto, vale a pena recordar de novo a exortação apostólica *Christus Vivit*: «Não basta estimular os jovens e dar-lhes liberdade da ação, para que eles se entusiasmem com a missão nos ambientes juvenis» (ChV 210); é preciso dar-lhes protagonismo. O

<sup>165</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 103.

<sup>166</sup> Cavagnari, *Id y haced discípulos a todos los jóvenes*, 96.

<sup>167</sup> Santos, *Evangelizar com Papa Francisco Comentário à Evangelii Gaudium*, 10.

*Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana*, em sintonia com a exortação apostólica *Christus Vivit*, salienta que o protagonismo deve realçar e incentivar o discernimento.

Que o protagonismo não seja cego... superando as divisões geracionais e certo paternalismo pastoral, é preciso dinamizar a responsabilidade educativa em diálogo franco e aberto, para se valorizar a corresponsabilidade do sujeito na comunidade, tendo em conta a sua maturidade, mas com a consciência de que, quem não se tornar protagonista de si mesmo e do seu diálogo com os outros, jamais poderá envolver-se na aventura da santidade.<sup>168</sup>

Em suma, o protagonismo juvenil não é apenas um ponto de vista teórico, mas uma práxis concreta que transforma a vida dos jovens. Ao sentirem-se agentes ativos, os jovens encontram espaço para servir, crescer e evangelizar.

Com orientação e apoio apropriados, o protagonismo juvenil transforma-se em caminho para uma Igreja viva, acolhedora e dialogante com as necessidades juvenis; os jovens tornar-se-ão comprometidos com o chamamento de Cristo. «Cada comunidade é chamada a prestar especial atenção aos jovens pobres, marginalizados e excluídos, de modo a torná-los protagonistas».<sup>169</sup> Uma pastoral juvenil devidamente orientada culmina no florescimento de esperançosas vocações tanto para a vida religiosa, para o sacerdócio, como para o matrimónio ou para membros de tantas missões da Igreja.

---

<sup>168</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 33.

<sup>169</sup> «Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” 813 de janeiro de 2017», 13.

### 3.4. O nosso Serviço Educativo-Pastoral

O serviço educativo-pastoral constitui um dos pilares da missão da Igreja, na medida em que busca integrar a fé e a educação na formação integral das pessoas que passarão a exercer uma «centrada na caridade fraterna e no amor apostólico e educativo».<sup>170</sup> Desta maneira, “educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem”.<sup>171</sup> A Igreja, na declaração *Gravissimum Educationis* pronuncia-se, de maneira incisiva, sobre a importância da educação.

A Igreja é obrigada a dar, como mãe, a estes seus filhos aquela educação, mercê da qual toda a sua vida seja imbuída do espírito de Cristo; ao mesmo tempo, porém, colabora com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana, no bem da sociedade terrestre e na edificação dum mundo configurado mais humanamente (GE 3).

No âmbito da pastoral juvenil, tal serviço assume um significado de primeiríssima importância, uma vez que exprime a vocação da Igreja. Este serviço deve ser prestado «com seriedade, nunca de qualquer maneira».<sup>172</sup> Precisamente porque, «para a pastoral, os jovens são sujeitos e não objetos».<sup>173</sup>

Uma passagem bíblica do Evangelho de João (15, 15-17), expressa perfeitamente o serviço pastoral e a vocação da Igreja, como algo que exige um compromisso total.

Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer. Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto, e o vosso fruto permanecer, de sorte que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai, Ele vo-lo concederá. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros. (Jo 15, 15-17).

Este trecho retrata o vínculo de amizade e a proximidade de Jesus com os seus discípulos. Tal como Jesus, a pastoral juvenil é chamada a potencializar a proximidade com os jovens, gerando laços que os levem a sentir-se parte da Igreja.

A Igreja oferece aos jovens lugares específicos de encontro e de formação cultural, de educação e evangelização, de celebração e serviço, colocando-os na primeira linha em ordem a uma hospitalidade aberta a todos e a cada um. Para estes lugares e para quantos os animam, o desafio consiste em proceder sempre mais na lógica da construção

<sup>170</sup> Fernando Perez Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, trad. Antônio Silva Ferreira (Brasília: EDB, 2010), 44.

<sup>171</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 844.

<sup>172</sup> Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, 44.

<sup>173</sup> «Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” 813 de janeiro de 2017», 13.

de uma rede integrada de propostas e em assumir, na própria maneira de agir, o estilo do *sair, ver e chamar*.<sup>174</sup>

A título de exemplo, o documento *Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco* expressa o modo como a missão da pastoral juvenil se realiza na missão da Igreja.

A nossa missão participa da missão da Igreja, a qual tem como objetivo o plano salvífico de Deus, o advento do seu Reino, levando aos homens a mensagem do Evangelho, intimamente unida ao desenvolvimento da ordem temporal. Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado iluminado pela mensagem de Cristo, o homem perfeito. Fiéis às intenções do nosso fundador, visamos formar «bons cristãos e honestos cidadãos».<sup>175</sup>

A expressão «bons cristãos e honestos cidadãos» manifesta a preocupação essencial da educação salesiana em proporcionar o desenvolvimento integral dos jovens, a fim de que eles se tornem não meros espectadores, mas participantes da missão.

É importante, dar-mos conta de que o que se propõe aos jovens é, decididamente, a perfeição cristã. Ao fazer isto, partilha com eles a sua própria vida espiritual, o seu caminho de lutas, de superações e de abertura ao Espírito que ilumina o nosso intento e o impulsiona no seguimento de Cristo.<sup>176</sup>

Deste modo, o serviço educativo-pastoral transcende a simples transmissão de aprendizagem, pois visa alicerçar os jovens em todas as suas dimensões, inculcando-lhes valores que conduzam as suas vidas: a sabedoria da Igreja ajudá-los-á a compreender a confiança radicada na experiência do Bom Pastor: «Eu sou o Bom Pastor: o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo 10,11). A metáfora do Bom Pastor impulsiona a Igreja a orientar os jovens e a velar por eles com zelo, proporcionando-lhes ambientes seguros onde possam a vir florescer na fé.

Em vista disso, o documento preparatório sobre a fé e o discernimento vocacional dos Jovens diz o seguinte:

Através dos jovens, a Igreja poderá ouvir a voz do Senhor que continua a ressoar também em nossos dias, como se fez ouvir outrora com Samuel (cf. 1Sm 3, 1-21) e Jeremias (cf. Jr 1, 4-10). Há jovens, hoje, sensíveis aos sinais do tempo apontados pelo Espírito».<sup>177</sup>

É exatamente assim que a missão salesiana deve participar na Missão da Igreja que está alicerçada na «tarefa redentora do Filho de Deus levada até ao fim em união de

<sup>174</sup> «Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” 813 de janeiro de 2017», 14.

<sup>175</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 287.

<sup>176</sup> Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, 142.

<sup>177</sup> «Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” 813 de janeiro de 2017», 2.

amor e de obediência ao Pai. A Igreja, que vive no tempo, tem a sua fonte na Missão do Filho e na Missão do Espírito ». <sup>178</sup> É tendo em conta todos estes dados que a *Declaração Gravissimum Educationis* concebe a educação cristã, como um instrumento ao serviço da Igreja.

No desempenho do seu múnus educativo, a Igreja preocupa-se com todos os meios aptos, mas sobretudo com aqueles que lhe dizem respeito. O primeiro destes meios é a instrução catequética que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente, ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica (GE 5).

Estas referências da Igreja esclarecem bem a sua missão como caminho de evangelização e de discipulado. A *Gravissimum Educationis* acentua ainda:

Pertence à Igreja o dever de educar, não só porque deve também ser reconhecida como sociedade humana capaz de ministrar a educação, mas sobretudo porque tem o dever de anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de comunicar aos crentes a vida de Cristo e de os ajudar, com a sua contínua solicitude, a alcançar a plenitude desta vida (GE 3).

A Igreja, inspirada pelo amor incondicional de Deus, busca acolher os jovens, com o intuito de os desenvolver, mediante uma educação integral, para responderem, na plenitude da Fé, ao chamamento Deus.

Na ação salesiana, o serviço educativo-pastoral revela os objetivos da própria missão: «além dos motivos incluídos na mesma conceção de educação e pastoral, influem um exemplo e uma tradição que fazem deste tema não apenas um aspeto, mas o “coroamento de toda a sua obra». <sup>179</sup> Ou seja, a educação e a pastoral representam a finalidade da missão salesiana:

Educamos os jovens a desenvolverem a própria vocação humana e cristã como vida quotidiana progressivamente inspirada e unificada pelo Evangelho. Ajudamos os jovens a entenderem que a existência de cada um é uma vocação, porque cada um é chamado a viver à imagem e semelhança de Deus. <sup>180</sup>

O serviço educativo-pastoral é precisamente uma missão importante da Igreja; põe-na, na verdade, perante um desafio e uma experiência de encontro «fecundo entre a sensibilidade dos jovens e as propostas da Igreja no que toca aos meios de comunicação e aos âmbitos bíblico, litúrgico, artístico e catequético ». <sup>181</sup> O serviço educativo-pastoral,

<sup>178</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 287.

<sup>179</sup> Velho, 328.

<sup>180</sup> Antenor Velho, trad., *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco* (Brasília: edebê, 2016), 329.

<sup>181</sup> «Documento Preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” 813 de janeiro de 2017)», 15.

embora enfrentando constantes desafios, oferece uma oportunidade para a renovação da Igreja. «Entre evangelização e educação existe um fecundo vínculo genético que, na realidade contemporânea, deve ter em consideração a gradualidade dos caminhos de amadurecimento da liberdade».<sup>182</sup> Assim se compreende que este serviço não é apenas uma das tantas atividades da Igreja, é a forma de tornar visível o amor de Jesus Cristo.

---

<sup>182</sup> Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, 15.

### 3.5. Critério da Ação Salesiana

A ação salesiana, iluminada pela espiritualidade de São João Bosco, «em qualquer ambiente que se desenvolva, compreende sempre no seu âmago o anúncio de Cristo e a solicitude pela salvação dos jovens; a predileção pelos jovens dá sentido a toda a nossa vida». <sup>183</sup> Estamos perante os critérios que orientam a prática educativo-pastoral salesiana.

Essa ação além de determinar a identidade da missão, providencia a coerência e a eficácia da presença salesiana no acompanhamento dos jovens.

Para que a ação salesiana alcance a sua plenitude é fundamental que se tenha como prioridade o serviço aos jovens e que se fundamente continuamente no Sistema Preventivo.

A educação libertadora do sistema preventivo tem em vista acompanhar os adolescentes e os jovens, e particularmente os que já foram marcados por condicionamentos negativos, isto é, por situações que os tornam pobres do ponto de vista sociocultural, económico, moral, espiritual e religioso. <sup>184</sup>

Deste modo, é importante criar um ambiente educativo que proporcione o crescimento integral dos jovens, suscitando-lhes não apenas conhecimentos, mas também oportunidades e valores que os ajudem a superar os obstáculos e a construir um futuro com esperança.

«Para que a ação salesiana se realize tem de dar prioridade aos jovens e de se inspirar constantemente no Sistema Preventivo». <sup>185</sup> Em todas as suas zonas de atuação, a missão salesiana procura providenciar a formação integral dos jovens. Na prática salesiana, a ação salesiana tem as suas raízes na ação educativa e vê em Jesus Cristo como seu modelo.

A ação educativa enraíza-se na maneira de agir de Jesus; não só O toma por modelo, mas expande-O no tempo. Encontra o seu significado integral e uma razão de força maior na mensagem de Jesus Cristo. Mais, encontra no Evangelho a inspiração para ajudar os jovens a amadurecer na liberdade e na responsabilidade. <sup>186</sup>

O Evangelho entra na lógica formativa como parte fundamental na construção coerente da personalidade. Os critérios de avaliação e ação vão-se buscar à pessoa de Jesus Cristo; e o serviço educativo, em ordem à formação integral dos jovens, indaga-se

---

<sup>183</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 56.

<sup>184</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 84.

<sup>185</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 845.

<sup>186</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 62.

constantemente no significado e nas motivações da evangelização. Os seus critérios de avaliação e ação referem-se sempre a Jesus Cristo.

O Evangelho entra na lógica formativa da unidade estrutural da personalidade. Os Seus critérios de avaliação e operacionais referem-se a Jesus Cristo. O serviço educativo que, com inteligência, visa a formação integral dos jovens não tem receio de se questionar continuamente sobre o significado e as razões da evangelização.<sup>187</sup>

Enfim, a ação salesiana, fundada na espiritualidade de São João Bosco, inspirada por seu modelo, Jesus Cristo, reafirma o seu compromisso perante a formação integral dos jovens. Ao priorizar os jovens como centro da sua missão e ao inspirar-se no sistema preventivo para a orientar, a ação salesiana não apenas responde às necessidades educativas e pastorais, mas também garante a coerência e a eficácia da sua presença no mundo.

A arte de educar de modo positivo, propondo o bem em adequadas experiências que empenham, que sejam capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens “a partir de dentro”, fazendo apelo à liberdade interior e contrariando os condicionamentos e os formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens, a fim de os estimular com alegria e satisfação para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro, por meio de uma sólida formação do carácter eis, aqui, uma síntese da missão educativo-pastoral salesiana entre e com os jovens.<sup>188</sup>

O Evangelho, como fundamento e inspiração da sua ação, não apenas acompanha a formação da liberdade e da responsabilidade, mas também sustenta o desenvolvimento de uma personalidade integral. Desta forma, a ação salesiana atinge a sua plenitude, revelando a sua força transformadora para a vida dos jovens e para o seu caminho de descoberta de Cristo.

---

<sup>187</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 62.

<sup>188</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 85.

### 3.5.1. Pastoral Juvenil sinodal

A pastoral juvenil sinodal, no âmbito juvenil, manifesta-se como uma resposta concreta às inquietações, aspirações e necessidades dos jovens, ao reconhecê-los como protagonistas da própria história e da vida da Igreja. Esta abordagem busca renovar e proporcionar um espaço de colóquio e comunhão, onde os jovens se sintam ouvidos e acompanhados, a fim de amadurecerem, dentro da comunidade eclesial, na sua vocação e na sua identidade. Este modelo de pastoral sinodal convida a Igreja a converter-se em presença viva e atenta, capaz de percorrer o caminho com as novas gerações e de responder às suas preocupações e esperanças. Eis o que o Papa Francisco afirma na Exortação Apostólica *Christus Vivit*:

A pastoral juvenil supõe duas grandes linhas de ação. Uma é a busca, a convocação ou o chamamento que atraia novos jovens para a experiência do Senhor. A outra é o crescimento, o desenvolvimento dum percurso de maturação para quantos já fizeram essa experiência (ChV 209).

Este trecho ressalta os dois alicerces essenciais da pastoral juvenil: o acompanhamento que possa levar ao crescimento espiritual e à evangelização.

Estas duas linhas de ação descrevem a missão fundamental da Igreja ao lado dos jovens. Elas chamam a atenção para a urgência de atrair novos discípulos e de aprofundar a fé daqueles que já fizeram a experiência do Senhor. Este é o duplo movimento proposto para a pastoral juvenil pelo Sínodo, que impele a Igreja a caminhar com os jovens, como nos destaca Gustavo Cavnari:

No que se refere aos jovens, a pastoral juvenil, segundo o Sínodo, implica, antes de tudo, sair da armadilha de encarar os jovens simplesmente como «destinatários» da missão eclesial. Sem negar a verdade contida neste termo, a pastoral juvenil não pode ser entendida como um conjunto de projetos e iniciativas «para os jovens», mas sim como um caminho que se percorre com os jovens.<sup>189</sup>

A pastoral juvenil tem de se transformar numa experiência de corresponsabilidade, para que os jovens sejam protagonistas no caminho para a fé. Na verdade, a pastoral juvenil sinodal propõe-se construir uma Igreja onde os jovens, além de devidamente escutados, são valorizados na sua singularidade e no seu desafio específico.

A atenção prioritária atravessa todas as experiências pastorais que se revelam como desafios para todos: para o crente e para o não crente, para quem pertence à Igreja e para quem não pertence, para o jovem e para o adulto. São os desafios inscritos no

---

<sup>189</sup> Cavnari, *Id y haced discípulos a todos los jóvenes*, 117.

interior da própria vida, na sua pobreza e na sua riqueza, na sua dignidade, nos seus dons e nos seus apelos, que a todos se impõem e para todos são promessa.<sup>190</sup>

Portanto, inspirando-se no conceito de caminhar juntos, esta pastoral propõe um processo de discernimento comunitário, onde a experiência de fé dos jovens esteja integrada nas atividades pastorais e nas decisões eclesiais.

No cenário da pastoral sinodal, a escuta dos jovens é essencial para a Igreja ser capaz de entender os novos desafios: «Quando a Igreja, abandonando esquemas rígidos, se abrir para escutar atentamente os jovens, tal empatia enriquecê-la-á na medida em que permite aos jovens darem a sua colaboração à comunidade, ajudando-a a individuar novas sensibilidades e a colocar-se perguntas inéditas» (ChV 65). Será então uma Igreja próxima dos jovens e capaz de os ajudar a responder aos seus anseios.

Esta pastoral inspira-se também nas propostas e nos critérios de uma formação integral e corresponsável. A Comunidade é chamada a orientar e a apoiar, mas também a providenciar espaço para que os jovens tenham o ensejo de experimentar, errar e crescer na fé. Para tal, o Papa Francisco sugere que os agentes pastorais proporcionem iniciativas que impliquem a participação ativa dos jovens: «Quero reafirmar que os jovens são agentes da pastoral juvenil, acompanhados e orientados, sim, mas livres para encontrar caminhos sempre novos, com criatividade e ousadia» (ChV 203). A pastoral juvenil sinodal exige, não um acompanhamento rígido, mas um processo de formação em que os jovens sejam incentivados a tomar decisões e a assumir responsabilidades, num espaço de verdadeira respeito e confiança. Neste sentido:

A pastoral juvenil só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um caminhar junto que implique a valorização através dum dinamismo de corresponsabilidade dos carismas que o Espírito dá a cada um dos membros da Igreja, conforme a vocação e a missão respetivas (ChV 206).

Outros elementos essenciais são a «escuta ativa» e o acolhimento da pluralidade cultural e social dos jovens. A pastoral sinodal reconhece que os jovens vivem em ambientes plurais e complexos que a Igreja deve conhecer e respeitar, a fim de que, neles, o Evangelho possa vir a ser vivido de forma autêntica e significativa por cada jovem. Por esse motivo, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* esclarece:

---

<sup>190</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 69.

Se soubermos escutar aquilo que o Espírito nos está a dizer, não podemos ignorar que a pastoral juvenil deve ser sempre uma pastoral missionária. Os jovens enriquecem muito quando superam a timidez e encontram a coragem de ir visitar as casas, pois, deste modo, entram em contacto com a vida das pessoas, aprendem a olhar para lá da sua família e do seu grupo e começam a compreender a vida numa perspectiva mais ampla (ChV 240).

A Igreja, centrada na Eucaristia, ponto de convergência da vida cristã, «procura um novo tipo de presença e de ação que lhe permita ser tudo para todos, escutar o grito dos pobres, inserir-se nas culturas e fazer ver, em si mesma, Jesus Cristo vivo».<sup>191</sup>

A pastoral salesiana, neste âmbito sinodal, reanima o seu compromisso de caminhar com os jovens.

Uma qualidade característica do estilo educativo de Dom Bosco, este estilo movido e sustentado pela simpatia, pela capacidade de escuta, e também pela informação válida - elementos que criam confiança e abertura, que favorecem a comunicação e facilitam a ação formativa em profundidade. É um estilo que supõe uma atitude do coração aberto e de não pouca ascese.<sup>192</sup>

E assim, a pastoral juvenil salesiana, iluminada pela visão sinodal, está chamada a aprofundar a sua identidade e a sua missão de serviço aos jovens: «caminhar com os jovens, sugerir, motivar, ajudar a crescer e acolher deles estímulos para um processo comum»<sup>193</sup>, incentivando o seu protagonismo e integrando-o totalmente na vida da Igreja; a sua intenção é a de estimular os jovens constantemente a superar toda forma de egoísmo e de individualismo.

«Para se poder viver integralmente a missão salesiana é preciso começar por viver em perfeita *koinonía* (comunhão) a própria pertença a uma comunidade apostólica». <sup>194</sup> É por esta razão que o projeto de vida salesiana propõe que se “encaminhem os jovens a fazer a experiência de Igreja. Isto exige a sua introdução gradual na comunidade cristã, envolvendo-os e tornando-os participantes de sua vida, naquilo que a Igreja tem de mais específico, ou seja, no testemunho da mensagem de amor do Evangelho». <sup>195</sup> Esta práxis sinodal reforça a construção de comunidades educativo-pastorais que favoreçam a oportunidade de aprofundar e renovar constantemente a sua missão entre os jovens e com os jovens.

---

<sup>191</sup> Velho, *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*, 139.

<sup>192</sup> Velho, 732.

<sup>193</sup> Velho, 319.

<sup>194</sup> Velho, 420.

<sup>195</sup> Velho, 315.

### 3.5.2. Pastoral Juvenil popular

A pastoral juvenil tem vindo a desempenhar um papel fundamental na missão evangelizadora da Igreja, particularmente num contexto da pastoral sinodal que impulsiona, além da escuta dos jovens, a sua participação ativa na vida e na missão da Igreja. Não admira, pois, que o *Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana* realce que, para se alcançar uma pastoral verdadeiramente sinodal, é importante começar por formar cada agente pastoral «a caminhar com os jovens, o que permite sugerir, motivar e ajudar a crescer no quotidiano, através de uma relação de tipo libertador, capaz de transmitir os autênticos valores».<sup>196</sup>

É neste âmbito que desponta a pastoral juvenil popular que visa alcançar os jovens nas suas realidades concretas. É esta uma das primeiras experiências de se ser Igreja: «caminhar ao lado do jovem para o ajudar a identificar o seu caminho é uma experiência humanista e de fé que deixa uma marca permanente na sua vida».<sup>197</sup> Trata-se dum caminho que permite chegar àqueles que se encontram distantes das estruturas da Igreja, e promover entre eles uma evangelização e um discipulado de forma acessível e inclusiva.

Em relação com isto, eis o que Gustavo Cavagnari sugere: «Numa pastoral juvenil popular, os espaços de encontro da comunidade com os jovens serão espaços mais deles do que nossos, mais flexíveis do que estruturados, mais sinceros do que aparentes, mais renovadores do que conformistas».<sup>198</sup> No tocante a esta dimensão, a *Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus Vivit* ressalta a relevância de envolver os jovens na história de fé viva, marcada pela comunhão, pela proximidade e alegria:

Para se poder animar uma pastoral popular no mundo dos jovens, é indispensável aprender a sondar os sentimentos do povo, a tornar-se seus porta-vozes e a trabalhar pela sua promoção. Quando falamos de povo, não se devem entender tanto as estruturas da sociedade ou da Igreja, mas o conjunto de pessoas que não caminham como indivíduos, mas como uma comunidade de todos e para todos e que impede que os mais pobres e frágeis fiquem para trás (ChV 231).

A pastoral juvenil popular parte do princípio de que todos os jovens têm direito a descobrir Cristo e a experimentar a alegria do Evangelho. É um facto que «o anúncio do

<sup>196</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 150.

<sup>197</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 117.

<sup>198</sup> Cavagnari, *Id y haced discípulos a todos los jóvenes*, 165.

Reino de Deus é uma mensagem de vida, de esperança, de alegria, uma boa notícia para o ser humano». <sup>199</sup> Nesta perspectiva extensiva, a alegria do Evangelho converte-se num princípio de mudança, dando aos jovens a possibilidade de vivenciarem a dignidade de serem amados por Deus.

*O Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana* salienta: “A nossa missão fundamental é a de propor aos jovens, com alegria e coragem, a vivência da existência humana como foi vivida por Jesus Cristo”. <sup>200</sup> Estamos perante uma pastoral que procura anunciar a mensagem de Cristo de forma acolhedora e acessível.

A alegria é a porta da entrada, na pastoral juvenil popular; mais do que um entusiasmo de momento, é um testemunho vivo que resulta do encontro pessoal com Jesus Cristo. Esta alegria manifesta-se nos pequenos gestos do convívio quotidiano, nos momentos de partilha e nas celebrações comunitárias, tudo o que possa dar aso a um ambiente onde os jovens se sentem amados, valorizados e acolhidos. Como expressava Dom Bosco: «Aqui nós fazemos consistir a santidade em estar sempre alegres”. Cumprimos o dever com o coração a transbordar a graça. “Sirvamos ao Senhor com alegria». <sup>201</sup>

Iluminada pela pedagogia salesiana, esta pastoral caracteriza-se pelo «anúncio da salvação aos pobres, sinal por excelência do Reino de Cristo». <sup>202</sup> A pastoral salesiana considera como sua principal missão “a opção preferencial pelos jovens, sobretudo pelos mais pobres, o que nos leva aos ambientes populares em que eles vivem” <sup>203</sup>

A pastoral juvenil popular revela-se como uma expressão autêntica da missão duma Igreja fortemente enraizada no espírito evangélico, a mesma fonte donde bebe o carisma salesiano. Numa sociedade progressivamente mais marcada pelas complexidades e pelos desafios, a pastoral juvenil popular renova a promessa de caminhar com os jovens, na medida em que os ajuda a encontrar a alegria de viver em Cristo e a assumir responsabilidade na construção de um mundo mais solidário e justo.

---

<sup>199</sup> Miranda França, *Um Cristianismo sinodal em construção a fé cristã na atual sociedade*, 21.

<sup>200</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 33.

<sup>201</sup> Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, 132.

<sup>202</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 67.

<sup>203</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, 67.

### 3.5.3. Pastoral Juvenil Vocacional

A pastoral juvenil vocacional é uma dimensão essencial na missão evangelizadora da Igreja, ocupa um lugar decisivo na vida e na missão da Igreja. É na verdade um lugar privilegiado para acompanhar os jovens a descobrir um possível chamamento especial de Deus. Num mundo marcado por desafios e incertezas, esta pastoral proporciona um ambiente de acolhimento e reflexão, em que os jovens são ajudados a discernir o chamamento de Deus.

No contexto da exortação *Christus Vivit*, o Papa Francisco salienta que a vocação é um «chamamento de Deus à vida e à amizade com Ele, e um chamamento à santidade» (ChV 248). É um chamamento a seguir Jesus Cristo mais de perto, a fim de descobrir n'Ele o plano de vida que Deus sonhou para cada jovem. Deste modo, a pastoral juvenil vocacional é um lugar privilegiado para o discernimento vocacional, para procurar atrair os jovens a um itinerário de fé e maturidade, levando-os a reconhecerem os talentos e dons que possuem, bem como o programa de vida mais conveniente para eles.

O Papa Francisco propõe: «devemos pensar que toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional» (ChV 254). Se esta afirmação é válida, chegamos à conclusão de que toda a pastoral juvenil é vocacional, isto é, tem como objetivo ajudar a discernir o chamamento de Deus para Ele.

Afirmar que a pastoral juvenil é vocacional tem com objetivo destacar que a pastoral juvenil deve estar capacitada para acompanhar adequadamente o processo de discernimento dos jovens na escolha e no cumprimento concreto da vida cristã. (cf. ChV 242, 291).<sup>204</sup>

Este processo implica ajudar os jovens a compreenderem os seus talentos, desejos e dons. «Seguir este processo é um elemento essencial da pastoral juvenil que deve assumir como um dos seus principais compromissos caminhar mais de perto com os jovens,<sup>205</sup> impulsionando o pleno desenvolvimento das suas vidas segundo «o projeto de amor de Deus para cada um deles» (ChV 149). “A dimensão vocacional, portanto, é parte integrante da pastoral juvenil”. Esta só será completa e eficaz se se abrir a esta dimensão.<sup>206</sup>

<sup>204</sup> Cavagnari, *Id y haced discípulos a todos los jóvenes*, 180.

<sup>205</sup> Cavagnari, 180.

<sup>206</sup> Cavagnari, 180.

A pastoral juvenil vocacional parte de três elementos fundamentais, o discernimento, a escuta e o acompanhamento, a fim de tornarem os jovens capazes de identificar a sua vocação na Igreja e no mundo.

O discernimento é um processo que envolve grande espírito de ajuda aos jovens, mediante uma presença fundada na confiança»,<sup>207</sup> tendo como fonte iluminadora e dinamizadora o Evangelho e o exemplo de tantas figuras que se dedicaram totalmente, no discipulado de Cristo, à evangelização, como no-lo recorda o documento para o acompanhamento espiritual: “acompanhar exige uma contínua atitude de discernimento do caminho que se vai fazendo, a partir das situações concretas do dirigido e da vontade de Deus sobre ele em cada etapa do itinerário espiritual que se vai percorrendo.”<sup>208</sup>

A escuta e o diálogo têm de ser momentos de confiança e proximidade onde os jovens partilham, com um mestre, os seus sonhos e inquietações. O Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana salienta: «Para sermos fiéis à missão e ao destinatário é fundamental, antes de tudo, a disposição de escuta e docilidade à ação do Espírito».<sup>209</sup> Inspirando-se no sistema preventivo de São João Bosco, a pastoral juvenil salesiana, valoriza o espírito de escuta e confiança dos agentes pastorais.

O acompanhamento é um dos elementos essenciais na pastoral vocacional. O documento sobre Acompanhamento Espiritual ressalta: «Pelo acompanhamento espiritual, Dom Bosco ajuda os jovens a encontrar o seu caminho na vida, dispondo os jovens expõem-se à ação do Espírito Santo».<sup>210</sup>

A pastoral juvenil vocacional não pode esquecer que a vocação é também uma resposta concreta ao conjunto de desafios que surgem das mudanças sociais, culturais e espirituais. Além da vivência da fé cristã, a consciência destes desafios pode levar os jovens a discernirem a sua vocação à luz do Evangelho.

---

<sup>207</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 226.

<sup>208</sup> Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, 51.

<sup>209</sup> Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana, «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência», 128.

<sup>210</sup> Leal, *Dom Bosco e o acompanhamento espiritual dos jovens*, 102.

## Conclusão

O discipulado, enquanto fundamento da evangelização, revela-se como uma componente fulcral para a vida e missão da Igreja. O discipulado encontra as suas raízes na própria vida de Jesus Cristo, que chamou e formou os seus discípulos para serem testemunhas do Reino de Deus.

Desde os princípios da Igreja, o discipulado assumiu-se como o alicerce da transmissão da fé, não apenas como uma prática individual, mas como uma vivência comunitária que manifesta e partilha o amor de Deus com o mundo. No entanto, tal missão enfrenta, hoje, novos desafios, marcados pelo secularismo, pelo individualismo e por uma crescente indiferença em relação aos valores cristãos, particularmente entre os jovens. Este contexto requer da Igreja uma renovação constante, que passe por um retorno à essência do discipulado: a relação pessoal com Cristo e a vivência de um amor generoso e transformador.

Por outro lado, a análise do discipulado como fundamento da evangelização assume a necessidade de um esforço significativo na formação dos discípulos. Esta formação, que vai além do simples conhecimento teológico, requer uma transformação integral da pessoa, a fim de que o discípulo possa viver de forma autêntica a fé que anuncia. É este o único caminho para que o anúncio do Evangelho seja verdadeiramente fecundo e eficaz.

Assim, a Igreja é chamada, em todos os seus domínios, a promover um discipulado que seja vivido em comunhão e compromisso, adaptando-se aos tempos atuais, sem perder o bálsamo do Evangelho. Por esta razão, o discipulado não é simplesmente uma resposta a uma necessidade pastoral, é a própria identidade de quem segue Jesus Cristo.

O discipulado, enquanto fundamento da evangelização é, inclusive, uma base fundamental para a pastoral juvenil, salientando-se como um caminho privilegiado para formar jovens que sejam protagonistas da fé e agentes de transformação. Ao longo desta dissertação, procurámos mostrar que o discipulado não é simplesmente uma experiência de seguimento pessoal de Cristo, mas também uma vivência comunitária e missionária que compreende todos os pontos de vista da vida cristã.

No contexto da pastoral juvenil, o discipulado assume uma pertinência ainda maior, uma vez que os jovens, no seu entusiasmo e na sua capacidade de abertura, formam o

presente e o futuro da Igreja. A pastoral juvenil, inspirada no modelo do discipulado, deve privilegiar o acompanhamento pessoal e espiritual dos jovens, ajudando-os a encontrar em Jesus Cristo a resposta para os anseios e inquietações profundas das suas vidas. Este acompanhamento deve estar alicerçado no acolhimento, na escuta da palavra e na proposta de uma vida de oração, comunhão e serviço.

A evangelização, em particular junto dos jovens, exige uma abordagem ousada e criativa, que dialogue com a cultura contemporânea sem dispensar a autenticidade do Evangelho. O discipulado, neste contexto, apresenta-se como algo que permite aos jovens descobrir e encontrar a sua identidade em Cristo, desenvolver as suas capacidades e assumir uma missão na sociedade e na Igreja.

Além disto, a pastoral juvenil deve criar um ambiente onde os jovens sejam capazes de experimentar a força da comunidade, aprender o valor do serviço e crescer numa fé madura.

Por fim, o discipulado na pastoral juvenil não é simplesmente uma resposta às necessidades dos jovens, mas também uma oportunidade para revitalizar a Igreja, que se torna mais viva e relevante ao envolver as novas gerações. Assim, o discipulado, enquanto fundamento da evangelização, encontra na pastoral juvenil um terreno fértil para crescer e dar frutos abundantes, fazendo com que os jovens sejam verdadeiros discípulos missionários, comprometidos com a construção de um mundo mais justo, mais solidário e enraizado no amor de Deus.

## Bibliografia

### Documentos do Magistério

«*Catecismo da Igreja Católica*» (1992). Acedido a 2 de janeiro de 2024, [https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)

Bento XVI, Carta encíclica “*Deus caritas est*” (2005). Acedido a 10 de agosto de 2024, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)

CELAM, *Documento Aparecida* (2007). Acedido a 10 de abril de 2024, <https://anec.org.br/biblioteca/documento-de-aparecida-2007/>

Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática “Lumen Gentium”* (1964). Acedido a 14 de abril 2024, [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)

Concílio Vaticano II, *Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”* (1965). Acedido a 14 de fevereiro 2024, [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)

Concílio Vaticano II, *Declaração “Gravissimum Educationis”* (1965). Acedido a 22 de janeiro 2024, [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html)

Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução pastoral “Donum Vitae”* (1987). Acedido a 20 de agosto de 2024, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20081208\\_dignitas-personae\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html)

Decreto Vaticano II, “*Apostolicam actuositatem*” (1965). Acedido a 20 de fevereiro 2024, [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)

Francisco, Exortação apostólica “*Evangelii gaudium*” (2013). Acedido a 10 de janeiro de 2024, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal “*Christus vivit*” (2019). Acedido a 30 de agosto de 2024, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html)

João Paulo II, Carta Encíclica “*Evangelium Vitae*” (1995). Acedido a 30 de maio de 2024, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html)

João Paulo II, Carta encíclica “*Redemptoris Mater*” (1987). Acedido a 25 de abril de 2024, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html)

João Paulo II, Carta encíclica “*Redemptoris missio*” (1990). Acedido a 20 julho de 2024, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)

João Paulo II, Carta encíclica “*sollicitudo rei socialis*” (1987). Acedido a 2 junho de 2024, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html)

João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal “*Catechisi tradendae*” (1979). Acedido 10 de junho de 2024, [https://www.vatican.va/content/Johnpaulii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_16101979\\_catechisi-tradendae.html](https://www.vatican.va/content/Johnpaulii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechisi-tradendae.html)

João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal “*Christifideles laici*” (1988). Acedido a 10 de maio de 2024, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html)

Paulo VI, Carta Encíclica “*Humanae Vitae*” (1968). Acedido a 17 janeiro de 2024, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html)

Paulo VI, Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” (1975). Acedido a 12 de março de 2024, [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)

## Estudos

Augustin, George. *Por uma Igreja em saída: Impulso da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Traduzido por António Maia Rocha. Petrópolis: Vozes, 2019.

Bartolomé, Juan José. *Vinde após Mim: Traço específicos do seguimento de Jesus*. Madrid: CCS, 2020.

Bauder, Wolfgang. «Atrás, depois, de trás». Em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

- Blendinger, Christian. «Discipulo, Seguir, Imitar, Após». Em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Bock, Darrell. L. «Lucas». Em *Novo dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Vida, 2009.
- Brown, Raymond. *Comentário ao Evangelho segundo João*. Traduzido por Valter Graciano Martins. Santo André-SP: Paulus e Academia Cristã, 2020.
- Cantalamessa, Raniero. *A nossa fé o credo meditado e vivido*. Vozes, 2023.
- Carneiro, Stenio. «A Bíblia comentada à luz da Doutrina Católica». Joinville, 2016.
- Coenen, Lothar. «Chamar; chamada, convite, chamado, convidado, apelar para convocar». Em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- . «Dicionário internacional de teologia do novo testamento». Vida Nova, 2000.
- Dicastério Pastoral Juvenil Salesiana. «A Pastoral Juvenil Salesiana Quadro de Referência». Roma: Salesianos, 2014.
- Díez, Felicísimo Martínez. *Crer Em Jesus Cristo Viver como Cristão Cristologia e Seguimento*. Traduzido por Margarida Maria Osório Gonçalves. Navarra, Espanha: Verbo Divino e Estella, 2007.
- Diocese do Porto. «Orientações Diocesanas de Pastoral». Porto, 1991.
- «Dominus Iesus- PO». Acedido 11 de fevereiro de 2025. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html).
- Douglas, J. D, J. I Packer, e J. R. W Stott. «Novo Dicionário de Teologia». Em *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2011.
- Floristán, Cassiano, e João José Tamaya. *Diccionario abreviado de pastoral*. Estella España: Verbo Divino, 1988.
- França, R. T. «Os quatro Evangelho». Em *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- Gordon, Bob, e David Fardouly. *Os Fundamentos da Vida Cristã: Um Guia Prático para o Crescimento Cristão*. Espanha: Carisma, 1994.
- Harrington, Daniel. J. «O Evangelho Segundo Marcos». Em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- J. B. dos Reis, Gildásio. *Elementos essenciais para o educador cristão fundamentos Bíblico, Teológicos e Pedagógicos para o ensino e o discipulado*. Rio de Janeiro: God Books, 2024.

- Karris, Robert J. «O Evangelho Segundo Lucas». Em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- Kidner, Derek. «Os Profetas». Em *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- Marmion, Columba. *Christ the Ideal of the Monk; Spiritual conferences on the monastic and religious life*. Estado Unidos da America: Paraclete Press, 2014.
- Memore, Restori. *A Missão no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- Moreira, Gilvander Luís. *Lucas e Atos: uma teologia da história*. Brasil: Paulinas, 2004.
- Muller, Dietrich. «Aprendiz, aluno, discípulo, aprender». Em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Pereira Carlos, José. *Liturgia da Palavra II Reflexões para os domingos, solenidade, festas e memórias*. São Paulo: Paulus, 2014.
- Perkins, PHEME. «Evangelho Segundo João». Em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- Rocha, Georgino. *Crescer na Fé e Anunciar a Alegria do Evangelho*. Cascais: lucerna, 2014.
- Santos, Benedito Beni. *Evangelizar com Papa Francisco Comentário à Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2014.
- Senior, Donald, e Carroll Stuhlmueller. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- Velho, Antenor, trad. *O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco*. Brasília: edebê, 2016.
- Viviano, Benedict. T. «O Evangelho Segundo Mateus». Em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- Whitefield, Samuel. «Discipleship begins with Beholding». One King, 2020.
- Wright, Christopher J. H. *A missão do povo de Deus uma teologia bíblica da missão da Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2012.